

REVISTA **ALPL**

Edição No 1
Londrina, Novembro de 2018



ASSOCIAÇÃO
LIVRE

Apresentação da Revista ALPL

Mais um passo no caminhar da Associação Livre - Psicanálise em Londrina. Considero esta frase como uma boa definição para a Revista ALPL, projeto idealizado e concretizado pelos membros desta instituição.

Celebrando seu sexto aniversário, a ALPL, primando pelo objetivo de transmitir e fazer circular a Psicanálise, lança e se lança em mais um espaço de trabalho. Um espaço para as letras daqueles que têm a Psicanálise freudo-lacaniana como ética de uma estética possível para a existência. Uma publicação digital e anual, aberta à contribuição de psicanalistas e de profissionais de outras áreas que dialoguem com a Psicanálise. Assim, nasce a Revista ALPL em novembro de 2018.

Além de estar aberta à submissão de artigos que tenham como mote a Psicanálise em intensão e/ou em extensão, em seus mais variados recortes, a Revista ALPL conta também com duas seções para a publicação de ensaios e uma seção destinada a resenhas ou entrevistas. Assim, em Nossos Tempos, o leitor encontrará ensaios psicanalíticos que versem sobre questões contemporâneas de relevância social e seus efeitos e articulações com o sujeito e a clínica. Na seção Diálogos, teremos a contribuição de outras áreas que se disponham a dialogar com a Psicanálise, favorecendo ao leitor um exercício de interlocução, sempre necessário à práxis. Por fim, mas não com menor importância, será possível apreciar uma resenha de livro ou filme ou, ainda, a transcrição de uma entrevista com um psicanalista.

Que a pegada desse novo passo seja a marca de um ato e, como tal, anuncie o começo de algo novo e, desejamos, frutífero e duradouro.

Zeila Torezan
Coordenação Editorial.

Revista ALPL N.1
Ano 2018

Projeto Gráfico
Gabriel Xavier Felipe

Corpo Editorial
Zeila Facci Torezan - coordenação
Ana Cláudia Raymundi Spigai
Cleide Vitor Mussini Batista
Josani Campos da Silva
Sílvia Helena de Rezende Siste Maia

Associação Livre - Psicanálise em Londrina
Rua João Wyclif 111, sala 302
86055-710 - Londrina Pr - Brasil
E-mail: revistaalpl@gmail.com
www.associacaolivrepsonianalise.com.br

Índice

Editorial	4
Artigos	6
Escrituras del a, consideraciones clínicas	8
A corrente dourada do fantasma	15
Do Círculo à Elipse: formalização clínica a partir da teoria dos discursos	22
A simples inexistência	29
O Fantasma e o Outro	34
Os Discursos e a Verdade na Experiência Analítica	41
Nossos Tempos	48
Diálogos	51
Entrevista	59
Normas de submissão e publicação	68

Links

[Apresentação](#)

[Corpo Editorial](#)

[Normas para Publicação](#)

[Endereço de Contato](#)

[Edição Atual](#)

[Edições Anteriores](#)

A Revista ALPL não poderia estrear de melhor maneira. Este número inaugural é, honrosamente, aberto e fechado com a generosa contribuição de dois psicanalistas de suma importância no cenário clínico nacional e internacional, além de contar com a inestimável colaboração e interlocução com uma profissional do campo da História da Arte e de cuidadosos textos de membros da Associação Livre – Psicanálise em Londrina.

Assim, o leitor inicia sua jornada guiado pela topologia lacaniana nas letras de CLARA CRUGALK com **Escrituras do a, considerações clínicas**, cujos rigor conceitual e amplitude clínica seriam espantosos se já não conhecêssemos o trabalho da autora. Partindo da dimensão não especular do objeto a através da leitura do esquema óptico, passamos pelo cross cap onde o corte pode discernir as funções de causa e resto do objeto a, para chegarmos ao encaixe de a no centro do nó borromeu. Tal percurso culmina com o desenvolvimento sobre a escritura de a no sinthoma, destacando o singular como mote da clínica psicanalítica.

Na sequência, em **A corrente dourada do fantasma**, ANA MÁRCIA FERNADES TUCCI DE CARVALHO possibilita um recorte sobre o tema do fantasma na clínica psicanalítica, alinhando matemática e psicanálise de forma clara e precisa. Retomando as bases freudianas sobre um conceito central à prática analítica, o artigo reaviva a importância e ilumina (reflexo da luz na corrente dourada?) a leitura do percurso lacaniano sobre a lógica do fantasma em seu valor de realidade do sujeito.

Arrisco dizer que o seminário O avesso da psicanálise pode ser considerado como pertencente a um tempo de concluir no trabalho lacaniano e, como tal, abre portas para um novo instante de ver no ensino de Lacan. A proposta de EDINEI HIDEKI SUZUKI de formalização clínica através dos quatro discursos me parece estar de acordo com o valor desse seminário. **Do Círculo à Elipse: formalização clínica a partir da teoria dos discursos viabi-**

liza a entrada no universo dos discursos como uma forma de leitura do percurso de uma análise, contemplando questões da atualidade e suas implicações para o fazer psicanalítico.

Em meu texto, compartilho algumas construções sobre como a diferença radical entre os sexos, como a não relação sexual, concerne ao saber do psicanalista. **A simples inexistência** é um texto breve sobre temáticas densas, o que não se deu ao acaso ou por reducionismo. Pôr em cena a dimensão real do Um se alinha com o desafio e o exercício, que me são muito caros, de transmitir almejando o simples, por acreditar que ele é fruto de um percurso extenso de trabalho e tem muito potencial para tocar e despertar o outro ao qual se dirige.

O fantasma volta à baila com MARINA PINTO DE PAULA, onde a relação entre **O fantasma e o Outro**, explicitada no título, é desenvolvida através de um cuidadoso tratamento dos conceitos aí implicados. A autora explora o grafo do desejo e o matema do fantasma levando o leitor ao trabalho sobre o tema de forma sempre articulada ao funcionamento subjetivo.

Encerrando a seção **Artigos, Os discursos e a verdade na experiência analítica** retoma a importância da formalização dos quatro discursos para a prática analítica. ANA CLÁUDIA DE SOUZA RAYMUNDI SPIGAI apresenta a estrutura discursiva proposta por Lacan e percorre cada uma das quatro posições detalhadamente, culminando no trabalho sobre o título do seminário XVII, ou seja, sobre o fato da psicanálise ser o avesso do discurso do mestre.

Na seção **Nossos Tempos**, JOSANI CAMPOS DA SILVA propõe um olhar sobre o contemporâneo e sua relação com os estados depressivos, tão comuns nos dias de hoje. **Tempo, contemporaneidade e depressão: um ensaio psicanalítico** é guiado pela ética da psicanálise e transita com leveza pelo tema a que se propõe, convocando à reflexão sobre o nosso cotidiano e retomando aspectos fundamentais daquele que é denominado sujeito do desejo.

Abrimos o espaço **Diálogos com Encontros e desencontros entre arte e psicanálise**, contribuição generosa e instigante de MARTA DANTAS. A autora, com desenvoltura, traça um panorama histórico sobre o tema proposto, abordando o conceito de sublimação e marcando as

devidas diferenças entre Freud e Lacan no tratamento da questão. Com olhar crítico, sempre bem vindo a uma boa interlocução, a autora faz jus à seção, convidando o leitor ao diálogo.

Por fim, fechamos esse primeiro número com chave de ouro: **Sobre o ato analítico**, entrevista concedida por AURÉLIO SOUZA, trata o tema de forma densa e extensa, mas com a clareza e leveza que lhe são características. A partir dos desenvolvimentos de Lacan no seminário O Ato Analítico, o entrevistado tece uma síntese exemplar da temática em causa e seus desdobramentos no que tange à produção de um psicanalista e à importância de sua pertença a uma instituição psicanalítica. Avançando no tempo do ensino lacaniano, AURÉLIO nos fala sobre as mudanças na concepção de sujeito e no trabalho clínico trazidas pela topologia da cadeia borromeana, aceitando o desafio de uma formulação própria sobre o ato analítico.

Os mais sinceros agradecimentos aos autores supracitados por nos confiarem suas valiosas produções e participarem deste ato de criação da Revista ALPL. Muito obrigada aos membros do Corpo Editorial pela disposição e dedicação ao trabalho e a todos os membros da ALPL pelo apoio e colaboração de diversas maneiras. Um agradecimento especial ao nosso designer pelo cuidadoso trabalho de criação deste projeto gráfico.

Boa leitura e até o próximo número!

Zeila Torezan
Coordenação Editorial

Escrituras del a, consideraciones clínicas

A corrente dourada do fantasma

Do Círculo à Elipse: formalização clínica a partir da teoria dos discursos

A simples inexistência

O Fantasma e o Outro

Os Discursos e a Verdade na Experiência Analítica

**Arti
gos**



Escrituras del a , consideraciones clínicas

Escrituras do a , considerações clínicas / Écritures de l'objet petit a , considérations cliniques

Clara Cruglak¹

Resumen

El propósito de este texto es delimitar un recorrido que permita situar, en la escritura del objeto a desde la dimensión no especularizable, la función causa y la función resto. Luego ir a la introducción del nudo, para encontrarnos con el objeto a como punto de encaje irreductible de un nudo de sentido, con la intención de poder llegar a localizar la causa objetivada en la escritura del sinthome.

Palabras clave: Objeto a . Escrituras. Sinthome.

Resumo

O propósito deste texto é realizar um percurso que permita situar, na escritura do objeto a desde a dimensão não especular, a função causa e a função resto. Em seguida, ir à introdução do nó para encontrarmos o objeto a como ponto de encaixe irreductível de um nó de sentido, com a intenção de poder chegar a localizar a causa objetivada na escritura do sinthoma.

Palavras-chave: Objeto a . Escrituras. Sinthoma

Abstract

The purpose of this text is to perform a path that allows to place in the writing of the object a from the non-specular dimension, the cause function and the rest function. Then we go to the introduction of the borromean knot to find the object a as the irreducible fitting point of a knot of meaning, with the intention of being able to locate the cause objectified in the writing of the sinthome.

Keywords: Object a . Written. Sinthome

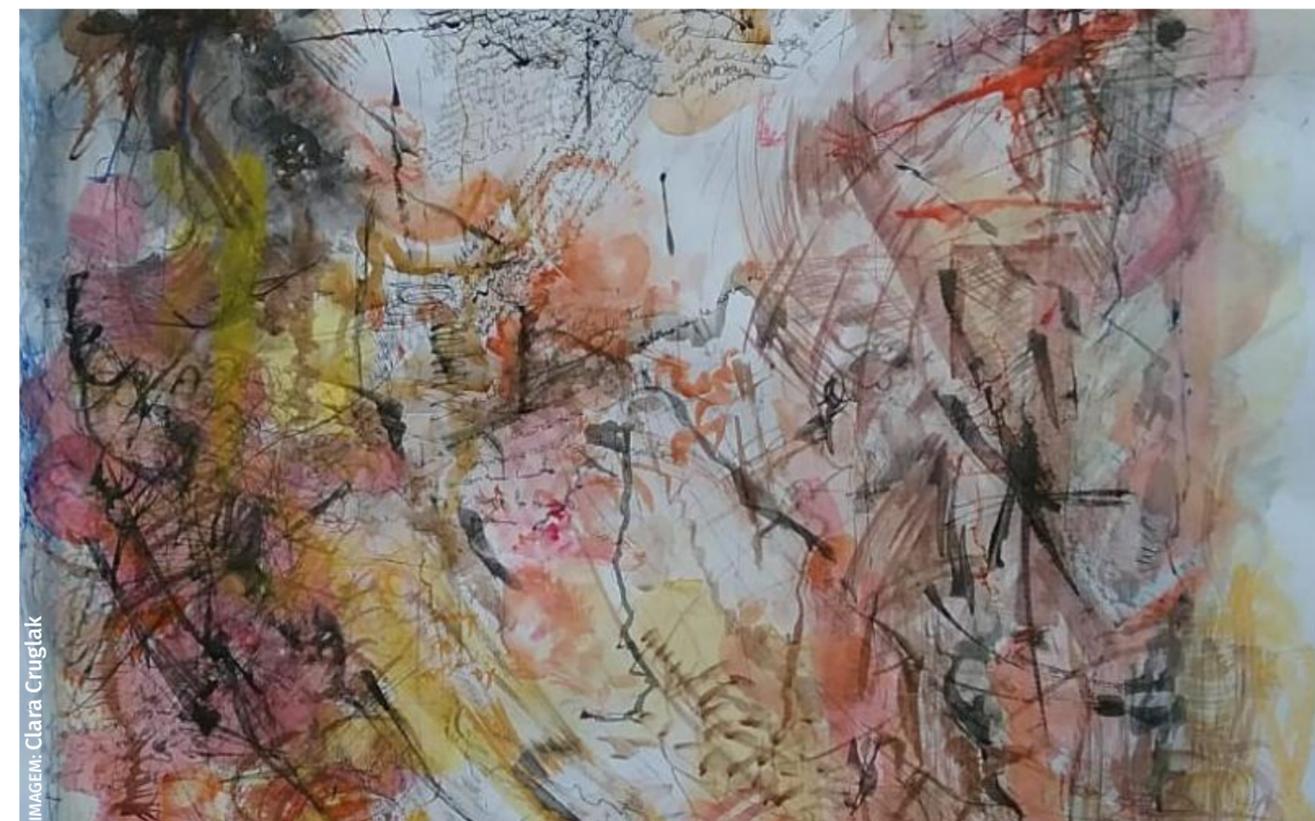


IMAGEM: Clara Cruglak

El tema que alienta estas líneas se desarrolla en relación a lo que se puede considerar como aquellos modos de escritura de los que se valió Lacan para transmitir el alcance y la eficacia clínica del objeto a . Me interesan ciertas modificaciones que son apreciables en el desarrollo de su enseñanza cuando otorga funciones al objeto a que operan desde diferentes lugares en la estructura. Entiendo que se trata de algo que, al propio Lacan, la clínica le muestra como constante. Se trata de algo que se le hace evidente desde el comienzo, y es el modo en que lo va gestando lo que hace del objeto a una invención. Inventa un saber sobre el objeto.

El objeto a no responde por ningún objeto del mundo, no posee ninguna sustancialidad que permita ser medible o calculable dentro de los parámetros de la estética kantiana, ni las coordenadas cartesianas. La letra " a " nos introduce en el uso de lo que sabemos y conocemos

Por la eficacia del corte, angustia síntoma y fantasma se conjugan en la instancia contingente que el falo cese de no escribirse. Puede que no suceda, y que entonces el análisis gire en redondo sin que se marquen las vueltas

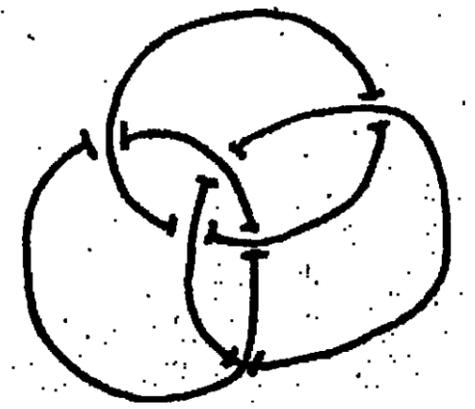
como el álgebra lacaniana. Ese sistema de letras y signos articulados a una lógica muy precisa, muy ajustada cada vez y cuya escritura se sostiene en una muy diversificada mostración: en grafos, en esquemas y en formas topológicas hasta llegar a la escritura nodal. Si tratásemos de situar en la obra de Lacan razones clínicas que den cuenta de esos momentos en su transmisión en los que propone funciones y dimensiones bien diferenciados del objeto, tendríamos ocasión de retomar formulaciones sobre la angustia, el síntoma, el fantasma, la identificación, el deseo del analista, el fin del análisis y el sinthome. La lista es extensa e intensa, merece ser tratada en otra ocasión.

Voy a comenzar por el momento en el cual Lacan formula que la angustia no carece de objeto, con el aforismo bien conocido por todos: "[...] la angustia no es sin objeto" (Lacan, 2006a, p. 50). Revisa, a partir de allí el estatuto del a , indicando la dimensión no especularizable.

Mientras expone la ambigüedad propia de la dimensión del objeto que opera en el registro especular propone "[...] otro modo de imaginarización" (Lacan, 2006a, p. 50). para definir este objeto.

jero o hendidura. Algo que muestra que en los dominios de la causa hay algo del orden de lo no realizado.

Si seguimos avanzando en el recorrido que les propuse, llegamos a la introducción del nudo borromeo. Que, como es de público conocimiento, lo recibe de una persona encantadora durante una amena velada, previa al seminario en el cual se esforzaba con la téttrade de los verbos.



Lo utiliza entonces para traducir la fórmula: te pido rechazar lo que te ofrezco porque **no es eso**. Eso es el objeto a. El objeto a **está en el encaje de los tres del nudo**, enlazado de tal manera que hay dos apilados y otro que pasa por abajo del que está abajo, por arriba del que está arriba. Con este algoritmo se teje y se trama la cadena borromea, si corto uno se desarma. Estos verbos sostienen la demanda entre el sujeto y el Otro, porque allí se sitúa la función del a como efecto de ese nudo de sentido. Sentido, aquí, es la orientación que adquiere la demanda porque cada uno de los verbos, al nombrar algo, cobra sentido en relación a los otros.

No es eso quiere decir que, en el deseo de toda demanda se aloja el reclamo del objeto capaz de satisfacer el goce. Es el objeto que Lacan diversifica o especifica en las especies del objeto. El **no es eso** está en el centro, en el agujero sosteniendo lo que hay de vacío en toda demanda y aloja un deseo sin otra sustancia que la que se asegura con los propios nudos. Ese centro, encaje, aparece señalado como topos, como lugar común a los tres verbos, al que no se puede más que llenar desde lo imaginario. Esto no quiere decir que el objeto a sea lo imaginario. Sí, es un hecho que se lo imagine con lo que se puede, o sea, con las especies del objeto. Pero esto no va en desmedro del al-

El objeto a no responde por ningún objeto del mundo, no posee ninguna sustancialidad que permita ser medible o calculable dentro de los parámetros de la estética kantiana, ni las coordenadas cartesianas.

Para dar cuenta del corte entre dos piezas diferentes de las cuales hay una que tiene imagen especular y la otra que no la tiene, el recurso a esta superficie topológica vuelve posible la figuración de dos partes. Efectuado el corte se obtiene una banda de Moebius verificable por su único borde en doble vuelta, que como bien sabemos responde por la estructura del sujeto y un casquete esférico al cual le adscribe la función de resto del objeto a.

Es un corte que produce tres elementos claves para discernir las funciones que intenta situar: la función causa, la función resto y yo agregó el valor del borde en doble vuelta. Si intentamos localizar la presentación de la causa, desde el corte en el cross-cup, podemos apreciar que cuando me refiero al valor de la doble vuelta estoy tratando de indicar que en las dos partes, producto del corte, está involucrado el borde. Ambas partes tienen un borde en doble vuelta efecto del corte. El objeto en tanto resto está causado por lo mismo que relanza la causa del deseo del lado del sujeto.

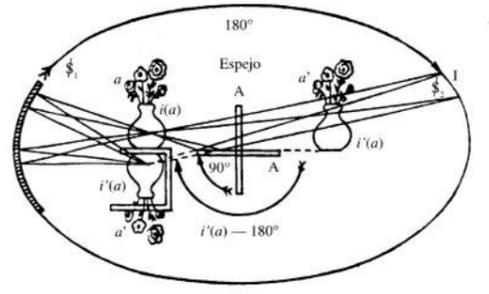
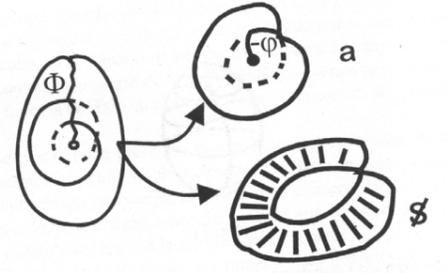
¿Esto que implica? Que el punto que esta fuera de línea, el que buclea la línea allí, presenta una hiancia. Una abertura que en ambas partes permite localizar lo que falta en la otra con funciones diferenciadas de la función fálica

Esta mostración de corte en la superficie del cross cap permite localizar la función (-φ) del falo imaginario en el objeto en tanto es resto de la operación, y en el efecto sujeto la función del Φ (falo) en su dimensión simbólica. Cabe decir algo de la causa, sobre todo teniendo en cuenta que, cada vez que tratamos de asirla en alguna definición se escurre: "Por el contrario, cada vez que hablamos de causa, siempre hay algo anticonceptual, indefinido" (Lacan, 1986, p. 29). Es la falta misma de concepto que se presenta como una hiancia, agu-

¿Y cómo opera el sinthome? No solo repara el error-lapsus sino que al hacerlo también verifica el agujero haciendo entonces que el anudamiento se sostenga borromeamente.

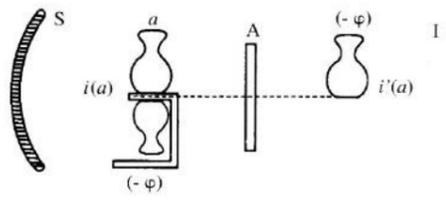
El imaginario especular, el del ramo invertido, no es suficiente. De esta manera pone en cuestión la dimensión del objeto, cuando presenta la función causa y la función resto, ligadas a las especies del objeto, llevando al límite el esquema óptico. Aquí está referido al falo que aparece en menos, como un blanco. Se refiere a (-φ) notación de la castración en lo imaginario que aparece bajo la forma de una falta. Es llamativa la expresión "forma de una falta" que pretende forzar en el plano virtual ¿Cómo podríamos figurar una forma de lo que no hay, o no está? ¿de algo que falta?. No hay imagen de la falta. Configurar su eficacia en la estructura es presentarla cortada de la imagen: "El falo es sin duda una reserva operatoria, pero ella no sólo no está representada a nivel de lo imaginario sino que se halla delimitada y, digámoslo, cortada de la imagen especular" (Lacan, 2006a, p. 52). Es entonces que Lacan avanza en la formulación de la angustia diciendo que ella surge cuando **falta la falta**, allí donde no tendría que haber nada, allí surge como afecto la única subjetivación del objeto. Esto quiere decir que, si lo que soporta el reflejo del sujeto en el plano virtual, es la falta en el Otro y esto es lo que viene a faltar, porque no acude a la cita, en el lugar del reflejo determinado por (-φ) notación de la castración imaginaria, aparecerá algo sustancializado por el goce. Algo que no tendría que estar allí.

Es que allí falta el corte que ponga en forma la falta para que propicie que el goce condescienda al deseo, le de su lugar al deseo. Este es un punto que quiero dejar marcado ya que es por aquí que la estructura de la angustia y la estructura del fantasma se relacionan. Por la eficacia del corte, angustia síntoma y fantasma se conjugan en la instancia contingente que el falo cese de no escribirse. Puede que no suceda, y que entonces el análisis gire en redondo sin que se marquen las vueltas. Cuando, por observación del fenómeno de la angustia, Lacan recurre a la superficie topológica del cross cap, lo que nos va a interesar es la función de corte.



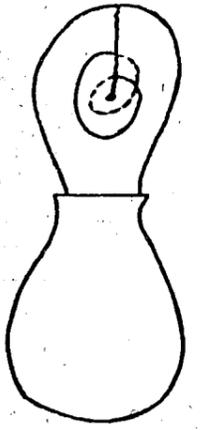
Esquema completo

El imaginario especular, el del ramo invertido, no es suficiente. De esta manera pone en cuestión la dimensión del objeto, cuando presenta la función causa y la función resto, ligadas a las especies del objeto, llevando al límite el esquema óptico.



Esquema simplificado

Así es como se lo ve embarrullado en la reunión 9 de enero de 1963 del seminario dedicado a la Angustia, cuando infructuosamente trataba de insertar en el esquema óptico, sobre la imagen i(a) en la boca del florero, algo del orden de un borde desdoblado.



Lo guiaba la intención de mostrar que, si bien el investimento de la imagen especular es un tiempo fundamental de la relación ima-

cance del a en ese lugar del encaje como lo que se aprieta y se ajusta en el nudo. Lo que queda en el encaje es el objeto a como efecto del nudo de sentido. “El objeto a, es allí —dice Lacan— que eso se anuda” (Lacan, 1971-1972, p. 51). Eso **que no es** se hace allí cara real del objeto en la escritura. Es una imagen escrita que cobra todo su valor real en tanto soporta la escritura del anudamiento mismo

Los verbos anudados: pedir, rechazar, ofrecer cobran sentido por sostenerse de a tres y si se pretende prescindir de alguno de ellos el sentido **se disipa** para los tres. **Disipar** en el diccionario de la RAE es: hacer que algo se desvanezca por separación de las partes que lo forman. No estoy diciendo que se pierde, digo se disipa porque estoy pensando en una frase pronunciada por Lacan en la que dice: “No creemos en el objeto, pero constatamos el deseo; y, de esta constatación del deseo, inducimos la causa como objetivada” (Lacan, 2006b, p. 37)

Esto me lleva a pensar que cuando el deseo se constata como causa objetivada, hay una liberación o desujeción del Otro que puede ser pensada en el terreno de la libertad que habita la locura. Lo que pasa, cuando el sentido se disipa, es que cesaría ese reclamo de los objetos como sustitutos del Otro para convertirlos en causa del deseo. Se trata también de una liberación del peso, de la carga del sentido que venía del campo del Otro. Libertad para generar otro sentido.

Por eso es que, pienso que la insistente pregunta de Lacan (que por fortuna no respondió), sobre si Joyce estaba loco, nos permite seguir avanzando hacia los interrogantes que se plantean en relación al sinthome, la dirección de la cura y el fin del análisis.

La disipación del sentido la supongo solidaria de la idea de que “[...] lo real, tal como nosotros hablamos de él, está completamente desprovisto de sentido” (Lacan, 1975a, p. 27).

En tanto la causa sea objetivada, cuando el deseo se constata, no se trataría ya del objeto en tanto causa del deseo. Esto es entonces lo que podemos situar allí donde Lacan nos hace observar el deseo de Joyce: “[...] ser leído por generaciones” (Lacan, 2006b, p. 13).

Un deseo sin otra sustancia que la que se asegura con los propios nudos, había dicho más arriba. Esto propicia plantear la siguiente pregunta:

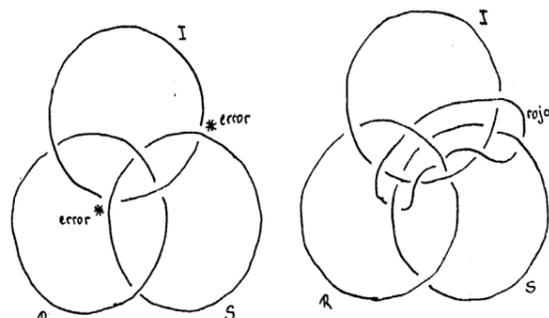
¿qué pasa con el objeto a en el sinthome? ¿Dónde situarlo, como se escribe?

Esta es mi lectura y es lo que abro al interés del lector:

El objeto a no podrá situarse en el encaje del nudo, porque justamente este encaje es el que va a faltar cuando el encadenamiento precise la reparación para anudarse borromeamente. La localización del lapsus o error en alguno de los puntos de cruce está dado por la operación del Sinthome.

¿Y cómo opera el sinthome? No solo repara el error-lapsus sino que al hacerlo también verifica el agujero haciendo entonces que el anudamiento se sostenga borromeamente. Pero el topos del encaje que localizamos “[...] **porque no es eso**” (Lacan, 1971-1972, p. 51), en el nudo de tres, ya no lo podemos situar como agujero que escribe la cara real del objeto. Ahora, en cambio, nos encontramos con el “[...] **pero no eso**” (Lacan, 2006b, p. 6) sustraído al todo. **Me pantez**, lo singular relevado por Lacan en el Organon, como la oposición descartada por Aristóteles a lo Universal. **Pan, me pantez: todo pero no eso.**

“El **pero no eso** —dice Lacan— es lo que introduzco bajo mi título de este año como el sinthome” (Lacan, 2006b, p. 6). El lazo que remeda los cruces, en tanto sinthome, genera el anudamiento y localiza la causa objetivada



en su misma consistencia.

Lacan lo esclarece al considerar en Joyce, que es por su arte que este cuarto término enlaza el nudo de lo Imaginario, de lo Simbólico y de lo Real. Es su arte que da sustancia a la consistencia de ese cuarto término, que como elemento del nudo también comporta la existencia y el agujero. Pero además lo que dice Lacan es que justamente “[...] el deseo de ser un artista que ocuparía a todo el mundo —enfatisa— el mayor mundo posible en todo caso, es compensatorio del hecho, que su padre no ha sido jamás para él un padre” (Lacan, 1975b, p. 3)

Si la causa en tanto objetivada, puede ser tomada en los términos que la estoy planteando, el mundo posible abierto por el arte indica una vía hacia el saber hacer. Allí donde el padre que nombra no accede. ¿Pero es que el arte se vuelve entonces condición necesaria al fin del análisis? No es nuestra intención —diremos siguiendo a Lacan— que no se trata para nosotros en absoluto de llevar a alguien a hacerse un nombre ni a hacer una obra de arte. Lo nuestro consiste en incitarlo a pasar por el buen agujero de lo que le es ofrecido, a él, como singular. El me pantez, insiste.

La incitación a pasar por el buen agujero, el que verificado por la sustancia dicha arte, o artificio o lo que sea de ese orden que comprometa un saber hacer, alude al fin del análisis. Retomo la frase que quiero resaltar: “No creemos en el objeto, pero constatamos el deseo; y de esta constatación del deseo, inducimos la causa como objetivada” (Lacan, 2006b, p. 37).

Se trata de inducir la causa. Inducir, persuadir, ocasionar. In: sinónimo de: hacia dentro, (como por ejemplo: introducir) ducere: que se puede traducir por conducir, finalmente el sufijo “cion” que es equivalente a acción y efecto. Acción y

Si bien el investimento de la imagen especular es un tiempo fundamental de la relación imaginaria, es fundamental porque tiene un límite y este límite es que no todo pasa a la imagen. Y este no todo es algo que quiero subrayar.

efecto de conducir hacia dentro y por dentro. Un lazo que verifica el agujero ordenando los cruces induce la causa. La causa objetivada se escribe con la sustancialización del lazo borromeo, es esto mismo lo que induce a pasar por el agujero, confronta lo verdadero a lo real en el límite de la metáfora.

Si, entonces el arte. Si, en tanto consideremos que el arte del que uno es capaz, adquiere un valor notable para cada uno en la medida de **lo singular que está en juego en el saber-hacer, sin juicio alguno en un mundo posible.**

Ni el mejor creado por Dios como lo pretendía Leibniz, ni el mayor deseado por Joyce. Simplemente Sinthome que anuda el buen agujero, el singular.

¹ Psicoanalista, A.M.E e A.E – Escuela Freudiana de Buenos Aires, Argentina.

Lacan, J. (1971-1972) *...o peor: Seminario XIX*. Inédito. Versión crítica de Ricardo Rodríguez Ponte para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase del 9 de febrero de 1972.

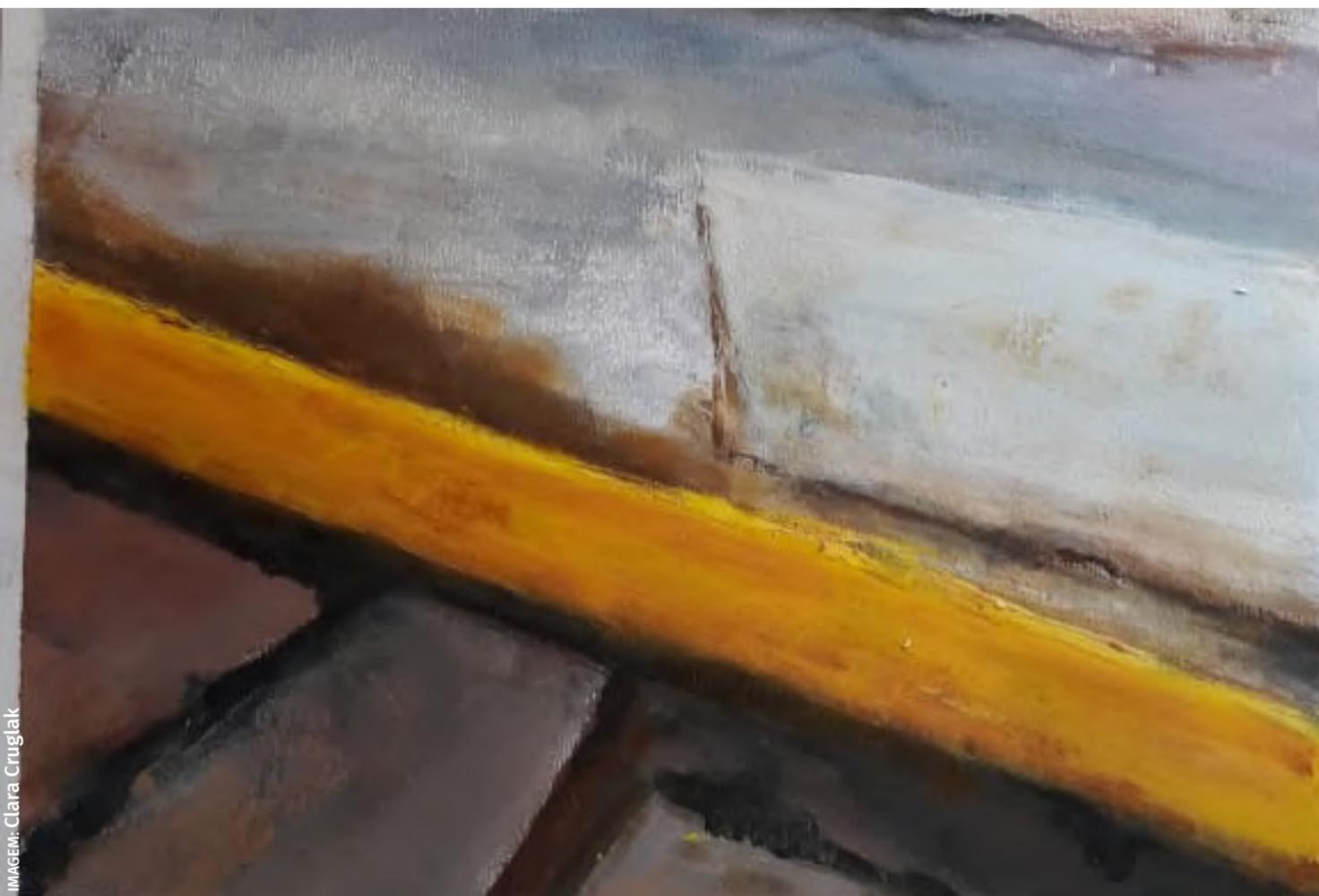
Lacan, J. (1975a). *Conferencias y charlas en universidades norteamericanas*. Inédito. Versión crítica de Ricardo Rodríguez Ponte para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Yale University, Kanzer Seminar del 24 de Noviembre de 1975.

Lacan, J. (1975b). *El placer y la regla fundamental: Intervención acerca de la exposición de André Albert*. Inédito. Traducción de Carlos Ruiz para la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

Lacan, J. (1986). *El seminario. Libro XI. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis (1964)*. Buenos Aires. Paidós.

Lacan, J. (2006a). *El seminario. Libro X. La angustia (1962-1963)*. Buenos Aires. Paidós.

Lacan, J. (2006b). *El seminario. Libro XXIII. Le Sinthome (1975-1976)*. Buenos Aires. Paidós.



A corrente dourada do fantasma¹

The phantom's golden chain / La chaîne d'or du fantasme

Ana Márcia Fernandes Tucci de Carvalho²

Resumo

O tema da V Jornada da Associação Livre-Psicanálise Londrina, realizada em novembro de 2017, versou sobre o conceito de fantasma para Lacan. Na caminhada deste trabalho, esse tema é explorado lançando-se um olhar sobre Freud, sobre Lacan e emprestando alguns fatos da Matemática. Este trabalho procura expressar esse movimento de percurso, de estar traçando um caminho, com vistas a um fim, além da aproximação com e a apreensão de um conceito da psicanálise lacaniana, o conceito de fantasma, visando à prática clínica. O resultado desta busca pode ser pensado como um esforço em direção a uma prática 'mais leve'. Compartilhar este percurso não significa que a apropriação do conceito esteja finalizada. Eminentemente teórico, o percurso de exploração do conceito não poderia deixar de tomar seu início em Freud, o qual considera três fases para a fantasia. Passando pela Matemática, para expor a definição de razão áurea, somos conduzidos até Lacan, tomando o significante como marca da possibilidade de estruturação lógica para o fantasma. O fantasma atua como proteção, como suporte ao sujeito, e também como obstáculo, como limite. A Psicanálise nos ensina que, muitas vezes, é preciso percorrer caminhos circulares, dar outra volta em torno dos mesmos conceitos e tomar mais tempo. Este trabalho não é um fim, trata-se mais de um começo.

Palavras-chave: Psicanálise lacaniana. Fantasma. Razão Áurea.

Abstract

The theme of the V Journey of the Associação Livre-Psicanálise Londrina, held in November 2017, dealt with Lacan's concept of phantom. In this work, this theme is explored by looking at Freud, at Lacan and by lending some facts of Mathematics. This work tries to express the movement of this course, to trace a path, aiming at an end, as well as the approximation to a concept of Lacanian psychoanalysis, the concept of phantom, aiming at clinical practice. The result of this search can be thought of as an effort toward a 'lighter' practice. Sharing this course does not mean that the appropriation of the concept is complete. Eminently theoretical, the exploratory course of the concept had to take its beginning in Freud, which considers three phases for fantasy. Going through Mathematics, to expose the definition of golden reason, we are led to Lacan, taking the signifier as the mark of the possibility of logical structuring for the phantom. The phantom acts as protection, as a support to the subject, and also as an obstacle, as a limit. Psychoanalysis teaches us that we often have to go through circular paths, take another turn around the same concepts and take more time. This work is not an end, it is more of a beginning.

Keywords: Lacanian Psychoanalysis. Phantom. Golden ratio.

Résumé

Le thème de la V Journée de l'Association Livre-Psychanalyse Londrina, tenue en novembre 2017, traitait du concept de fantôme pour Lacan. Au cours de ce travail, ce thème est exploré en regardant Freud, Lacan et en prêtant quelques faits de la Mathématique. Ce travail essaye d'exprimer ce mouvement, de tracer un chemin, en vue d'un bout; l'approximation avec, l'appréhension d'un concept de la psychanalyse lacanienne, le concept de fantôme, visant à la pratique clinique. Le résultat de cette quête peut être considéré comme un effort vers une pratique plus «légère». Partager ce parcours ne signifie pas que l'appropriation du concept est complète. Eminentement théorique, le parcours exploratoire du concept ne pouvait pas manquer de prendre son origine chez Freud, qui considère trois phases pour la fantaisie. En passant par les mathématiques, pour exposer la définition de la raison d'or, nous sommes conduits à Lacan, prenant le signifiant comme la marque de la possibilité de la structuration logique pour le fantasme. Le fantasme agit comme une protection, comme un soutien au sujet, et aussi comme un obstacle, comme une limite. La psychanalyse nous enseigne que nous devons souvent emprunter des chemins circulaires, prendre un autre tournant autour des mêmes concepts et prendre plus de temps, que ce travail n'est pas une fin, c'est plutôt un début.

Mots-clés: Psychanalyse lacanienne. Fantôme. Nombre d'or.



Introdução

O tema da V Jornada da Associação Livre-Psicanálise Londrina, realizada em novembro de 2017, versou sobre o conceito de fantasma para Lacan. A palavra ‘jornada’ significa, para o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss & Villar, 2001), um “‘trajeto que se percorre num dia’, caminhada, andada, viagem” (p.1687) e ainda: “qualquer coisa que possa se entender como uma passagem em relação a um fim que se tenha em vista” (Houaiss & Villar, 2001).

Este trabalho procura expressar esse movimento de percurso, de estar traçando um caminho, com vistas a um fim. Aborda também a aproximação com e a apreensão de um conceito da psicanálise lacaniana, o conceito de fantasma. O ‘fim em vista’ é a clínica. O resultado dessa busca pode ser pensado como um esforço. Compartilhar esse percurso não significa que a apropriação do conceito esteja finalizada, pois não me parece que ‘finalizamos’, que encapsulamos um conceito lacaniano qualquer. Há sempre um melhor dizer, um outro tempo, uma próxima releitura de Lacan.

Antes ainda do desenvolvimento deste trabalho, há uma pequena consideração que penso ser necessária: um título que exige explicação não me parece um bom título. Assim, primeiro desenvolverei o texto, cujo tema central é, como acabei de assinalar, o conceito de fantasma, e o leitor poderá, ao final, julgar se o título prestou-se à adequação ou não.

Este trabalho possui três destaques: Freud, Lacan e a topologia/geometria.

Um trecho de percurso em Freud & Lacan

Em 1919, Freud escreve o texto “*Batem numa criança – contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*”, texto que ficou conhecido como “*Batem numa criança*” (Freud, 2010). Nesse texto, Freud se espanta com a frequência com que a fantasia de que uma criança é espancada surgia em análi-

Para articularmos uma relação como lógica, precisamos nos deter e nos atentar que existe uma dependência radical com a função do significante.

se (vou usar o termo fantasia neste momento de discussão do texto freudiano). Freud se debruça sobre alguns exemplos (seis: quatro mulheres e dois homens), mas decide comentar apenas os femininos, alegando que constituem a maioria do material. Além disso, as fantasias de surra dos homens relacionam-se a outro tema (que ele, Freud, não volta a abordar).

Para Freud, há três fases distintas nessa fantasia. A primeira, representada pela frase “Meu pai bate na criança que odeio” (Freud, 2010, p.302), a qual significa “Meu pai não ama esse outro, ama somente a mim”. Há uma criança que apanha e não é a criança que fantasia. Nessa primeira fase, a criança apresenta, nas palavras de Freud, uma fantasia “não puramente sexual, mas tampouco sádica, mas o material de que surgirão depois as duas coisas” (Freud, 2010, p.305). Assim, para Freud, essa escolha de objeto de amor representa que a criança atingiu o estágio da organização genital e o autor aponta que, como resultado dos impulsos de amor incestuosos (amor da criança pelo pai), surge uma consciência de culpa. Por sua vez, essa consciência de culpa, como castigo, inverte o triunfo sentido pela criança, e aparece a segunda fase da fantasia: agora a própria criança que fantasia é a criança que apanha do pai. “Sou castigada pelo

O falo permite considerar a razão (ratio), a divisão, a proporção, a porção, produz uma estimativa, ‘uma medida’ do desejo. Eis o número de ouro, o dourado, aquilo que reluz.

meu pai”, uma fantasia de surra masoquista. Para Freud, é a fase mais importante e também inconsciente. Essa fase é marcada por prazer:

Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela, e desta última fonte retira a excitação libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo (FREUD, 2010, p.308).

Na terceira fase da fantasia a pessoa que bate *nunca é o pai*, ela permanece indefinida ou é um representante dele (um professor, por exemplo). No lugar de uma única criança que apanha, *há muitas crianças*, aparece uma pluralidade, há um desaparecimento do sujeito. Segundo Freud, nessa fase, a fantasia é portadora de uma forte e inequívoca excitação sexual, e como tal, permite a satisfação masturbatória, assumindo um caráter essencialmente sádico, novamente, já que na primeira fase também apresentava esse caráter. Freud utiliza-se dos exemplos dessas fantasias para discorrer sobre a gênese das perversões infantis, considerando que seriam precipitados do complexo de Édipo.

Lacan comenta o texto de Freud em vários momentos, por exemplo, n’O *Seminário, Livro 4: a relação de objeto* (Lacan, 1995). Nesse texto, Lacan destaca que os três momentos, as três fases destacadas por Freud, colocam em voga a situação fantasmática, mas ressaltando personagens diferentes. Na primeira fase, comporta três personagens: o agente da punição, o que se submete à punição e o sujeito. A situação ternária instalada porta a marca da estrutura subjetiva. Na segunda fase, há dois personagens, situação ambígua, onde o sujeito se encontra numa posição recíproca com o outro. Finalmente, na terceira fase, o sujeito é reduzido ainda mais, há a dessubjetivação do sujeito.

Lacan defende que Freud não se restringiu a um caráter fundamentalmente imaginário no texto que citamos, para frisar incessantemente a importância de considerarmos a rede de significantes. Aponta que existe não uma relação com o objeto, mas uma relação com a falta de um objeto na teoria analítica, destacando a função essencial da palavra.

N’O *Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* (Lacan, 1999), ao retomar o tema, Lacan vai ressaltar o caráter central da relação do sujeito com o significante, já apontado por Freud. Na primeira etapa, a fantasia primitiva ressalta que o pai não ama a criança que é espancada e é isso que dá prazer ao sujeito que assiste ao espancamento. Mesmo antes do Édipo, o pai está presente (Lacan, 1999, p. 246). No segundo momento, reconstruído na análise, vem à luz a relação francamente libidinal que o sujeito mantém com o pai, já estruturada à maneira edípica. Finalmente, o terceiro tempo apresenta uma série

de crianças, série neutra, trazendo outra vez o caráter fundamental do destaque da figura do pai como despótico, onipotente.

Assim, nas palavras de Lacan, se

o Nome-do-Pai tem a função de significar o conjunto do sistema significante, de autorizá-lo a existir, de fazer dele a lei [...] devemos considerar que o falo entra em jogo no sistema significante a partir do momento em que o sujeito tem que simbolizar, em oposição ao significante, o significado como tal, isto é a significação. (LACAN, 1999, p. 248).

O falo é o significante que funda a significação. Na fantasia tratada por Freud, o significante 'eu apanho' introduz o 'eu sou reconhecido', eu apanho porque existo, eu sou amado. O falo é um significante, é o significante do desejo, como afirmado n'O Seminário 5 (Lacan, 1999, p. 386), é estruturador do campo sexual e organizador do campo do desejo. Nas palavras de Lacan, em seu texto A significação do falo, que está nos Escritos, (Lacan, 1998, p. 700), "O falo como significante dá a razão do desejo (na acepção em que esse termo é empregado como "média e razão extrema" da divisão harmônica)". Isto é, o falo permite considerar a razão (*ratio*), a divisão, a proporção, a porção, produz uma estimativa, 'uma medida' do desejo. Eis o número de ouro, o dourado, aquilo que reluz.

Um trecho de percurso na Matemática

Em Matemática, a divisão harmônica é um tipo especial de partição (razão/ratio) de um segmento e é conhecida por várias expressões: razão áurea, divisão harmônica, divina proporção, ou ainda, média e extrema razão. Foi estudada pelos gregos antes mesmo do tempo de Euclides de Alexandria, que viveu em 300 a.C.

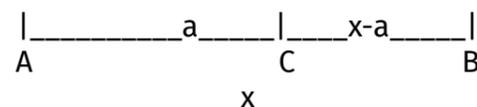
Euclides descreveu esse particular tipo de divisão de um segmento em seu livro Os Elementos (Euclides, 2009), no qual fez uma compilação de toda a matemática grega conhecida à época, fornecendo a base para a axiomatização da geometria.

A etimologia do termo razão é *rationem*, do latim, que significa cálculo, conta, medida, regra. É derivado de *ratio*, participio passado de *reor*, ou seja, determino, estabeleço e, portanto, julgo, estimo.

Nas palavras de Euclides (2009, p.231), "Uma reta é dita estar cortada em extrema e média razão quando como a toda esteja para o

maior segmento, assim o maior para o menor".

Figura 1



Fonte: Autor.

Assim, diz-se que um ponto C divide um segmento x em média e extrema razão, se a razão entre o segmento todo AB e o maior segmento obtido na divisão AC é igual à razão entre o maior dos segmentos AC e o menor CB, ou seja, $AB/AC = AC/CB$.

O escultor grego Fídias utilizava-se dessa proporção em suas obras, e por isso, a letra grega ϕ (phi, minúsculo) foi adotada para designá-la. Lacan utiliza a mesma letra, acrescida do sinal negativo, para indicar a castração.

Se utilizamos incógnitas para denotar os tamanhos dos segmentos, por exemplo, se o tamanho total do segmento é x e após a divisão, o maior pedaço/corte obtido for denotado por a, podemos escrever a relação de proporcionalidade por meio de uma equação, cujo desenvolvimento origina uma equação do segundo grau, que pode ser resolvida por meio de procedimentos bem conhecidos em matemática (fórmula de Bâskhara, por exemplo). De fato, temos que $x/a = a/(x-a) \Leftrightarrow x(x-a) = a^2 \Leftrightarrow x^2 - ax - a^2 = 0$ ou $(x+1)/1 = 1/x \Leftrightarrow x(x+1) = 1^2 \Leftrightarrow x^2 - x - 1 = 0$.

Resulta disto que, se tomamos o segmento todo, tendo medida uma unidade, a raiz positiva (isto é, a solução positiva desta equação) é 0,618033989...; agora, se escolhermos como unidade o menor segmento após a partição, a solução positiva da equação é 1,61803...

Curiosamente, a multiplicação destes dois números é 1, logo um número é o inverso do outro. Há muitas 'curiosidades' matemáticas relacionadas a essa razão, entre elas: ϕ é o único número que diminuído de uma unidade torna-se seu próprio recíproco, isto é, é o único número positivo que satisfaz a relação $\phi - 1 = (1/\phi)$, o que equivale a $\phi^2 = 1 + \phi$. Ainda, se no segmento original, fazemos um prolongamento do tamanho do maior segmento do corte original, obtemos outra vez a mesma proporção no novo segmento. Lacan utilizará essas proprie-

dades matemáticas no *Seminário 14, a lógica do fantasma* (Lacan, 2008).

Essa razão aparece em diversas situações na matemática, por exemplo, entre os elementos de polígonos regulares como: pentágonos, estrelas pentagonais, em um tipo especial de espiral logarítmica, na construção do decágono regular, na construção do pentágono regular, em vários

Duas questões se colocam prontamente: o que quer dizer Lacan quando afirma que "O falo como significante dá a razão do desejo"? A segunda questão é: como o fantasma está inserido nessa problemática?

poliedros regulares e na sequência de Fibonacci.

Luca Paccioli (que viveu entre os séculos 15 e 16) escreveu um livro chamado De divina proportione em 1509, o qual foi ilustrado por Leonardo da Vinci. Nessa obra há várias figuras planas e sólidas que apresentam a razão áurea ϕ . O próprio Da Vinci, em seu famoso desenho conhecido por *Homem de Vitruvius*, também utilizou essa proporção.

Há quem defenda que o número de ouro ϕ aparece nas artes, no corpo humano, nas flores, na formação das árvores, na disposição das folhas em certas plantas, nos frutos, nas danças clássicas, nas grandes catedrais da Idade Média, na Arquitetura, nas conchas de náutilus³. Há quem defenda que não se trata de encontrar o número de ouro em muitos desses casos⁴. Para os matemáticos, não importa.

Duas questões se colocam prontamente: o que quer dizer Lacan quando afirma que "o falo como significante dá a razão do desejo (na acepção em que esse termo é empregado como "média e razão extrema" da divisão harmônica)"? (Lacan, 1998, p.700). A segunda questão é: como o fantasma está inserido nessa problemática?

Mais um trecho de percurso em Lacan

Começo a articular de alguma forma esses pontos por meio de dois seminários relativamente, e aparentemente, afastados temporalmente, o *Seminário Livro 6: O desejo e sua interpretação* (Lacan, 2016) e o *Seminário 14: A Lógica do fantasma* (Lacan, 2008).

Durante o Seminário 6 Lacan já havia oferecido o matema para o fantasma, a (S barrado

punção objeto pequeno a). O símbolo losango vertical \diamond , que representa a punção, pode ser visto pela junção de quatro símbolos simultâneos, maior $>$, menor $<$, V (ou) e \wedge (e), e é um "signo forjado expressamente para nele reunir o que pode dele isolar-se, conforme vocês o separem por um traço vertical ou com um traço horizontal" (Lacan, 2008, lição 1, p.14).

De um lado está o sujeito barrado, nos dizeres de Lacan, "daquilo que o constitui propriamente, enquanto função do inconsciente" (Lacan, 2008, lição 1, p.12), e, uma vez que o inconsciente é estruturado como

uma linguagem, abarcando o simbólico. De outro lado, está o objeto -a, o gozo, registro real. Lacan ressalta que "o sujeito é barrado nessa função de se e somente se com o pequeno a" (Lacan, 2008, lição 1, p.12). Não existe correspondência, não existe equivalência.

O matema traz em si uma relação lógica com o significante, nas palavras de Lacan: "Há sujeito a partir do momento em que fazemos lógica, isto é, em que temos que manejar significantes" (Lacan, 2008, lição 1, p. 14). Para articularmos uma relação como lógica, precisamos nos deter e nos atentar que existe uma dependência radical com a função do significante.

No grafo do desejo, o matema do fantasma aparece localizado no terceiro andar, no lado esquerdo do grafo, acima, como resposta oferecida à pergunta: "Che vuoi?" ("que queres?"). O fantasma é a resposta à pergunta feita pelo grande Outro "Che vuoi?", invertida pelo sujeito: O que quer ele de mim?

O fantasma é "o ponto de amarração con-

Eis a corrente. Para Lacan, o fantasma funciona como suporte, quando nada mais serve para articular o sujeito como sujeito de seu discurso inconsciente. Seu fantasma o sustenta, o prende.

creto onde atracamos nas margens do inconsciente” (Lacan, 2016, p. 424). Eis a corrente. Para Lacan, o fantasma funciona como suporte, quando nada mais serve para articular o sujeito como sujeito de seu discurso inconsciente. Seu fantasma o sustenta, o prende.

Dessa forma, se, para o senso comum, o fantasma é pura imaginação, invenção, prestando-se a toda a sorte de amedrontamentos, *contrapondo-se à realidade, para Lacan, o fantasma é a realidade do sujeito.*

A realidade não é mais que uma ‘montagem’ (Lacan, 2008, lição 1, p.19) do simbólico e do imaginário, e o desejo, estatuto do real, apenas é alcançado num ‘entrevisto’, quando “a máscara que é aquela do fantasma, vacila” (palavras da lição 1 no Seminário 14). Algumas lições mais adiante, na lição 12, de 22 de fevereiro de 1967, Lacan retoma a citação anterior “o falo como significante dá a razão do desejo (na acepção em que o termo é empregado – como média e extrema razão”; (Lacan, 2008, p.218). Lacan esclarece que a ideia é “colocar uma ordem, uma medida, no que se trata no ato sexual enquanto ele tem relação com a função da repetição” (p. 218). E continua na lição seguinte, de 01 de março de 1967, “brincando” com a razão áurea, introduzindo outras de suas propriedades matemáticas. Lacan frisa que não se trata de uma razão comum, que os segmentos, cujos cortes são denotados por ele como sendo objeto pequeno-a e grande Outro, A, não podem ser comparados e são incomensuráveis (no sentido matemático), uma vez realizado o corte. Lacan escolheu a razão áurea, pois essa relação, estabelecida pelo corte “se especifica por uma acentuação, ao mesmo tempo de uma pureza de relação toda especial” (Lacan, 2008, lição 13, 01 de março de 1967). Enfim, trata-se de uma medida, há uma razão, um

ratio, e mais ainda, as propriedades dessa razão introduzem uma reprodução em si e uma falta.

Assim, se o fantasma é a nossa maneira de estar no mundo, como afirma Tysler (2014), só a análise permite um melhor dizê-lo, torná-lo nossa “corrente dourada”.

Certamente, não chegamos ao fim de um percurso. No emaranhado de enunciados lacanianos, segurar o fio de Ariadne não é tarefa fácil. A Psicanálise nos ensina que, muitas vezes, é preciso percorrer caminhos circulares, dar outra volta em torno dos mesmos conceitos e tomar mais tempo.

¹ Texto apresentado na V Jornada Associação Livre-Psicanálise Londrina – com o tema O Fantasma, realizada em 24 e 25 de novembro de 2017, Londrina, PR.

² Membro da Associação Livre Psicanálise Londrina. Membro da Sociedade Brasileira de Matemática. Membro da Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

³ http://www.mat.ufrgs.br/~vclotilde/disciplinas/html/cultura_matematica_%20numero%20_%20ouro%20.pdf

⁴ <http://www.uff.br/cdme/rza/rza-html/rza-br.html>

Referências

Euclides. (2009). *Os Elementos*. Tradução e introdução: Irineu Bicudo. São Paulo: Editora UNESP.

Freud, S. (2010) “*Batem numa criança*”: *contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*. Obras Completas. vol. 14. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 293 – 327. (texto original de 1919).

Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. (9 de maio de 1958). In: Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1995). *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto (1956 – 1957)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1999) *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente (1957 – 1958)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2016). *O Seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação (1958 – 1959)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller, tradução: Cláudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2008). *O Seminário, Livro 14: a lógica do fantasma (1966 – 1967)*. Inédito. Publicação não comercial. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Coordenadora do projeto de tradução e editoração: Letícia Fonseca. Recife.

Houaiss, A. & Villar, M.S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia e Bancos de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva.

Huntley, H.E. (1985). *A divina proporção*. Tradução: Luis Carlos Ascêncio Nunes. Brasília: Editora UNB.

Tysler, J-J.(2014). *O Fantasma na Clínica Psicanalítica*. Tradução: Letícia Fonseca. Recife: Ed. Association Lacanienne Internationale.





Do Círculo à Elipse: formalização clínica a partir da teoria dos discursos

From Circle to Ellipse: clinical formalization from the theory of discourses/
Du cercle à l'ellipse: la formalisation clinique à partir de la théorie des discours

Edinei Hideki Suzuki¹

Resumo

Este trabalho tem como proposta formalizar nossa prática clínica a partir da teoria dos discursos, que Lacan apresenta no Seminário 17 – O Avesso da Psicanálise. Considera-se que grande parte de nossos pacientes chegam para o tratamento a partir do discurso universitário, seja em função da atual hipervalorização do conhecimento/informação ou da própria experiência do autor com pacientes que recebe de encaminhamentos de outros profissionais da área “psi”. Com o maior acesso aos recursos tecnológicos e de informação dos quais se dispõe atualmente, fica fácil se tornar “pseudo-especialista” em psicopatologias, ou em diversos assuntos, a partir das informações que estão disponibilizadas na internet. Por outro lado, em pacientes que chegam encaminhados por outros profissionais da área “psi”, sejam esses psiquiatras, pedagogos, psicopedagogos, dentre outros, o autor deste trabalho também propõe que o início do tratamento se dá a partir do discurso universitário. Em ambos os casos, o Saber (S2) objetiviza o paciente (a-estudante) que produz um professor (\$), porta voz do Saber, no qual se alienará enquanto objeto. Esta alienação ao saber do profissional ou aos autores dos artigos lidos na internet se tornará mais um obstáculo para o percurso do tratamento. É considerando este obstáculo que o autor propõe que a teoria dos discursos permite formalizar um percurso de uma análise a partir do discurso universitário.

Palavras-chave: Lacan. Tratamento. Conhecimento

Abstract

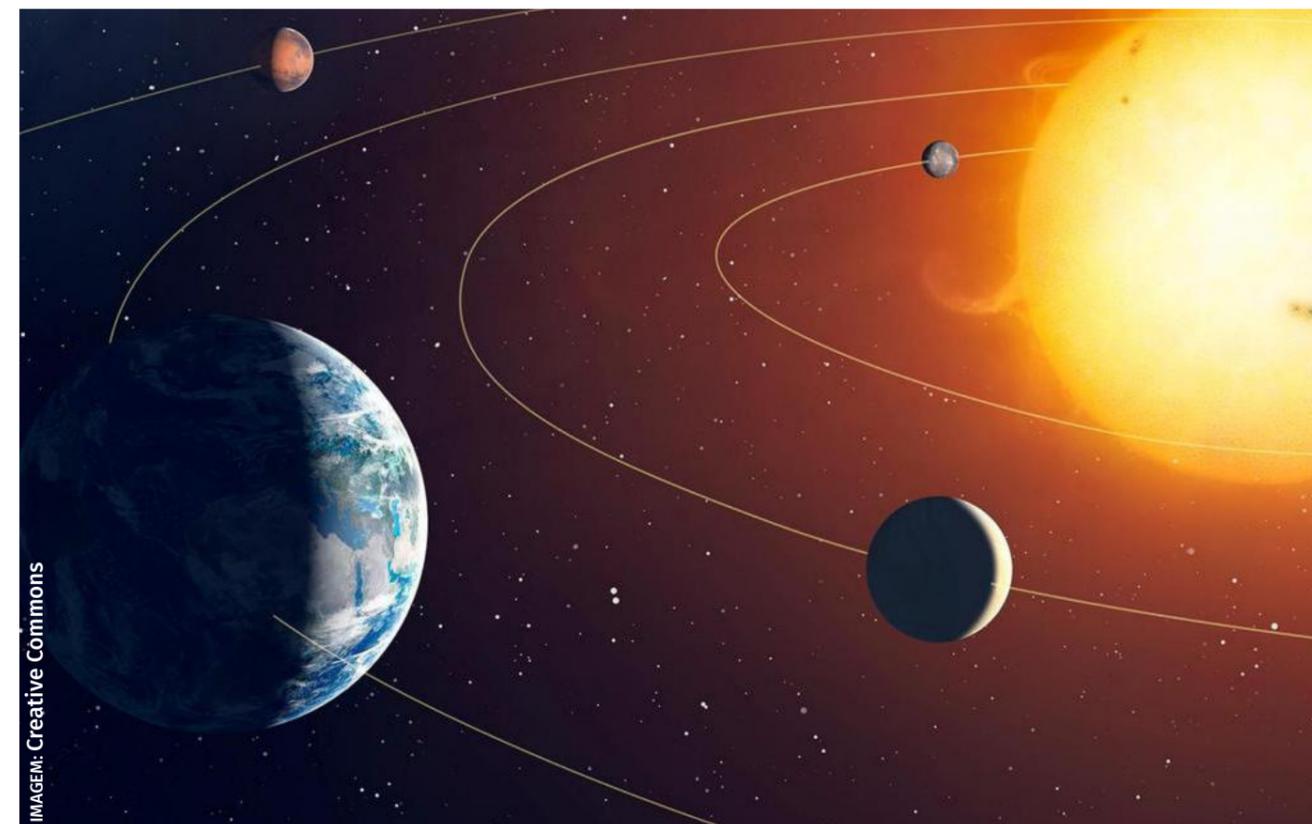
The present work aims to formalize our clinical practice from the discourse theory, presented by Lacan in Seminar 17 - The Reverse Side of Psychoanalysis. It is considered that a great part of our patients arrives at the treatment coming from the university discourse, due to the current hyper valuation of the knowledge / information or to the author's own experience with referrals patients received from other “psi” area professionals. With the increased access to the technological and information resources that are currently available, it is easy to become a “pseudo-specialist” in psychopathology, or in various subjects, with the information that is available on the Internet. On the other hand, in patients arriving from other “psi” professionals, such as psychiatrists, pedagogues, psychopedagogues, among others, the author of this paper also proposes that the beginning of treatment is based on university discourse. In both cases, the knowledge (S2) objectifies the patient (a-student) what produces a teacher (\$), a Knowledge spokesperson, in which he will be alienated as an object. This alienation to the knowledge of the professional or to the authors of articles read on the Internet will become another obstacle to the development of the treatment. It is considering this additional obstacle that the author proposes that the discourse theory allows to formalize a course of an analysis from the university discourse.

Keywords: Discourse theory. Treatment. Knowledge.

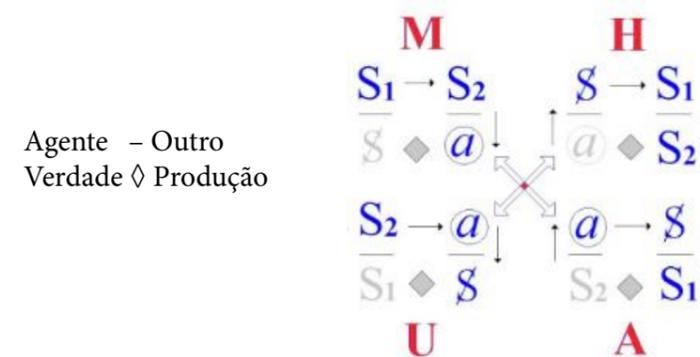
Résumé

Ce travail propose formaliser notre pratique clinique à partir de la théorie des discours, que Lacan présente dans le séminaire 17 - L'envers de la psychanalyse. On considère que la plupart de nos patients arrivent pour le traitement à partir du discours universitaire soit en fonction de l'actuelle hyper valorisation de la connaissance/information ou de l'expérience même de l'auteur avec des patients qui reçoivent des orientations d'autres professionnels du domaine « psi ». Avec la facilité d'accès aux ressources technologiques et d'information desquels on dispose actuellement, c'est facile de devenir un “pseudo-spécialiste” en psychopathologies, ou d'autres sujets, à travers les informations qui sont disponibles sur internet. Par contre, des patients qui arrivent orientés par d'autres professionnels du domaine « psi », qui ce soient des psychiatres des pédagogues, entre autres, l'auteur de ce travail propose lui aussi que le début du traitement se déclenche à partir du discours universitaire. Dans les deux cas le Savoir objectivise le patient (a-étudiant) qui produit un professeur (\$), porte parole du Savoir, dans lequel s'aliénera en tant qu'objet. Cette aliénation au savoir professionnel ou aux auteurs des articles lus sur l'internet deviendra un obstacle de plus pour le parcours du traitement. C'est en prenant en considération cet obstacle que l'auteur se propose à conjecturer que la théorie des discours permet de formaliser un parcours d'une analyse d'après le discours universitaire.

Mots-clés: Théorie des discours. Traitement . Connaissance.



Este trabalho tem como proposta formalizar nossa prática clínica a partir da teoria dos discursos, que Lacan apresenta no Seminário 17 – O Avesso da Psicanálise, considerando que, atualmente, grande parte de nossos pacientes chegam para o tratamento a partir do discurso universitário. Antes de começar especificamente com o discurso universitário, seguem-se as estruturas de cada discurso (Lacan, 2007):



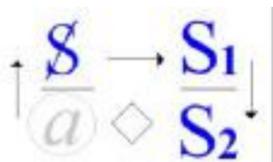
No discurso universitário, no lugar do Agente está o Saber (S2) e não o sujeito/analísante. Nesse discurso, o Saber objetiviza o estudante fazendo-o trabalhar de modo que se produza o professor (\$) (Lacan, 2003a). Por isso Lacan chamou o estudante de (a)estudante, frisando essa posição objetivizada que se submete frente ao Saber. Pessoas que se apropriam desse saber só podem falar por meio de citações, típicas de um trabalho acadêmico, e o que se produz nesse discurso é justamente a figura do professor (\$) (Lacan, 2007). O importante a ressaltar nesse discurso é que, no lugar da Verdade está o Mestre (S1). Antes de continuar, é importante nos determos um pouco no conceito de Verdade em psicanálise. Muito se ouve falar que no tratamento deve se atingir algo da Verdade do Sujeito. Mas de qual Verdade se trata? poderíamos nos perguntar. Se considerarmos até o Seminário 17, podemos generalizar o conceito de Verdade relacionando-o ao que é da ordem da castração do Outro. Poderíamos formular assim: a Verdade do sujeito é que ele é castrado porque o Outro é castrado; isto é, não há objeto possível de ser encontrado que suture a falta do Outro. E sobre isso, o sujeito não quer saber.

brevemente tanto a função significante quanto o conceito de desejo. A função significante consiste em algum momento em que o analisante é pego de surpresa por alguma intervenção do analista experimentando algo que fala nele a sua revelia (Lacan, 1964). E isso que fala no paciente, a sua revelia, denuncia sua divisão, isto é, de que ele não é esse objeto especial que pode vir a acabar com a castração do Outro. É nesse ponto onde seu narcisismo sofre um abalo, um risco, uma fratura, que ao analisante é lançado a questão fantasmática, indicada pela linha vermelha ($d \rightarrow \$ \diamond a$).

Muito se ouve falar que no tratamento deve se atingir algo da Verdade do Sujeito. Mas de qual Verdade se trata?

Nesse ponto, situa-se uma encruzilhada, portanto duas possibilidades de resposta frente ao fantasma: um caminho levando para o andar de cima do grafo ($S(A)$) e o outro caminho levando para a manutenção do campo imaginário ($s(A)$) – manutenção da defesa e permanência no imaginário. Se o caminho segue para o piso de cima, o paciente é remetido à ordem da pulsão ($\$ \diamond D$), que se pode ler da seguinte forma: sujeito corte da demanda do Outro. Essa escritura da pulsão indica que, por mais que se queira atender a demanda do Outro, na intenção de anular a falta do Outro, se está impossibilitado. E assim é remetido ao $S(A)$ de forma retroativa, o que levaria à possibilidade de o analisante abrir mão de um determinado gozo.

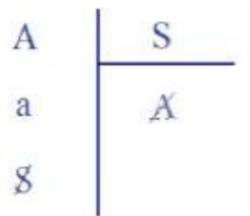
A partir do grafo do desejo se observa que o fantasma que está recalcado no discurso do mestre é o que acederia ao piso do $S(A)$ e à pulsão, pois é justamente contra isso que o Mestre se defende. O fantasma, na medida mesma em que protege, dá acesso a essa dimensão da castração do Outro e, portanto, da própria divisão do sujeito. É por meio da função significante que se alcança a Verdade do discurso do mestre e se historiciza o discurso.



Neste discurso, o Agente (§) é movido pela questão que diz respeito ao seu sofrimento e sin-

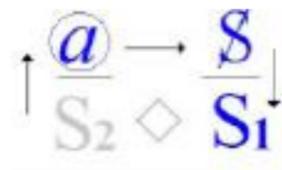
toma, e assim tenta fazer o Mestre (S1) trabalhar para que se produza um Saber (S2) sobre o seu sintoma, de modo que tal Saber aplaque seu sofrimento. Aqui o Mestre (S1) é incitado a produzir o Saber (S2) e não o próprio analisante (§). Neste sentido podemos aqui localizar a consolidação da transferência enquanto atribuição do Sujeito suposto Saber ao analista. O importante a se considerar sobre esse aspecto é que o analista deve estar advertido de que o Mestre é castrado para assim suportar e operar e possibilitar sua própria desidealização. Quando se chega neste ponto, o analisante experimenta que o analista não é esse ser ideal que lhe restituirá sua plenitude, uma vez que ele também é castrado. Se o analista, esse ser inicialmente idealizado, é castrado, por corolário o analisante começa a se deparar com a Verdade: que ele talvez não passe de um objeto mais-de-gozar do Outro; um objeto como qualquer outro que nunca foi capaz de suturar a falta do Outro.

Sobre o conceito de objeto mais-de-gozar, Lacan (2008) o formulou no seminário 16 atribuindo ao objeto mais-de-gozar uma função compensatória do furo estruturado pelo objeto 'a'. O primeiro tendo um caráter de presença, portanto de sutura temporária do furo, e o segundo tendo o caráter do próprio furo, pois é o objeto causa do desejo; o objeto que indica a própria perda de gozo do campo do Outro (Lacan, 2005). Para mostrar essa operação de estruturação do sujeito do desejo e do objeto a enquanto furo, é preciso recorrer a um esquema que se encontra no Seminário 10 (2005, p. 162).



E isso que fala no paciente, a sua revelia, denuncia sua divisão, isto é, de que ele não é esse objeto especial que pode vir a acabar com a castração do Outro

Nesse esquema da Divisão do Sujeito, existem dois campos: o do Outro (A) e do Sujeito (S = Ser nesse primeiro nível). O Campo do Outro num momento mítico em que está temporariamente completo (ausência da barra) indica que o sujeito está aí nesse momento como objeto mais-de-gozar do Outro. Ao descer para o segundo nível, observa-se a queda do sujeito enquanto objeto mais-de-gozar do Outro tornando-se objeto 'a' causa do desejo do Outro, resultando num furo no Outro (Lacan, 2005). É por isto que nesse nível o Outro passa a ser barrado (A) no campo do sujeito. E nesse processo de perda de gozo se inscreve, no último nível, o sujeito do desejo (§), o que vai nos permitir operar a partir da função do significante. É para compensar essa barra do Outro do segundo nível no lado do sujeito (S) do Esquema da Divisão que Lacan (2008) diz ser necessário pensar o objeto mais-de-gozar como compensatório, que suture momentaneamente essa falta. É justamente quando o analista, no discurso do histórico, começa a cair como Ideal de Mestre na transferência (ao se mostrar castrado), que o analisante começa a se dar conta de que não há possibilidade de recuperação total de um gozo que totalize o Outro. O próprio Lacan (2005) afirma que no primeiro nível do Esquema não existe senão enquanto mito. É nesse momento que se pode pensar mais um quarto de volta, passando do discurso do histórico para o discurso do analista.



O discurso do analista, que é o avesso do discurso do mestre, tira do recalçamento a escrita do fantasma. No lugar do Agente está o analista e o analisante está no lu-

gar do Outro que trabalha e produz algo. Nesse discurso, o analista não está como objeto mais-de-gozar, mas enquanto objeto "a"; isto é, como dejetivo, como aquilo que recupera o furo e aponta para a castração do Outro e para a própria divisão do sujeito. O analista, fazendo semblante de objeto "a", cai enquanto Suposto Saber atualizando para o analisante a falta de um significante no Campo do Saber (no campo do Outro); que o Outro é castrado, portanto desejante. E se o Outro é desejante o sujeito também o é, pois Lacan (1998) define o desejo da seguinte forma: "o desejo do homem é o desejo do Outro" (p. 41). Outro aspecto importante para nossa prática a ser apontado no discurso do analista é que o saber inconsciente (S2) é a Verdade desse discurso. Lacan (2007), apontando uma posição importante do analista, afirma que o Sujeito suposto Saber não tem apenas a atribuição de saber do analisante em direção ao analista, mas também fazer essa mesma aposta em direção ao analisante. Apostar que o analisante tem um saber inconsciente e que possa se apropriar dele ao longo do tratamento.

O que se produz no discurso do analista é o S1, o Mestre. E é nesse ponto que podemos entender a crítica que Lacan (2007) faz aos universitários quando diz que eles não estão fazendo uma verdadeira revolução, e que estão mais do lado da revolução Copernicana, que consiste em um movimento circular e simétrico em torno do sol. Nessa teoria não haveria as quatro estações do ano. Lacan (2003b) vai afirmar que a Verdadeira Revolução foi feita por Kepler, pois ele descobriu o movimento elíptico dos astros em torno do sol, o que explicaria a existência de verão, primavera, outono e inverno.

Quando Lacan (2007) coloca o Mestre como produção do discurso do analista, aponta que o analisante pode produzir Mestres (S1) diferentes e com isto criar várias possibilidades de se posicionar na economia de gozo. Isto é, que o analisante possa, ao longo de uma análise, construir diversos lugares nessa elipse e que possa se servir dessas posições ao longo de sua vida. De forma alegórica, o analisante criará na análise o verão, a primavera, o outono e o inverno como diversas formas de gozo, não se fixando em apenas uma forma. Dessa maneira, a finalidade de uma análise seria, portanto, possibilitar ao analisante distribuir sua forma de gozo e ficar cada vez mais maleável em circular pelos discursos, uma vez que, segundo Lacan (2007, p. 190): "se não gira, range".

Referências

Lacan, J. (1998). *Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)* (2a ed.). (MD. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2003a). *Alocução sobre o ensino*. In: J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2003b). *Radiofonia*. In: J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2005). *Seminário livro 10: a angústia (1963-64)*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2007). *Seminário livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. (A. Roitman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2008). *Seminário livro 16: de um Outro ao outro (1968-1969)*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Lastres, H. M. M. & Albagi, S. & Liz, C. L. & Legey, R. (2002). *Desafios e oportunidades da era do conhecimento*. São Paulo em perspectiva, 16(3), 60-66.

Thiollent, M. (1998). *Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante*. Revista Sociologia USP, 10(2) 63-100.



IMAGEM: Joan Miró

A simples inexistência¹

The simple inexistence/ La simple non-existence

Zeila Facci Torezan²

Resumo

Este artigo tem por objetivo estabelecer uma relação entre a formulação lacaniana sobre a inexistência da relação sexual e o saber que concerne ao psicanalista. Elaborado a partir do trabalho em um cartel sobre o seminário "... OU PIOR" que também contemplou a leitura do seminário "O Saber do Psicanalista", o texto apresenta um breve recorrido sobre as fórmulas da sexuação, buscando enfatizar a sua fundamentação lógica como o caminho escolhido por Lacan para retirar a sexuação dos determinismos biológico ou cultural. As posições sexuadas homem e mulher indicam a existência de duas diferentes modalidades de gozo, duas formas de se posicionar e lidar com o impossível da relação sexual. Através de um recorte a respeito do trabalho sobre o Um, extensamente feito por Lacan nos referidos seminários, enfatiza-se a dimensão real do Um (uniano), para a qual Lacan escreve há do um (Yad'lun) e o fundamenta na inexistência: aquele que existe por não ser. O saber que se produz no final de análise é o saber sobre a não relação sexual, saber que atesta o impossível da igualdade e da unidade. O que é equivalente ao saber sobre o esgotamento do Outro, sobre a inexistência do Um totalizante; saber fundado na inexistência, assim como o uniano. Existir por não ser é também o saber do psicanalista para que possa suportar as projeções fantasmáticas de seus analisantes.

Palavras-chave: Não há relação sexual. Saber do psicanalista. Um.

Abstract

This paper aims to establish a relationship between the Lacan's formulation about the inexistence of the sexual relationship and the knowledge that refers to the psychoanalyst. Built from the work in a cartel about the seminar "... OR WORSE" which also contemplated the reading of the seminar "The Psychoanalyst's Knowledge", the text presents a short abstract about the formulas of sexuation, looking to emphasize its logical basis as the path chosen by Lacan to withdraw sexuation from the biological or cultural determinisms. The sexual positions man and woman show the existence of two different kinds of joy, two ways of taking position and deal with the impossible of the sexual relationship. Through a glance at the work about the One, largely done by Lacan in the referred seminars, we stress the real dimension of the One (oneness), which Lacan writes as there is something of the one (Yad'lun) and justifies it with the inexistence: the one which exists by not being. The knowledge produced at the end of an analysis is the knowledge about the no sexual relationship, knowledge that attests the impossible of the equality and unity. What is equal to the knowledge about the finishing of the Other, about the inexistence of the totalizing One; knowledge based on inexistence as well as the oneness. To exist by not being is also the knowledge of the psychoanalyst so that he/she can endure the phantasy's projections of his/her analisants.

Key-words: There is no sexual relationship. Psychoanalyst's Knowledge. One

Résumé

Cet article vise à établir une relation entre la formulation lacanienne sur l'inexistence de rapport sexuel et le savoir du psychanalyste. Elaboré à partir du travail de cartel sur le séminaire "... OU PIRE" qui comprenait également la lecture du séminaire "Le Savoir du Psychanalyste", le texte présente un bref des formules de sexuation, cherchant à souligner son fondement logique comme le chemin choisi par Lacan pour supprimer la sexuation des déterminismes biologiques ou culturels. Les positions sexuelles homme et femme indiquent l'existence de deux modes de jouissance différents, deux façons de se positionner et de faire face à l'impossibilité de rapport sexuel. A travers d'une coupure sur le travail sur l'Un, largement réalisé par Lacan dans ces séminaires, nous insistons sur la dimension réelle de l'Un (l'unien), à laquelle Lacan écrit il y a de l'un (Yad'lun) et le fonde sur la non-existence: celui qui existe pour ne pas être. Le savoir produite à la fin de l'analyse c'est que il n'y a pas de rapport sexuel, savoir qui témoigne l'impossibilité de l'égalité et de l'unité. Ce qui équivaut à connaître l'épuisement de l'Autre, à propos de la non-existence de l'Un totalisateur; savoir fondé sur la non-existence, ainsi que l'unien. Exister pour ne pas être, c'est aussi le savoir du psychanalyste pour qu'il puisse soutenir les projections fantasmatiques de ses analysants.

Mot-clés: Il n'y a pas de rapport sexuel. Savoir du psychanalyste. Un.



O seminário “...OU PIOR” (Lacan, 2011) foi ministrado concomitantemente ao “O saber do Psicanalista” (Lacan, 1997), assim, no entusiasmo da tarefa no grupo de Cartel sobre “...OU PIOR” (Lacan, 2011), decidimos fazer a leitura dos dois. Trabalhamos dois seminários ao longo de um cartel. Então, num diálogo imaginário com Lacan e reivindicando justiça, perguntaria:

“ – Mestre, podemos dizer que fizemos dois em um? Nos autoriza a dizer que fizemos dois cartéis em um só?”

Ele me responderia à la Bartleby³:

“ – Acho melhor não”.

Inquieta, eu insistiria, tentando levá-lo a uma nova leitura do problema:

“ – Por favor, nos esforçamos tanto... Será que vale, então, dizer que fizemos um a partir de dois? Isso, fizemos um cartel a partir de dois seminários, afinal, lemos e trabalhamos dois livros!”

A resposta também insistiria, um pouco mais generosa:

“ – Acho melhor não, ou pior”.

“ –Tudo bem, querido Lacan, você venceu. Acho que entendi. Você deixa claro no seminário XIX (...OU PIOR) que o dois não se funde em um, nem o um é fundado por dois. O que, acredito, equivale a dizer não há relação sexual.”⁴

Podemos considerar esta formulação, não há relação sexual, como uma variável que preencha a lacuna indicada pelas reticências no título do seminário “...OU PIOR” (Lacan, 2011). Assim, reescrevendo-o, temos: não há relação sexual ou pior. Não há relação sexual no parlêtre⁵, não é possível estabelecer uma relação entre os sexos, a diferença é radical e não há encaixe ou complementariedade. É isso ou pior.

“... OU PIOR” (Lacan, 2011) é um seminário pequeno e muito difícil, recheado de matemática, ou pior, da matemática e da lógica de Lacan. O “Saber do Psicanalista” (Lacan, 1997) é também pequeno e difícil, mas ministrado, segundo o autor, de forma divertida, pois está falando para um público de jovens residentes e não de analistas. As aulas de um e de outro se intercalam, portanto, em locais e com públicos

Não há relação sexual no parlêtre, não é possível estabelecer uma relação entre os sexos, a diferença é radical e não há encaixe ou complementariedade. É isso ou pior.

diferentes. Ainda que apresentem particularidades de estilo e de foco temático, ambos abordam a diferença dos sexos, a construção das fórmulas da sexuação e a afirmação da inexistência da relação sexual.

A despeito de estar ciente da não fusão destes dois seminários em um e convencida da não relação sexual, a experiência dessa leitura duplicada para o cartel de “...OU PIOR”, me produziu o desejo de estabelecer uma relação entre os dois textos. A principal pergunta que me acompanhou ao longo do trabalho foi: como o saber do psicanalista, aquele que é suposto e se refere à capacidade de sustentação transferencial através do suporte das projeções dos objetos a dos fantasmas dos analisantes, se articula com a não relação sexual? Dito de outra forma, como a diferença radical entre os sexos, a impossibilidade de relação entre as grandezas homem e mulher, concerne ao saber do psicanalista?

Recorrer à lógica e construir as fórmulas da sexuação é o caminho, escolhido por Lacan, para retirar a sexuação do destino biológico e também do universo mítico. Assim, ele desenvolve, ao longo do seminário XIX (Lacan, 2011), as propriedades da função da castração (ϕ). A função fálica (ϕ) sexualiza o gozo, ou seja, o torna acessível, potável e capaz de produzir satisfação, laço e não destruição. Além disso, é a fun-

Matematizar a diferença entre homem e mulher é a saída lacaniana tanto de um a priori genético, quanto de uma construção cultural fundada no mito do pai totêmico ou no mito edípico.

ção fálica que sustenta o impossível da relação sexual, pois ela não encontra correspondência, relação, entre os dois lados do quadro das fórmulas da sexuação proposto por Lacan (2011). Como veremos a seguir, um lado não é a negação ou o inverso do outro. Um lado é diferente do outro. A função fálica (ϕ) opera, diferentemente, nos dois lados.

Assim, dizer-se homem ou mulher aponta a existência de duas diferentes modalidades de gozo a partir da lógica fálica. A sexuação trata, portanto, de uma divisão entre os seres falantes em relação a dois modos de gozo e não em relação ao sexo anatômico. Repito, matematizar a diferença entre homem e mulher é a saída lacaniana tanto de um a priori genético, quanto de uma construção cultural fundada no mito do pai totêmico ou no mito edípico. É uma forma de escrever que qualquer ser falante (parlêtre) é afetado pela lógica fálica, de uma maneira ou de outra. Retomemos as fórmulas.

Homem	Mulher
$\exists x \overline{\phi x}$	$\overline{\exists x \phi x}$
$\forall x \phi x$	$\overline{\forall x \phi x}$

Fórmulas da sexuação (Lacan, 2011, p.35)

A leitura desse quadro e suas fórmulas indica que do lado homem para todos se cumprem a função fálica, mas isso só pode ocorrer porque existe ao menos Um que escapou a ela, ao menos Um diz não à castração, a exceção faz a regra e permite o fechamento do conjunto.

Há um extenso trabalho sobre o Um nos dois seminários, especialmente no “...OU PIOR” (Lacan, 2011). Um não apenas em sua dimensão imaginária (o um englobante ou totalizante) e simbólica (o unário, o traço contável), mas também real (uniano, aquele que marca um lugar logicamente necessário e que se apoia sobre o zero ou o conjunto vazio)⁶. Dessas três dimensões do Um ali referidas, a ênfase recai sobre as duas últimas, o unário e o uniano, indicando uma divisão, mas, ao mesmo tempo uma ligação entre eles, ou seja, um enlace do Um contável com o vazio. Para o uniano, Lacan (2011, p.88) escreve há do um (Yad'lun). O autor assinala que tira proveito de algo próprio da língua francesa, o uso do partitivo (de), para marcar uma certa indeterminação, tanto do lado do ser quanto do ter. O uniano, o há do um, o Um do real é da ordem da escrita e não existe se não por não ser (real). Eis aí a fundamentação lógica do Um, diferentemente de sua

identificação ao pai totêmico. Trata-se do signifi-
ficante da existência fundado, paradoxalmente,
na inexistência (vide nota 6).

Continuando com a leitura do quadro,
por sua vez, do lado mulher não há exceção
que possa fazer regra ou conjunto. Toda mulher
está submetida à lógica fálica e como não há
uma que escape (não há do um), essa lógica
não funciona por completo, a mulher está não-
-toda na lógica fálica. Então, a lógica fálica não
recobre totalmente o que é ser mulher, como
recobre o que é ser homem. Isso permite que
do lado mulher se vá mais além da lógica fálica,
num mais-além do gozo fálico. Desse lado não
há conjunto que se feche e não todo do sujeito
está submetido à lógica fálica, todo sujeito, po-
-rém, não todo de cada sujeito. Aqui nos depa-
-ramos com o aforismo a mulher não existe, pois
a existência se funda na inexistência, no há do
um que opera apenas do lado homem. Na au-
-sência do há do um, do uniano, não existe um
significante que a diga, que a defina por inteiro
e não há um conjunto das mulheres.

Insisto em como a função fálica é central
à sexualização. O falo simbólico introduz a lógica
da incompletude, possibilitando haver também
um gozo além do fálico. E, para que a inscrição
fálica se dê, para que a falta opere, há todo um
processo de sexualização do vivente que de-
-pende, entre outras coisas, de como a criança
é tomada pelas funções materna e paterna no
enlace entre amor, desejo e gozo. Não é sem
consequências para as funções materna e pa-
-terna o que se passa entre o casal parental. In-
-teressante vermos, assim, a sexualização do casal
parental implicada no processo de sexualização
e sexualização do sujeito. Observem, matematizar
a sexualização e conceber o ao menos Um como
uma função lógica não exclui as funções paren-
-tais e seus efeitos sobre o sujeito.

Como a diferença radical entre os sexos, o impossível da relação sexual, concerne ao saber do psicanalista?

Portanto, a sexualização se associa à nossa
condição fundamental de parlêtre, por sermos
seres de fala não há mais uma relação direta e
completa com as coisas, o atravessamento da
linguagem produz um rombo, um buraco estru-

tural em nossa existência. Mas, para que esse
buraco estrutural seja elevado ao estatuto de
falta, e o desejo possa advir, as funções de an-
-tecipação materna e de nomeação paterna são
fundamentais. Ressalto a importância da nomi-
-nação nesse processo, é através da nomeação
que o pai interdita o gozo incestuoso afim de
que novos gozos possam ser autorizados, inclu-
-sive aquele que tange à sexualidade e à autori-
-zação de uma posição sexuada.

Então, duas posições sexuadas, dois mo-
-dos de gozo: o gozo fálico do lado do homem e
o mais além do gozo fálico do lado da mulher.
Mas para chegarmos aí e podermos nos decla-
-rar homem ou mulher, há todo um trabalho para
que de um sexo se chegue à sexualização, através
da sexualidade.

Muito bem, e o que tudo isso tem a ver
com o saber do psicanalista? Retomo a questão
norteadora deste trabalho: como a diferença
radical entre os sexos, o impossível da relação
sexual, concerne ao saber do psicanalista? Ago-
-ra, a resposta me parece muito simples. Não
simplista ou simplificada, mas simples, clara
(quicã, lógica) possível de ser lida, por mim, nas
minhas próprias letras. Sim, o ato de escrever
produz, ao mesmo tempo, uma leitura. Por isso
escrevemos, para poder ler. Assim, leio para vo-
-cês, na aposta de que as minhas letras também
lhes sirvam na composição de seus textos e, as-
-sim, de suas leituras.

Vejam como é simples: o saber que se
produz no final de análise (na passagem de
analista a analista) é, exatamente, o saber
sobre a não relação sexual, saber que atesta o
impossível da igualdade, da complementarie-
-dade, do encaixe, da unidade. Trata-se do sa-
-ber sobre a impossibilidade do dois se fundir
em um ou do um ser fundado por dois. O que é
equivalente ao saber sobre o esgotamento do
Outro, ou seja, sobre a inexistência do Um tota-
-lizante ou englobante; saber fundado na inexis-
-tência, assim como o uniano, o Um do real que
não existe se não por não ser. Existir por não
ser, não é este o saber do psicanalista para que
possa suportar a impostura do saber a ele su-
-posto? Não é este o saber que, em ato, possibi-
-lita a sustentação transferencial desde o lugar
de Sujeito suposto Saber?

Atestar, pelo final de análise, o impos-
-sível da relação sexual com o esgotamento do
Outro, permite uma passagem do eu não pen-
-so ao eu não sou, não sou mais o objeto que

suportaria a inteireza do Outro, objeto mais de
gozar. Temos aí a produção de um saber sobre o
objeto a que compõe o fantasma de cada um de
nós. Saber sobre o objeto que permite fazer sem-
-blante de a – capacidade circunscrita ao lado mu-
-lher – para suportar as projeções fantasmáticas
dos analisantes na direção da cura. Saber do psi-
-canalista, saber sobre o feminino, que possibilita
sustentar o desejo do analista e dirigir a cura, não
sem impasses, não para o melhor que negaria o
pior, mas, simplesmente, rumo à sustentação da
inexistência da relação sexual. Muito interes-
-sante, como uma simples inexistência é capaz de
produzir tanta coisa.

1 Trabalho apresentado na I Jornada de Cartel da ALPL – abril de 2018 –
como encerramento do Cartel sobre o “Seminário XIX: ...OU PIOR”.

2 Psicanalista atuante em Londrina – Pr.
Membro fundadora da Associação Livre – Psicanálise em Londrina
Contato: zeilatorezan@gmail.com

3 Referência à “BARTLEBY, O ESCRIVÃO : uma história de Wall Street” de
Herman Melville (Tradução Irene Hirisch. São Paulo: Cosac Naify, 2005).
Nesta novela, do final do século XIX, o personagem principal, Bartleby,
responde a todo e qualquer pedido ou pergunta com a célebre negativa:
“Acho melhor não”.

4 Formulação trabalhada por Lacan ao longo de alguns anos, tendo seu
maior desenvolvimento e acabamento no texto O aturrido (1972) e nos
seminários XIX (1971-1972) e XX (1971-1972). Refere-se à falta original provo-
cada pela incorporação da linguagem: na medida que somos falantes não
há possibilidade de encaixe, de completude. Refere-se ainda à diferença
radical entre os sexos, não havendo entre eles a possibilidade de esta-
-belecer uma relação.

5 Neologismo criado por Lacan através da fusão do verbo parler (falar) e
être (ser) para demarcar a particularidade da noção de sujeito em causa:
somos seres de fala, falasseres, irremediavelmente afetados pela lingua-
-gem.

6 O cardinal 0 escreve, representa o conjunto de todos os elementos que
não são iguais a si mesmos (aqueles que ferem o princípio lógico da
identidade), ou seja, o conjunto vazio, pois não existem elementos que
não sejam iguais a si mesmos. Quando o conjunto vazio se torna um
elemento de um conjunto, o respectivo cardinal que o escreverá será o 1.
Assim, temos o 1 fundado no 0. Como segue: $0 = [\phi] / 1 = \{ [\phi] \}$

Referências

1. Lacan, J. (1997). *O SABER DO PSICANALISTA (1971-1972)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

2. Lacan, J. (2011). *...OU PIOR. SEMINÁRIO XIX (1971-1972)*. Salvador: Espaço Moebius Psicanálise.



O Fantasma e o Outro

The Fantasy and the Other / Le Fantôme et L'Autre

Marina Pinto de Paula¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir como o conceito de Outro em Lacan está atrelado ao conceito de fantasma. A princípio o Outro, em Lacan, é um lugar, que marca a diferença com os pequenos outros, indica aquilo que não é o mesmo, ou seja, a alteridade radical. O Outro pode ser entendido como o lugar do tesouro dos significantes ou o próprio inconsciente. Posteriormente, em sua obra, Lacan o definirá como o Outro sexo. O fantasma, indicado pela fórmula, $\$ \diamond a$, é a escritura lacaniana da relação que o sujeito dividido estabelece com o objeto pequeno a. Ao longo do texto se produz a ideia de que o fantasma é a resposta que o sujeito dá a pergunta: o que queres? e ao respondê-la, no momento da constituição do fantasma, provê ao Outro uma consistência, sendo essa a tela protetora da castração no Outro. Articula-se neste artigo que a função imaginária da castração ($-\phi$) é constitutiva do fantasma e é através desse operador que se pode produzir o Outro como sujeito desejante e provê-lo de um corpo. Para articular os conceitos retomamos o grafo do desejo exposto por Lacan em diversos textos. Também se utiliza um episódio da série Black Mirror como metáfora desta articulação teórica.

Palavras-chave: Objeto a. Castração. Black Mirror.

Abstract

This work aims to discuss how the concept of Other by Lacan is correlated to the fantasy. At first, the Other, for Lacan, is a place that builds the difference with the little others, pointing those that are not the same, which means, radical alterity. The Other can be understandable as the place of the significant's treasure, or the Unconscious Itself. Lacan will after define it as the Other sex. The fantasy, indicated by the formula, $\$ \diamond a$, it is the lacanian's writing of the relationship that the subject establishes with the little object a. In this work is developed the idea that the fantasy is the answer that the individual gives to the question: what is wanted? And when answered, at the moment of the fantasy formation, provides the Other with a consistence, which becomes the protective screen of the castration on the Other. This work also proposes that the imaginary function of castration ($-\phi$) is part of the fantasy and it is throughout this operator that the Other can be produced as a desired individual and be provided with a body. To discuss the concepts, we take back the graphic of desire exposed by Lacan in several writings. We also utilize an episode of the Black Mirror series as a metaphor of this theoretical articulation.

Key words: Object a. Castration. Black Mirror.

Résumé

L'objectif de ce travail est de discuter comment le concept de l'Autre dans l'œuvre de Lacan est lié au concept de fantôme. D'abord l'Autre, chez Lacan, est un lieu qui marque la différence avec les petits autres, indique ce qui n'est pas pareil, c'est-à-dire l'altérité radicale. L'Autre peut être compris comme le lieu du trésor des signifiants ou de l'inconscient lui-même. Plus tard dans son travail, Lacan le définira comme l'Autre sexe. Le fantôme, indiqué par la formule $\$ \diamond a$, est l'écriture lacanienne de la relation que le sujet divisé établit avec l'objet petit a. Tout au long du texte vient l'idée que le fantôme est la réponse à la question que pose le sujet : "que voulez-vous ?" Et en y répondant, au moment de la constitution du fantôme, il fournit à l'Autre une consistance, qui est l'écran protecteur de la castration dans l'Autre. Il est analysé dans cet article la fonction imaginaire de castration ($-\phi$) comme constitutive du fantôme et c'est à travers cet opérateur que peut exister l'Autre comme sujet désirant et ainsi avoir un corps. Pour articuler les concepts, nous revenons au graphe du désir présenté par Lacan dans plusieurs textes. Nous avons également utilisé un épisode de la série Black Mirror comme métaphore de cette articulation théorique.

Mots-clés: Objet petit a. Castration. Black Mirror.



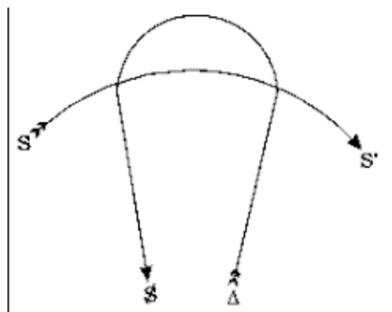
Há uma diferenciação que se produziu na teoria lacaniana entre a palavra fantasia e fantasma. Freud utilizava a primeira e Lacan, ao longo de seu trabalho, foi afastando o conceito de um puro imaginário para indicar sua vertente real, preferindo, assim a terminologia do Fantasma. Dos significados mais comuns de imaginação, devaneio e espectro ressalta-se a origem grega da palavra que significa "fazer aparecer", "mostrar". O que o fantasma mostra ou o que Lacan quis mostrar ao formular $\$ \diamond a$? Diz ele que esse algoritmo é feito para permitir um sem número de leituras diferentes, sendo esta multiplicidade admissível desde que o falado continue preso à sua álgebra. A leitura que se pretende realizar é de como o fantasma, $\$ \diamond a$, tem como função proteger o sujeito acerca da castração do Outro. Mas, o que é o Outro em Lacan? A princípio o Outro é um lugar, que marca a diferença com os pequenos outros, indica aquilo que não é o mesmo, ou seja, a alteridade radical. Podemos pensar no inconsciente como o Outro, pois dele recebo minha própria mensagem de maneira invertida, através de um lapso, um ato falho ou um chiste. A princípio não reconheço esta alteridade, isso que se produziu. É desse lugar onde me escuto além do meu eu. Mais tarde Lacan também indicará o Outro sexo como profunda alteridade, pois não posso em mim reconhecê-lo. A linguagem, também dizemos, é o campo do Outro, isso indica a independência da linguagem na determinação do sujeito. Vários aforismas lacanianos se produziram sobre o Outro, dentre eles: "o Outro é o tesouro dos significantes"; (Lacan, 1998, p. 820). "O inconsciente é o discurso do Outro" (Lacan, 1998, p. 18); "Não há Outro do Outro" (Lacan, 1998, p. 827). Não se pretende discuti-los, explicando-os individualmente, mas se espera que ao longo deste artigo eles se tornem mais claros.

A leitura que se pretende realizar é de como o fantasma, $\$ \diamond a$, tem como função proteger o sujeito acerca da castração do Outro. Mas, o que é o Outro em Lacan?

É em "Subversão do Sujeito e a dialética do desejo" que Lacan (1998) traz sua formulação do grafo do desejo, já trabalhado anteriormente em outros seminários. Através do grafo é possível perceber as relações que Lacan estabelece entre o Outro e o fantasma. O grafo foi construído em patamares para falar da estrutura prática da experiência analítica bem como da constituição do sujeito e nos indica as respostas que o sujeito pode produzir a partir da pergunta "O que queres

de mim?" ou "O que sou?", em relação ao desejo do Outro. Podemos entender que do lado direito do grafo são da ordem do código (imagem especular (i(a)), Outro(A), desejo (d) e pulsão ($\$ \diamond D$) e do lado esquerdo da ordem da mensagem (eu (m), significado do Outro (s(A)), fantasma ($\$ \diamond a$) e significante da falta no Outro (S(A)), ou melhor, são as respostas que o sujeito poderá formular sobre a pergunta inicial "o que queres?".

A primeira formulação do grafo (grafo 1) por Lacan (1998) nos indica como ele concebe o Outro, o tesouro dos significantes. O Outro é efeito do encontro de um su-

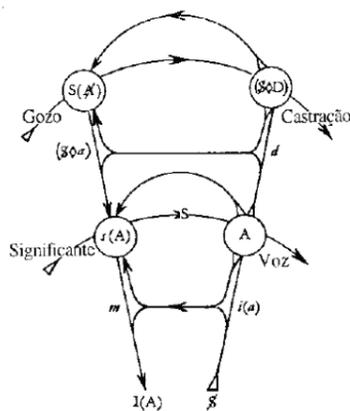


jeito, ainda por vir, com a linguagem, aqui representado pela cadeia significante. Esse sujeito iniciado pela sigla delta apenas encontra sua barra quando atravessado pela linguagem; nos demais grafos ele, o sujeito barrado, é o ponto de partida. Esse sujeito a advir, ao encontrar-se com a linguagem, funda o campo do Outro, o A.

Grafo 1

No primeiro patamar encontramos (grafo 2) a cadeia significante que parte de s(A), o significado do Outro, até A, o Outro não barrado. Aqui se trata da cadeia da fala, que é pura demanda, pois toda fala é uma demanda. O significado do Outro também

Grafo 2



indica a determinação do sujeito aos significantes vindo do Outro, lugar do tesouro dos significantes. Aqui o sujeito é fisgado pelo Outro, pode-se entender também como o momento da alienação na constituição subjetiva do sujeito, pois o grafo nos permite fazer tanto uma leitura da constituição do sujeito como da direção de cura. O significado do Outro é o sintoma, que mantém sua relação de vizinhança no grafo com o eu.

No segundo patamar encontramos a cadeia inconsciente aonde, no lado direito temos a fórmula da pulsão $\$ \diamond D$, que indica que é pela demanda do Outro que a pulsão se instala no inconsciente a partir de seus representantes, como traço unário. Do lado esquerdo do grafo, na mesma linha, embora não possamos falar de uma cronologia, mas de uma simultaneidade se encontra o final da análise, S(A), o significante da falta de significante no campo do Outro. Importante notar que este é o único matema do grafo onde o A está barrado, pois indica o princípio da constituição subjetiva e o ponto de chegada em um percurso de análise.

O matema do fantasma se situa também ao lado das mensagens, lado esquerdo entre os dois patamares já apresentados. Na mesma linha, ao lado direito, Lacan (1998) grava o d, de desejo, que é a linha vertical que percorre todo o grafo. Aqui se tem a indicação de Lacan (1998) de que o desejo é regulado pelo fantasma que vela o real do desejo. No seminário X sobre a Angústia, através de um esquema sobre a operação da divisão², Lacan (2002) nos demonstra que o fantasma vem se situar no campo do Outro, ele se inscreve com precisão naquele campo. No fantasma é o objeto a, causa de desejo, e resto da operação de divisão, que sustenta essa mesma operação.

Dessa forma, ressalta Quinet (2011), pode-se concluir que os matemas são as respostas que o sujeito pode dar ao enigma do desejo do Outro, a saber: com seu ideal de eu, seu sintoma, seu fantasma até poder alcançar a última resposta que se caracteriza como uma não resposta. Todas as respostas anteriores pressupõem a existência de um Outro.

Assim como o ideal e o sintoma, o fantasma supõe que o Outro exista e, quase sempre, que ele tome corpo, como salienta Calligaris (1986). O matema S(A) é a indicação no grafo da falta no Outro, princípio primeiro para a constituição subjetiva. Essa falta diz respeito ao próprio efeito da linguagem, lembrando que esse é o campo do Outro, pois um significante não se

representa a si mesmo, sempre necessitando de um outro para garantir uma consequência de sentido e a produção de um sujeito. Donde o aforismo lacaniano: "um sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante" (Lacan, 1988, p.833). Outro modo de dizer é que a linguagem nunca é toda, de modo que a significação de um enunciado está sempre suspensa a um devir, sempre dependente de um outro enunciado. Portanto o que o neurótico busca com seu fantasma é essa ideia de completude, do gozo que seria perfeito, sem falta.

O fantasma pode ser identificado através de uma frase, vê-se em Bate-se em uma criança, texto freudiano de 1918, no qual acompanhamos Freud na construção gramatical de uma frase fantasmática para o indivíduo (Meu pai me bate). A frase do fantasma produz o Outro, no sentido que um significante (S1) produz um sujeito (\$) para outro significante (S2). Assim o segundo significante faz extrair o primeiro. Logo, a frase do fantasma ganha um duplo efeito: um simbólico de produção do Outro como Sujeito (\$) e outro imaginário de atribuição de um corpo a este Outro. Portanto é segundo a determinação de uma cadeia significante que o fantasma se constitui e se transforma bem como as figuras do corpo do Outro, ao qual o sujeito se cola como objeto.

Fazer o gozo do Outro institui o projeto do fantasma, mas para isso é preciso que se suponha a existência de tal gozo. É ele o que o parlêtre persegue e ao mesmo tempo teme. Se fosse possível atingir este gozo a ideia é que o sujeito se perderia aí. Contudo, isso é imaginariamente construído, pois o gozo do Outro é impossível, já que ele não existe. O Outro é a representação que fazemos dessa função e isso depende do imaginário que temos sobre o Outro enquanto encarnado nas funções que presidiriam a nossa constituição. O paradoxo é justamente em que um impossível possa ser, tanto buscado, quanto temido.

Vale ressaltar que não é pela mãe da realidade que o sujeito teme ser engolido, mas é uma construção realizada pelo sujeito. Qual é

a participação desse outro materno, primordial em relação a esse temor? Quando esse outro materno reluta em dar o testemunho de sua castração, reivindicando para si uma falicidade imaginária e recusando em deixar cair o objeto contribui para um imaginário já existente na criança dessa falicidade imaginária para a qual ele não poderia ter sido a falta do objeto, mas, esse objeto que completa.

Isso nos leva à indicação, tanto no seminário X (Lacan, 2002) quanto em Subversão do sujeito (Lacan, 1998) sobre a função do menos phi ($-\phi$), ou seja, o falo imaginário negativizado. Ele aparece como o operador da castração, pois transforma o efeito da divisão própria da linguagem em falta ou amputação de um corpo. É através da castração imaginária que se pode produzir o Outro como sujeito desejante e provê-lo de um corpo. Isto posto a função imaginária da castração é constitutiva do

fantasma. Calligaris (1986) propõe que na escritura do fantasma proposta por Lacan, no lugar do punção, poderíamos colocar o $-\phi$, ou seja, a operação da castração imaginária que dota o Outro de uma falta e um corpo permite sua colagem com um objeto. Lacan (2002) mostra que não há imagem da falta, ela deve aparecer como um buraco, um vazio. Por isso, qualquer coisa que venha a ocupar esse lugar vazio e se proponha a obturar o buraco, como se fizesse desaparecer a falta, gera angústia. Aqui há indicação de que o objeto que somos no fantasma é o mesmo objeto da angústia.

Tanto o $-\phi$ quanto o objeto a não são especularizáveis, ou seja, não são visíveis na imagem especular. O conceito de castração imaginária implica uma falta simbólica de um objeto imaginário. O falo aparecerá na imagem libidinal como negativizado, como menos, como falta. Assim menos phi ($-\phi$), função imaginária da castração, conserva sua relação com o objeto a, causa de desejo, e vertente real da divisão subjetiva, precedendo-o na constituição subjetiva. Dessa forma o objeto a inclui o menos phi ($-\phi$). Por conseguinte a relação que o sujeito trava com sua imagem i(a) é enganadora, pois

Aqui o sujeito é fisgado pelo Outro, pode-se entender também como o momento da alienação subjetiva do sujeito, pois o grafo nos permite fazer tanto uma leitura da constituição do sujeito como da direção de cura.

a imagem porta o a, não visível nela. É apenas através da mediação imaginária que o sujeito se relaciona com seu objeto. O fantasma, em sua escritura, articula sujeito barrado ($\$$), indicador da presença de uma falta, uma divisão, e o objeto a, dois termos que pertencem a registros diferentes (simbólico e real), e que não se encontrarão, mas que remetem, ambos, à falta estruturante, ao vazio no qual o sujeito se encontra.

Portanto, é no fantasma que o sujeito mostra sua condição frente ao desejo do Outro, de fazer-se objeto do gozo do Outro. É a resposta que o sujeito dá a falta no Outro, propondo-se como objeto-coisa do gozo, como tentativa de recuperar um retorno ao ser. No fantasma articulam-se os três eixos estruturais: simbólico, imaginário e real que apontam para a falta de objeto, o objeto perdido. Ele é o vazio estrutural do sujeito que o objeto se propõe a preencher. A ideia então é a seguinte: se há falta a ser experimentada pelo sujeito na palavra, algum complemento de ser deve existir. É a busca pelo objeto a de um semblante de ser. O fantasma implica um evitamento da castração.

Para ilustrar, ou melhor, produzir uma metáfora da relação entre sujeito, Outro e fantasma, recorre-se a um episódio da série britânica *Black Mirror*³ (o espelho negro) disponível na Netflix, que faz uma referência às telas do nosso mundo contemporâneo: o celular, computador, tablets, etc. Trata-se de uma tela, assim como geralmente também definimos o fantasma, pela qual enxergamos a realidade e nos protegemos do real. No episódio em questão "Cala a boca e dança", o personagem é um adolescente, Kenny, que trabalha em uma lanchonete e logo na primeira cena se entretém com uma garotinha. Sozinho, à noite, fecha a porta do quarto, certifica-se de sua invisibilidade e liga o computador. Interessante observar que a filmagem faz foco na câmera do computador, assim como na janela, figuras que têm sua analogia com a tela e as bordas. Tira sua calça e se masturba diante da tela. Logo recebe um e-mail que diz: "Nós vimos o que você fez". O pavor e a angústia tomam a face do garoto e ele tapa a câmera do computador. O autor do e-mail pede que ele envie seu telefone, ou então

divulgará a gravação da cena a todos os seus contatos e que aguarde, pois logo será contatado. Aqui teríamos um Outro encarnado, que solicita que o sujeito se aliene a sua demanda. O pavor e a angústia que tomam conta do sujeito é de se ver nesse lugar de objeto de gozo para o Outro, que dele faz seu uso instrumental. O Outro todo onipotente, que sabe sobre o gozo, seu fantasma, tudo vê. Kenny não sabe o que o Outro quer, nesse primeiro momento, e chega a perguntar se ele quer dinheiro. Faz uma pergunta sobre o que o Outro quer de mim, mas não consegue formular uma resposta. Seria aqui um fracasso do fantasma?

Kenny chega ao trabalho e recebe uma mensagem com ordens. Sai desesperado de bicicleta e chega ao local determinado pela mensagem onde recebe uma caixa de um homem de moto que também não informa sobre o misterioso chantageador. O espectador também começa a ficar angustiado ao não saber quem é esse outro e o que ele quer. Aqui é como se a montagem fantasmática não pudesse se escrever, pois não é possível responder a pergunta pela impossibilidade de localizar o Outro. Interessante notar que este Outro não aparece em nenhum momento do episódio, apenas pelas mensagens, pois a invisibilidade do Outro transmite a ideia de inconsistência do mesmo.

O garoto recebe outra mensagem com a determinação de que leve o bolo que está dentro da caixa até o quarto de um hotel. Lá, encontra um homem que esperava uma prostituta. Ambos recebem ordens de ir até um lugar indicado e procurar algo dentro do bolo. Acham uma arma, um boné e um óculos. Eles devem escolher quem será o ladrão e o motorista e o garoto é pressionado pelo homem a ir até o banco e realizar um assalto. Após pegar o dinheiro vão até o lugar indicado onde a recomendação "deles" é que o homem destrua o carro e que o garoto leve o dinheiro até determinado local próximo. Aqui ele se pergunta por que tem que ser ele? Encontra um

homem que já sabia da tarefa a ser realizada: eles deveriam lutar até a morte. O garoto saca a arma e aperta o gatilho contra o queixo. Aqui podemos pensar em uma passagem ao ato, um ato sem sujeito para Lacan, quando justamente se perde o símbolo do punção da fórmula do fantasma. A arma está descarregada. O homem a sua frente liga um drone que filma a luta até o fim. O garoto sai caminhando. Aparecem então os demais personagens que foram submetidos as ordens desse Outro recebendo um troll face em seus celulares e se constata que aquilo que eles tanto temiam, o desvelamento de suas fantasias, aconteceu da mesma maneira, ou seja, as fotos e vídeos foram enviados aos seus conhecidos.

Com a conclusão do episódio, percebemos que tudo o que foi feito para tentar manter seus segredos sexuais a salvo dos pequenos outros não teve sucesso. É possível dizer que o Outro surge a partir da constituição do fantasma, Kenny, ao se deparar com a exposição de seu fantasma, é captado por um Outro consistente e devorador. Pode-se aproximar da ideia de que por mais que o neurótico se aliene à demanda do Outro, confundindo-a com seu desejo, não resta outra resposta a não ser a castração do Outro, ou melhor, de que o Outro não existe.

Vale ressaltar que não é pela mãe da realidade que o sujeito teme ser engolido, mas é uma construção realizada pelo sujeito. Qual é a participação desse outro materno, primordial em relação a esse temor?

¹Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2003), especialização em Psicologia do Trabalho pela Universidade Federal do Paraná (2006) e é mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2011). Lecionou na Faculdade de Apucarana e atua em consultório particular. É membro da ALPL – Associação Livre – Psicanálise em Londrina. Contato: inappaula@gmail.com

2

Figura 1 – Fórmula 1 da divisão subjetiva



Fonte: Lacan (1962-1963/2006).

³ BROOKER, C. (2011). *Black Mirror*. Reino Unido: Zeppotron.

CALLIGARIS, C. (1986). *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREUD, S. (1995). *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (2002). *A Angústia*. Publicação interna da Associação Freudiana Internacional, Centro de estudos freudianos do Recife.

LACAN, J. (1998). *O Seminário sobre 'A carta roubada'*, In *Escritos*. pp. 13-66. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1998). *Subversão do sujeito e a dialética do desejo*. In: *Escritos*. pp. 807- 842. Rio de Janeiro: Zahar.

QUINET, A. (2011). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.

Os Discursos e a Verdade na Experiência Analítica¹

The Discourses and the Truth at Analytics Experience
/Los Discursos y la Verdad en la Experiencia Analítica

Ana Cláudia de Souza Raymundi Spigai²

IMAGEM: Stephanie Noblet Miranda

Resumo

O objetivo deste artigo é trabalhar o conceito de verdade e sua articulação na lógica dos discursos a partir das concepções do Seminário: O Averso da Psicanálise (Lacan, 1992). Nesse seminário são propostos quatro matemas que correspondem ao que o autor estabelece e denomina como quatro discursos: Discurso Universitário, Discurso do Mestre, Discurso da Histérica e Discurso do Analista. O discurso é uma estrutura composta por quatro lugares e quatro elementos, que tratam da relação e direção do dizer do sujeito ao outro, considerando o que está sob a barra do recalque, ou seja, o que ocupa o lugar da verdade nos discursos. Essa estrutura é proposta como relativa ao encadeamento transferencial, assim, os quatro discursos situam momentos que podem orientar e conduzir o manejo do analista em suas intervenções. Artigo o lugar da verdade com a entrada e com o percurso da análise. O que ocupa o lugar da verdade é o que está sempre recalçado nos discursos e ao ser revelado permite fundar a transferência e transitar entre os discursos. O título do Seminário marca que o avesso da psicanálise é designado como o Discurso do Mestre e a experiência de análise possibilita alcançar um momento onde o Saber se encontra no lugar da verdade, ou seja, no Discurso do Analista. Conduzir o analisante a transitar entre os discursos permite que o sujeito possa se desprender dos significantes do Outro, se responsabilizar por seu próprio sofrimento, se deparar com e se atentar para suas formas de gozo e, ao longo do percurso de análise, mudar de posicionamento como sujeito.

Palavras-chave: Averso da Psicanálise. Discursos. Verdade.

Abstract

The purpose of this article is to work on the concept of Truth and its articulation in the logic of discourses from the conceptions of the Seminar: The Other Site of Psychoanalysis (Lacan, 1992). In this seminar there are four matrices that correspond to what the author establishes and denominates as four discourses: Discourse of the university, Discourse of the Master, Discourse of the Hysteric and Discourse of the Analyst. Discourse is a structure composed of four places and four elements, that deal with the relation and direction of the saying of the subject to the other, considering what is under the bar of repression, that is, what occupies the place of Truth in the discourses. This structure is proposed as related to the transferential chaining, thus, the four discourses situate moments that can guide the analyst's handling of his interventions. The article links the place of Truth with the entrance and the course of the analysis. What occupies the place of the Truth is what is always repressed in the discourses and when revealed allows to found the transference and transit between the discourses. The title of the Seminar marks that the reverse of psychoanalysis is designated as the Discourse of the Master and the experience of analysis makes it possible to reach a moment where Knowledge is in the place of Truth, that is, in the Discourse of the Analyst. To lead the analyst to move between the discourses allows the subject to detach himself from the signifiers of the Other, to take responsibility for his own suffering, to come across and to attend to his forms of enjoyment and, along the course of analysis, to change his position as subject.

Keywords: The Other Site of Psychoanalysis. Discourses. Truth.

Resumen

El objetivo de este artículo es trabajar el concepto de Verdad y su articulación en la lógica de los discursos a partir de las concepciones del Seminario: El Averso del Psicoanálisis (Lacan, 1992). En este seminario se proponen cuatro matemas que corresponden a lo que el autor establece y denomina como cuatro discursos: Discurso Universitario, Discurso del Maestro, Discurso de la Histérica y Discurso del Analista. El discurso es una estructura compuesta por cuatro lugares y cuatro elementos, que tratan de la relación y dirección del decir del sujeto al otro, considerando lo que está bajo la barra del recalque, o sea, lo que ocupa el lugar de la Verdad en los discursos. Esta estructura es propuesta como relativa al encadenamiento transferencial, así, los cuatro discursos sitúan momentos que pueden orientar y conducir el manejo del analista en sus intervenciones. Artículo el lugar de la Verdad con la entrada y con el recorrido del análisis. Lo que ocupa el lugar de la Verdad es lo que está siempre reprimido en los discursos y al ser revelado permite fundar la transferencia y transitar entre los discursos. El título del Seminario marca que el reverso del psicoanálisis es designado como el Discurso del Maestro y la experiencia de análisis possibilita alcanzar un momento donde el Saber se encuentra en el lugar de la Verdad, o sea, en el Discurso del Analista. Conducir el analizante a transitar entre los discursos permite que el sujeto se desprenda de los significantes del Otro, se responsabilice por su propio sufrimiento, se depare con y se atente a sus formas de goce y, a lo largo del recorrido de análisis, cambie de posicionamiento como sujeto.

Palabras clave: Averso del Psicoanálisis. Discursos. Verdad.



O objetivo deste artigo é trabalhar o conceito de verdade e sua articulação na lógica dos discursos a partir das concepções do Seminário: O Averso da Psicanálise (Lacan, 1992). Neste seminário, Lacan (1992) propõe quatro matemas que correspondem ao que ele estabelece e denomina como quatro discursos: Discurso Universitário, Discurso do Mestre, Discurso da Histórica e Discurso do Analista. Conforme o autor, o discurso é uma estrutura composta por quatro lugares e quatro elementos, que tratam da relação e direção do dizer do sujeito ao outro, considerando o que está sob a barra do recalque, ou seja, o que ocupa o lugar da verdade nos discursos. Assim, temos:

Os quatro lugares:

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} - \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

Os quatro discursos:

DU	DM	DH	DA
$\frac{S2}{S1} - \frac{a}{\$}$	$\frac{S1}{\$} - \frac{S2}{a}$	$\frac{\$}{a} - \frac{S1}{S2}$	$\frac{a}{S2} - \frac{\$}{S1}$

A estrutura discursiva é proposta neste Seminário como aquela relativa ao encadeamento transferencial, assim, os quatro discursos situam momentos que podem orientar e conduzir o manejo do analista em suas intervenções.

Como indicado acima, um dos lugares na estrutura discursiva é ocupado pelo que Lacan (1992) denominou de verdade, o qual articularei com a entrada e com o percurso da análise. Tocar o que ocupa o lugar da verdade na estrutura dos discursos é o que permite fundar a transferên-

cia, assim como possibilita transitar entre os discursos. Abordo, neste trabalho, uma sequência possível dos deslocamentos em um quarto de giro dos discursos. A partir disso, pretendo esboçar uma relação que Lacan faz da verdade com o próprio título do seminário, indicada pela palavra Averso. O título do Seminário marca que o avesso da psicanálise é designado como o Discurso do Mestre e a experiência de análise consiste em possibilitar o alcance de um momento onde o Saber se encontra no lugar da verdade, ou seja, no discurso que é o Averso do Discurso do Mestre. Trata-se do Discurso do Analista.

Com base na fórmula que Lacan produz para apresentar as quatro estruturas discursivas, os conceitos S1 (significante mestre), S2 (Saber), \$ (Sujeito) e a (objeto a) são articulados de maneiras específicas e adquirem uma função diferenciada dentro de cada discurso.

De início, vale lembrar a concepção lacaniana de sujeito. É sujeito por ser inserido e capturado pela linguagem sofrendo os efeitos do significante. A entrada na linguagem, ao mesmo tempo determina que o sujeito se aliene ao Outro e provoca uma operação de separação “através da expulsão de um significante do campo do Outro” (Souza, 2008, p. 48). Ou seja, existe algo que se perde e que faz com que o significante passe a representar o sujeito. “...através da linguagem, quando a criança instaura essa “falta” no Outro, ao nomear a ausência do objeto, neste mesmo ato significativo instaura também sua própria “falta” em relação a esse Outro.” (Souza, 2008, p. 52). O sujeito se depara com uma falta, com um desamparo, com um esburacamento que determina que esteja para sempre condenado a viver sem algo que o complete. Lacan (1992) designa essa falta, essa perda como a letra que se lê como sendo o objeto a. Haverá

sempre algo que escapa, que não se encaixa perfeitamente. É sobre este sujeito que Lacan se refere, sobre este que está determinado à incompletude.

Assim, temos a relação fundamental que representa a entrada do sujeito na linguagem, onde S1 intervém em S2 (S1→S2). Esta relação estrutura a rede significativa e será a base do inconsciente. Dessa relação, surge o Sujeito, sendo que “um significante representa um sujeito para outro significante.” (Lacan, 1992, p. 11).

Ao introduzir os discursos, Lacan (1992) apresenta o Discurso do Mestre, $\frac{S1}{\$} - \frac{S2}{a}$, a partir desta relação fundamental (S1→S2). Assim parte-se de S1 (significante mestre) no lugar do agente, intervindo em S2 (o saber) no lugar do outro. A verdade que fica velada no discurso do mestre é a de que há um sujeito determinado pela linguagem nessa relação, o sujeito do Inconsciente. Essa operação comporta a decepção, a frustração, aparece a falta, a perda. Essa perda é como uma entropia na conta dessa operação. “...perda de velocidade, de força – há algo que é perda ... desperdício de gozo” (Lacan, 1992, p. 48) representada pelo objeto a. É por haver perda, entropia, que há ilusão de que há algo a se recuperar, algo que possa obturar a falta fazendo função do que Lacan chama de mais de gozar, fazendo alusão ao conceito marxista “mais valia”. Tem-se então o intuito de recuperar esse objeto perdido que nunca será encontrado. É a partir daí que se instaura a dimensão de gozo⁴. Esse discurso se refere ao discurso do inconsciente, do saber que não se sabe. Esse saber trabalha com intuito de manter a verdade do sujeito velada, para esconder o fato de que o sujeito é castrado, ou seja, como dito anteriormente, de que houve na entrada da linguagem a instauração da falta no Outro e também de sua própria falta em relação a esse Outro.

A proposta de Lacan (1992) é que a partir deste matema do Discurso do Mestre, os outros três se produzem através de, sequencialmente, um quarto de giro. Teremos, portanto, o Discurso do Universitário a partir de um quarto de giro no sentido anti-horário do Discurso do mestre. O Discurso da Histórica a partir de um quarto de giro no sentido Horário do Discurso do Mestre e, com mais um giro em sequência, produz-se o Discurso do Analista.

Antes, porém, de dar continuidade às articulações dos discursos, e para avançar na direção do objetivo aqui proposto de trabalhar o conceito de verdade e sua articulação na lógica dos discursos, faz-se necessário conceituar saber e verdade – elementos que estão sob a barra na estrutura

os quatro discursos situam momentos que podem orientar e conduzir o manejo do analista em suas intervenções

O sujeito se depara com uma falta, com um desamparo, com um esburacamento que determina que esteja para sempre condenado a viver sem algo que o complete.

discursiva – neste momento do trabalho lacaniano. Começo apontando que na medida em que o Sujeito é inscrito na linguagem, há uma divisão radical entre saber e verdade.

Saber (S2)

O Saber é um conceito e, como tal, não é sinônimo de conhecimento, seja ele científico ou não. Assim, nas palavras de Lacan (1992, p. 30): “O que descobrimos na experiência de qualquer psicanálise é justamente da ordem do saber e não do conhecimento ou da representação. Trata-se precisamente de algo que liga, em uma relação de razão, um significante S1 a outro significante S2.”

É nessa relação entre S1 e S2 que reside a base do que se sabe. É nessa relação que surgem os lapsos, tropeços, o Inconsciente como tal. É sobre esse saber que Lacan trabalha, sobre o saber Inconsciente. S2 constitui um inconsciente não revelado, “esse saber que de verdades, de verdades verdadeiras, fez surgir tantos desvios, ficções e erros.” (Lacan, 1992, p. 31). O saber inconsciente comporta os significantes inconscientes (S2) que afetam o sujeito por estar determinado pela linguagem e se articula com o conceito de repetição.

O Sujeito em análise fala sobre seu saber. Fala sem saber que sabe, mas fala. Fala das repetidas tentativas de relacionamento que sempre terminam da mesma maneira; fala sobre como não é reconhecido em nenhum emprego, não importa o que faça; fala sobre sempre se relacionar com amigos que tiram proveito de sua bondade. Fala sobre algo que se repete sem saber o porquê, e assim, revela como se relaciona com o gozo.

Segundo Lacan: “o saber é meio de gozo. E quando ele trabalha, repito, o que produz é entropia. Essa entropia, esse ponto de perda, é o único ponto, o único ponto regular por onde temos acesso ao que está em jogo no gozo.”

(Lacan, 1992, p. 53). É em função de obturar a perda que se tem a ilusão de que objetos podem servir de tampão. Objetos como oral, anal, escópico e vocal são concernentes ao objeto a.

Verdade

Assim como o saber, a verdade é um conceito, definido no referido seminário como aquilo que é dito. O que o analisante diz em análise, sustentado pelo significante, tem valor de verdade. Ainda que sem sentido, tem peso. “Isso é o que o chiste tem de exemplar, a palavra sem pé nem cabeça e nem cauda.” (Lacan, 1992, p. 59). Assim, a verdade, por ser inseparável dos efeitos de linguagem inclui o inconsciente. Segundo o autor, o ato falho como tal é sempre bem-sucedido. Dizer que há a verdade não implica em dizer que se sabe sobre ela. A verdade aparece no mesmo instante em que já foi embora. O lugar da verdade nos quatro discursos é o que escapa, o que não aparece, o que está velado. O trabalho da análise deve ter o intuito de tocar o que está no lugar da verdade para fazer os discursos girarem.

Além disso, Lacan (1992) se refere à verdade como um semi-dito. A verdade nunca é toda dita e por vezes o que é dito é a metade da verdade. A outra metade, a velada, pode aparecer pelo trabalho de análise. Retomando Freud (1995), sobre a fantasia: “uma criança é espancada”, a mensagem que volta de maneira invertida, ou seja, “você me espanca” é o que pode revelar do próprio sujeito sobre seu gozo.

Uma vez conceituados Saber e verdade, prossigo com o desenvolvimento das estruturas discursivas. Enfatizo que os quatro discursos situam diferentes formas de enlaçamento social, assim como diferentes momentos do percurso de análise. Farei reflexões sobre cada discurso e de como se articulam com a experiência da análise.

Sobre o Discurso do Universitário, $\frac{S2}{S1} - \frac{a}{\$}$, temos o S1 no lugar da verdade. O que isso implica? Um significante mestre que é alienado ao sujeito entra no lugar da verdade. S2 como agente, impõe, como no discurso científico: saiba sempre mais. Quem trabalha para manter o significante mestre no lugar da verdade é o estudante representado pelo objeto a, ou seja, o outro no lugar de objeto. A produção é um sujeito clivado de seu significante mestre, de sua singularidade. Lacan faz referência ao universi-

tário como (a)estudante⁵, esse que não se implica com um saber próprio, se utilizando de citações.

Muitas vezes o analisante chega para o trabalho analítico na posição do discurso do Universitário. Chega alienado a um saber que não é o próprio. Escutamos em suas falas: “foi o meu neurologista que me indicou terapia”; “meu gastro disse que minha dor de estômago pode ser emocional”; “pesquisei no Google e descobri que estou com depressão...” O saber está alienado ao saber de um outro como verdade. Assim também, a responsabilidade e o sofrimento estão depositados em um outro e não com a implicação do próprio sujeito.

É função do analista intervir para que o sujeito possa se implicar em seu sofrimento, questionar o que tem de seu em sua “desordem”. As intervenções do analista devem tocar o lugar da verdade, neste caso, ocupado por S1 e assim produz o quarto de giro em direção ao Discurso do Mestre.

$$\frac{S2}{S1} - \frac{a}{\$} \rightarrow \frac{S1}{\$} - \frac{S2}{a}$$

Assim, pode-se fundar a transferência ao instituir o sujeito suposto saber. Introduzir o analisante no discurso do mestre instaura a associação livre, regra fundamental da experiência analítica. Chegamos ao ponto em que o que é proposto ao analisante é que ele produza o discurso do mestre: “Vamos lá, diga tudo que lhe passar pela cabeça, por mais dividido que seja, por mais que isso manifestamente demonstre que, ou bem você não pensa, ou bem não é absolutamente nada, isso pode funcionar, o que você produzir será sempre válido.” (Lacan, 1992, p. 112). Ou seja, que o analisante possa caminhar pela associação livre.

A verdade aparece no mesmo instante em que já foi embora. O lugar da verdade nos quatro discursos é o que escapa, o que não aparece, o que está velado.

Lacan salienta a importância de pensar que há uma confusão no que se entende do que ele diz a respeito do sujeito suposto saber. Para

além de tomar o lugar de sujeito suposto saber, o que o analista faz é instituir no sujeito em análise esse sujeito suposto saber. É isso que ele propõe ao instituir a associação livre e fundar a transferência, colocando o saber no lado do analisante:

“O analista diz àquele que está para começar – Vamos lá, diga qualquer coisa, vai ser maravilhoso. É ele que o analista institui como sujeito suposto saber...e a transferência se funda nisso – há um cara que me diz, a mim, grande babaca, que me comporte como se soubesse do que se trata. Posso dizer seja lá o que for, e isso sempre vai dar em alguma coisa. Isto não lhe acontece todos os dias. Há bons motivos para causar transferência.” (Lacan, 1992, p. 54).

O que um discurso tem de essencial é que o que ocupa o lugar de agente, ou seja, “a referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar.” (Lacan, 1992, p. 72). No caso do discurso do mestre, S1 é o que entra no lugar de agente. A linguagem instaura a falta e ao mesmo tempo se propõe a obturá-la. Há uma constante tentativa de atingir a completude, de chegar ao Saber totalizante. Ou seja, de negar a Castração ao não se haver com esta verdade. E justamente o que ocupa o Lugar da verdade no Discurso do Mestre é \$ (sujeito barrado). Esse mesmo agente que confessa querer amestrar, não o faz.

Mais uma vez, retomo o fato de ser na articulação entre S1 e S2 que o analista tem acesso ao sujeito, em função de um significante representar um sujeito para outro significante. Nesta relação (S1→S2), é possível que surja uma falha, um tropeço, um lapso. Produz-se, assim, algo que é próprio do sujeito. O inconsciente aparece no discurso do sujeito e é função do analista intervir sobre esse saber que não se sabe, muitas vezes estabelecendo um enigma.

A intervenção do analista dá lugar para o sujeito abandonar qualquer referência que não seja a do setting analítico e produzir significantes que constituam a associação livre. Esses significantes sempre estão associados àquele saber que não se sabe, que na verdade, é o que trabalha. “O saber, então, é posto no centro, na berlinda, pela experiência analítica. Isto, por si só, nos impõe um dever de

interrogação que não tem razão alguma para restringir seu campo.” (Lacan, 1992, p. 31).

O ato analítico novamente aponta para o lugar da verdade. nesse discurso ocupado por

$$\frac{S1}{\$} - \frac{S2}{a} \rightarrow \frac{\$}{a} - \frac{S1}{S2}$$

“\$”, e nesse momento, dá-se um quarto de giro no esquema dos discursos e se produz de maneira artificial a histericização do discurso. Ou seja, citando Lacan, “Introdução Estrutural, mediante condições artificiais, do discurso da histérica.” (Lacan, 1992, p. 33).

No discurso da Histérica, $\frac{\$}{a} - \frac{S1}{S2}$, temos como interveniente o \$, um sujeito que se mostra dividido e que supõe num outro seu mestre, do qual demanda um saber que responda sobre sua divisão. Lacan (1992, p. 45) aponta que “é em torno do sintoma que se situa e se ordena tudo o que é do discurso da histérica.” Pode-se então questionar: o que é esse significante do Outro em mim? S1 fica no lugar do outro que ao ser questionado, possibilita a produção de um outro saber. O que fica velado é sua posição de objeto e qual valor se tem enquanto objeto.

Lacan (1992) afirma que é necessário passar pelo discurso da histérica durante o percurso de análise. Ao se deparar com o enigma, com a intervenção do psicanalista, produz-se um sujeito com desejo de saber. Desejo de saber qual seu valor enquanto objeto, uma vez que é justamente isso (objeto a) que está no lugar da verdade, porém, velado.

Ao transitar pelo discurso da Histérica, o significante mestre ocupa o lugar do outro. Esse discurso revela a relação do discurso do mestre com o gozo, uma vez que o Saber (S2) ocupa esse lugar. Esse discurso faz questionar o saber do mestre enquanto totalizante e sua relação com o gozo. Implica em poder questionar o saber, que a princípio, é clivado do sujeito e comporta o sexual, a castração. O discurso da Histérica questiona sua posição de objeto e a relação que se tem com o gozo do Outro.

A intervenção do analista novamente faz um quarto de giro nos discursos quando, ao tocar o lugar da verdade novamente, o objeto a se desvela e assume o lugar de agente, no Discurso do Analista. Nesse momento, o sujeito pode se deparar com o fato de que o Outro é castrado e que

nada pode obturar essa falta. Se depara com a castração do Outro e com sua própria.

Trata-se enfim do discurso do analista, $\frac{\$}{a} - \frac{S1}{S2}$. O saber então, ocupa o lugar da verdade. O objeto a que ocupa o lugar do agente neste discurso, faz função de causa de desejo, e não de mais de gozar, como no caso do discurso do mestre. Trata-se de poder ocupar o lugar de causa de desejo. O trabalho fica por conta do sujeito, na produção de um outro estilo de significante mestre.

O discurso do analista é o único em que o saber ocupa o lugar da verdade. Porém, esse saber fica limitado a saber fazer – savoir-faire. No lugar de analista, o saber sobre o analisante é suposto, é um engodo que funciona para fundação da transferência, mas que aos poucos deve ceder esse lugar. Aqui, cabe dizer, o saber é não todo. É poder se deparar com o fato de que é impossível analisar, que não há uma completude possível. O analisante, ao chegar ao final da análise, se depara com a verdade sobre a impossibilidade de uma completude.

Para encerrar, lembro a frase “Avesso é assonante com verdade” de Lacan (1992, p. 57) nesse seminário onde ele aponta a assonância entre verdade e avesso em francês – envers e verité. Sobre essa assonância, Lacan faz referência ao título do seminário O Avesso da Psicanálise (L’envers de La Psychanalyse). Retomo o fato de que Lacan coloca o Discurso do Mestre como o Avesso do Discurso do analista.

O discurso do mestre se aproxima do discurso científico e do discurso filosófico no sentido de se propor a encontrar um saber totalizante, uma completude possível. Hegel, em Filosofia do Espírito, retrata muito bem esse discurso ao rejeitar o fato de que o sujeito é em falta, dividido pelo gozo. Ao marcar avesso e verdade como assonantes, Lacan (1992) mostra que, ainda que com o objetivo de escamotear a falta no sujeito, a verdade

DM	DA
$\frac{S1}{\$} \begin{matrix} \nearrow \\ \searrow \end{matrix} \frac{S2}{a}$	$\frac{a}{S2} - \frac{\$}{S1}$

aponta para isso. O Inconsciente se impõe à ciência como um fato. A verdade encoberta

no avesso do discurso do Mestre, ou seja, de que há Castração, é justamente o que precisa ser posta em evidência para que o sujeito possa entrar no discurso do analista.

Abordei, nesse trabalho, uma sequência possível dos deslocamentos em um quarto de giro dos discursos. Saliento, porém, que é apenas uma das possíveis e que, ao mesmo tempo que situa momentos do percurso essa sequência de uma análise, orienta momentos dentro de uma sessão. Em cada sessão é possível promover os deslocamentos em um quarto de giro entre os discursos. Não há uma regra sobre qual a sequência dos discursos, assim como passar por um discurso não implica que não se passará por ele novamente. “Que o discurso analítico feche o movimento em quarto de círculo na qual os outros três discursos se estruturam não quer dizer que os resolva e permita passar ao avesso”. (Lacan, 1992, p. 56).

Assim, retomando o objetivo deste artigo de trabalhar o conceito de verdade e sua articulação na lógica dos discursos, relembro o fato de que a verdade é o que está sempre recalçada nos discursos e é importante que ela seja revelada para dar continuidade aos giros dos discursos. As intervenções analíticas devem sempre visar tocar o que está sob a barra do recalque e que coloca em ação o agente do discurso. “A arte, o ofício do analista reside em como manobrar a cura para aceder a alguma verdade que para cada sujeito corresponderá a sua própria marca, a que se obtém da ineludível relação com o Outro. As intervenções orientam-se nesta direção.” (Nanclares, 2001, p. 133). Assim, a análise permite que o Sujeito possa se desprender dos significantes do Outro, se responsabilizar por seu sofrimento, se deparar com, se atentar a e modificar seu modo de gozo e, ao longo do percurso de análise, mudar de posicionamento como sujeito

Referências

Freud, S. (1995). “Uma criança é espancada”: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O Avesso da Psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Nanclares, A. B. (2001). *Discurso Universitário*. Em I. Vegh, *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (L. M. Vera Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

Souza, A. (2008). *Os Discursos na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.

Wainsztein, S. (2001). *O Discurso do Mestre*. Em I. Vegh, *Os Discursos e a Cura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

¹Esse artigo foi modificado a partir de uma apresentação de cartel da Associação Livre Psicanálise em Londrina, que teve como objeto de estudo o Seminário 17: o Avesso da Psicanálise, realizada em Abril 2018.

²Ana Cláudia de Souza Raymundi Spigai, Membro da Associação Livre Psicanálise em Londrina. E-mail: ana.raymundi@gmail.com.

³Mais Valia: Termo utilizado por Marx para designar a disparidade entre o salário pago ao trabalhador e o valor do trabalho produzido.

⁴Gozo: Conceito Lacaniano que faz uma distinção do prazer. O conceito de gozo “reside na tentativa permanente de tentar ultrapassar os limites do princípio do prazer. Esse movimento é ligado à busca da coisa perdida que falta no lugar do Outro, é causa de sofrimento; mas tal sofrimento nunca erradica por completo a busca de gozo.” (Roudinesco, 1998, p. 300).

⁵(a) estudante: Lacan “fabrica” as palavras para se referir ao estudante como objeto. (a) estudante em francês, (a) tudiant ou (a) studado em francês, (a) studé.

Nos SOS Tem pos

Tempo, contemporaneidade e depressão: um ensaio psicanalítico

Josani Campos da Silva¹

Tic-tac.

Passaram-se mais dois segundos, após longas horas de estudo e voltas com o tema, quando começo a escrever este ensaio. Já era hora. Afinal, o tempo urge. O prazo para sua entrega já está em vias de expirar. Tento me apressar, pois o tempo é veloz e não para, mas há algo em mim que insiste em hesitar... logo penso: se os segundos passam igualmente para todos, porque sinto o tempo tão urgente? Prazos, compromissos, informações que não param de chegar, mensagens, mensagens...

Tic-tac.

Lembro de Alice² perguntando ao Coelho: “quanto tempo dura o eterno?”, e ele, com o relógio grudado aos ouvidos para não perder a pulsação de seu incrível aparelhinho, responde: “às vezes apenas um segundo.” Se a medida é a mesma, como explicar a sensação de que a passagem do tempo está cada vez mais acelerada?

Ademais, na era dos tempos líquidos³, onde as informações e os objetos de consumo estão bastante disponíveis para a satisfação pessoal, o tempo fugaz traz consigo, paradoxalmente, uma sensação de esvaziamento e solidão. Falta tempo para o excesso de trabalho. Há muitos amigos nas redes sociais, mas nenhum para conversar abertamente. Muita discussão sobre diversos assuntos, mas pouco fundamento e aprofundamento. Afinal, ninguém tem tempo.

Paro. Olho o relógio. Hesito mais um pouco. Enquanto escrevo penso no tempo que levei para estruturar meus pensamentos acerca do que quero tratar. Não é o mesmo tempo do relógio, não bastou ler a informação. Foi preciso ir e vir nos achados teóricos, é preciso tempo para construir um saber, coisa de que, hoje em dia, ninguém abre mão: seu estimado tempo. Mas acredite – só dispondo dele para usufruí-lo de um jeito valioso.

O valor do tempo. Na obra *Duração e simultaneidade*, o filósofo Bergson (2006) conceitua a duração como uma medida psicológica sobre a vivência do tempo, em que o sentimento de continuidade entre passado, presente e futuro é uma necessária ilusão, a fim de que a experiência seja valorada e possa, inclusive, ser recuperada através da memória.

A título de compreensão, pensemos na música: mesmo que ela seja dividida em com-



IMAGEM: Jordan Benton

passos, o ouvido humano tende a escutá-la por inteiro. A duração de um momento possui esse mesmo efeito psicológico de continuidade e sua importância reside justamente em dar valor e qualidade a uma experiência particular, tal que ela seja vivida num continuum mais veloz ou mais lento, a depender do ganho de significação que aquele vivido pode representar para um sujeito.

À guisa de representação subjetiva, na teoria freudiana (Freud, 1923), o próprio aparato mental é uma instância temporal que se constitui através dos tempos necessários para que se represente um objeto faltante. Ou seja, na origem do sujeito, trata-se de um trabalho sobre um vazio: o que um recém-nascido faz para suportar o tempo entre a saciedade e a fome. Do grito à alucinação, o sujeito passa a encontrar recursos para representar o que lhe falta, e nesse sentido, o intervalo efetivo entre a presença e a ausência de uma função materna suficientemente boa é condição necessária para que o potencial psíquico em lidar com a falta se instaure.

A constituição psíquica se dá em tempos, em intervalos que colocam a criança humana em contato com a falta e a necessidade de significá-la. A tentativa de representar um objeto faltante e encontrar recursos internos para lidar com sua presença é o trabalho de nosso psiquismo. O funcionamento mental, neste sentido, conforme é utilizado, potencializa o ser humano a encontrar maneiras de enfrentar os furos da vida: os medos, as faltas, as distâncias, a finitude.

No entanto, o homem pós-moderno é aquele que não tem tempo. Diante das tristezas da vida, a tendência humana é fugidia. A pressa em acabar com a dor enriquece a indústria farmacêutica dos antidepressivos, como se toda tristeza fosse depressão e a depressão tivesse apenas uma faceta orgânica. Dados recentes da Organização Mundial de Saúde indicam que em 2020 a depressão será a maior causa de afastamento do trabalho no mundo. No ano passado, as profissões que mais sofreram o impacto da depressão têm como características comuns a responsabilidade pela vida, a quantidade de trabalho e a pressão do tempo em exercê-la.

As crianças também sofrem, cheias de atividades extras que as preparam para o futuro, mas sem tempo, no presente, para brincar e usar sua capacidade criati-

va em armar cenas com os objetos disponíveis, já que os vídeos e games brincam e constroem por si. A criança só precisa passar o dedo na tela e assistir, passivamente, enquanto suas cabecinhas inquietas recolhem informações aos milhões.

Além disso, os pais tampenam suas ausências com brinquedos e atendem excessivamente suas vontades, evitam o “não” pela culpa em razão da falta de tempo. Jerusalinsky (2011) chama a atenção para a relação entre esse excesso e a melancolia na infância, exatamente por esse movimento de poupá-las da transmissão das leis e das tristezas que fazem parte da vida, e esvaziá-las de possibilidades de produção subjetiva através do brincar, pelo boom das agendas cheias.

Lacan (1998) fez uso de um problema lógico para demonstrar que a construção de um saber subjetivo se faz em três tempos:

A pressa em acabar com a dor enriquece a indústria farmacêutica dos antidepressivos, como se toda tristeza fosse depressão e a depressão tivesse apenas uma faceta orgânica

O frenético atravessamento do tempo impede o homem depressivo de possuir o tempo psicológico da duração em sua memória

o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir. O neurótico é aquele que se apressa em agir sem que tenha concluído, adian-do sempre o encontro com seu próprio desejo. O sujeito deprimido, por sua vez, antecipa seu fracasso em concluir. Sem adentrar nos aspectos diferenciais entre depressão e melancolia, que seria matéria para outro escrito, mas tomando esses termos como modos contemporâneos de adscreever a tristeza nossa de cada dia, é possível compreender porque os casos de depressão têm sido tão recorrentes, já que as exigências da vida pós-moderna incitam urgência às experiências subjetivas relativas ao tempo.

Kehl (2015), em seu brilhante ensaio sobre a atualidade das depressões, reconhece a depressão como expressão contemporânea do mal-estar e a define como, diante dos excessos da vida, uma consequência da dificuldade em simbolizar a ausência: “a depressão decorre de um excesso de presença do Outro, que torna claudicante a simbolização da ausência” (p.220). O frenético atravessamento do tempo impede o homem depressivo de possuir o tempo psicológico da duração em sua memória, e fazer uso dela a fim de projetar algo desejável, num empobrecimento psíquico que se configura em automatismo e desafetação. A depressão e suas consequências estão muito próximas não apenas do âmbito clínico, mas nos entornos da vida cotidiana. Busca-se por soluções apressadas para dar fim à tristeza, sem poder saber de onde ela veio e para onde ela foi, em tempos onde não há lugar para a espera ou o fracasso, já que a felicidade urge e as fotos sorridentes do Instagram importam mais que o momento vivido, como se o valor daquele tempo estivesse mais na esfera do registro imagético e da transmissão suposta de felicidade – é claro, a depender de quantos likes forem obtidos – do que na própria experiência humana.

Não se trata, por óbvio, de apologia à tristeza. Como praticante de psicanálise, exerço meu trabalho com amor, e ainda que psicanalisar seja

uma das quatro profissões impossíveis, se me disponho a essa função é por compactuar com Freud que a psicanálise possibilita ao sujeito encontrar recursos psíquicos que o dirijam para o amor e o trabalho.

No entanto, a proposta psicanalítica para o tratamento da depressão é que se possa atravessá-la – ao invés de suprimi-la, como faz a medicação – que o sujeito possa falar a partir da tristeza que o abate, que haja tempo psíquico, respeitando-se os tempos lógicos que um trabalho de análise pode oferecer. Nas palavras de Ehrenberg: “o bem-estar não é a cura, porque curar-se significa ser capaz de sofrer, de tolerar o sofrimento. Estar curado, desse ponto de vista, não é simplesmente ser feliz, é ser livre” (2000, p.253).

Que o vazio de não desejar, tão presente e opressor no sujeito deprimido, possa dar lugar ao tempo de se perguntar sobre o que verdadeiramente causa o seu desejo.

Tic-tac...

¹Mestre em Psicologia, subárea Psicanálise e Civilização pela UEM. Membro da ALPL. Psicanalista. Perita psicóloga no TJPR. contato: josani.campos@hotmail.com

²Alice e o Coelho são personagens do livro “As aventuras de Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carrol (Jorge Zahar, 2002)

³Tempos Líquidos é um conceito criado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (Bauman, 2003) para designar a constituição fluida e imprevisível das relações em geral na era pós-moderna.

Referências

Bergson, H. (2006) *Duração e simultaneidade*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

Ehrenberg, A. (2000) *La fatigue d’être so: depression et société*. Paris: Odile Jacob.

Freud, S. (1923) *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Jerusalinsky, J. (2011) *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma.

Kehl, M. A. (2015) *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. 2 ed. São Paulo: Boitempo.

Lacan, J. (1998). *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Diálogos

Encontros e desencontros entre arte e psicanálise

Por: Marta Dantas ¹

O que dizer sobre um tema tão complexo – arte e psicanálise – que permite múltiplas entradas e abordagens a partir de perspectivas diferentes? Tarefa difícil; por isso, me proponho sobrevoar sobre ele sem a menor pretensão de aterrizar em solo firme e tampouco apresentar sua formação e suas falhas geológicas.

É inegável a importância da arte² no desenvolvimento do pensamento de Freud. No conjunto de seus textos, encontramos muitas referências: ora relativas ao artista e seu processo criativo, ora à obra especificamente, ora aos efeitos que ela produz em quem é afetado por ela. Entretanto, o percurso do seu pensamento em relação à arte não é linear nem evolutivo, ao contrário, sofre grandes oscilações. Em alguns de seus textos, reconhece que a arte antecipa as descobertas do campo psicanalítico e que a psicanálise tem muito que aprender com a arte: “E não seria de surpreender se tivéssemos mais a aprender sobre lapsos de língua com escritores criativos, do que com filósofos e psiquiatras” (Freud, 1916 como citado em Autuori; Rinaldi, 2014, p.311). Em outros, declarou, que era um amador em matéria de arte. O que é fato é que a arte moderna e a psicanálise pertencem a um mesmo contexto histórico, são contemporâneas e romperam com antigos paradigmas. Grosso modo, a descoberta do inconsciente trouxe a tona uma nova concepção de homem: um homem que não é o senhor de si porque é guiado por pensamentos dos quais nem sempre tem conhecimento e controle; enquanto a arte moderna colocou em crise a função representativa da arte.

As artes plásticas, sobretudo a pintura, foram as primeiras entre as artes a se rebelarem contra o conceito de arte vigente na civilização europeia do século XIX e é justamente diante delas que Freud se mostra, surpreendentemente, tímido. Escreveu somente dois ensaios relacionados

às artes plásticas: Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci (1910) e O Moisés de Michelangelo (1914). “Sua sensibilidade parece ter sido, definitivamente, bloqueada pelo terror sentido diante de Moisés de Michelangelo do qual, ainda criança, ele pôde adquirir uma cópia em gesso na Academia de Belas Artes de Viena”³ (Thévoz, s/d, p. 9). Acompanhava Freud, judeu temporal, um intenso sentimento de culpa por ter descoberto o inconsciente; como Moisés, fundou uma nova doutrina e, portanto, transgrediu a Lei: “Jamais alguma escultura me impressionou tanto” (Freud 1914 como citado em Thévoz, s/d, p. 9). O fato de o seu ensaio O Moisés de Michelangelo ter sido anônimo reforça a tese de Thévoz. Numa carta escrita em 1922 a Karl Abraham, que havia sido retratado pelo artista expressionista Sytha von Stadler, Freud faz um comentário relacionando a teoria de Adler, A compensação psíquica do estado de inferioridade dos órgãos, à pintura expressionista e, ao fazê-lo, retoma esquemas de explicações as mais reacionárias sobre a enfermidade visual ou mental dos pintores que transgrediam os cânones da pintura acadêmica: “Os artistas dessa laia deveriam [...] ser levados em consideração pelos psicanalistas, pois eles ilustram [...] a teoria de Adler segunda a qual são justamente as pessoas afetadas de um grave defeito congênito da visão que se tornam pintores e desenhistas” (Thévoz, s/d, p. 12). Tal comentário evidencia que Freud não compreendia a arte da Viena do fim de século.

O pai da psicanálise se debruçou sobre uma determinada concepção de arte, de belo e de experiência estética que já não vigoravam nas produções artísticas contemporâneas na construção da sua própria teoria. A arte moderna, sobretudo com o advento das vanguardas, não era condizente com as condições propostas por uma estética derivada de Freud.

A historiografia da arte concebe a pintura de Cézanne como o “alicerce” do que chamamos de arte moderna. O pintor francês levou a cabo a ideia romântica de que a operação pictórica não nasce do conhecimento da realidade por meio da contemplação do

homem, mas sim do desejo de apropriar-se dela, de se identificar com ela a ponto de borrar os limites entre realidade exterior e interior. Cézanne fundou uma nova concepção de espaço porque não partia de uma concepção espacial a priori (como a perspectiva geométrica constituída no Quatrocento); concebia o espaço como uma construção da consciência por meio da experiência vivida da realidade. Sendo assim, a pintura “representa não a realidade como ela é, nem como a vemos sob o variado impulso dos sentimentos, mas a realidade na consciência” (Argan, 1992, p. 113).

Cézanne colocou em crise tanto a ideia de arte como representação, bem como a de profundidade como uma perspectiva, una e contínua, diante da qual o artista se coloca como alguém que permanece exterior a ela, como um mero espectador do teatro mundo e de sua própria pintura. Após Cézanne “o sinistro e o vazio descaradamente assaltaram as formas, ‘a obra desrealiza a realidade’ muito mais do que ‘realiza as desrealidades imaginárias’” (Lyotard, 1980 como citado em Frayze-Pereira, 2005, p. 58).

Embora não exista em Freud uma teoria constituída da sublimação e o conceito tenha sido pouco elaborado por ele (Torezan, 2012), podemos dizer que a sublimação “funciona como substituta para a atividade sexual [...] [e] promove a satisfação pulsional do sexual por meio de alvo e objetos não sexuais” (Torezan, 2012, p. 58) que sejam socialmente valorizados, como a produção artística, como sugere seu texto Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci. O curioso é que, se por um lado esse ensaio de Freud explicita um pouco mais o processo sublimatório – e parece que aí reside sua importância para o campo psicanalítico – por outro, sofreu muitas críticas, entre elas, a de André Green que “considera que ‘a psicanálise aplicada é uma das doenças infantis da psicanálise’” (1994 como citado em Frayze-Pereira, 2005, p. 60). O ensaio sobre Da Vinci encorajou outros estudos problemáticos sobre arte e psicanálise baseados na biografia de artistas e na aplicação da teoria a uma obra de arte como chave interpretativa gerando o que Paul Ricoeur chamou de “má psicanálise da arte”. É o caso da análise que Meyer Schapiro (1996) faz de Cézanne ao tentar subtrair da relação obra/biografia, tal como fez Freud com Da Vinci, uma homossexualidade embotada. Esse

modelo de análise em nada explica o que torna as pinturas de ambos obras de arte; nada sobre o valor artístico dessas obras é revelado. A psicanálise aplicada à obra de arte, explica Frayze-Pereira (2005, p. 64), destrói o enigma, a estranheza que a obra nos propõe e converte a obra psicanalisada “num sintoma da teoria, o que é um absurdo”. Mais do isso, se o conceito de sublimação encontrava seu correlato na de arte como representação, a crise da representação promovida pela arte moderna coloca em crise a própria concepção freudiana de sublimação.

Em O Moisés de Michelangelo (1914), Freud sinaliza uma outra possibilidade de relação entre arte e psicanálise, uma vez que nesse ensaio, ao interpretar a obra de Michelangelo, ele considera suas próprias associações; ou seja, sua interpretação provém dos efeitos da obra sobre sua subjetividade (Frayze-Pereira, 2005). Para Ricoeur (1977 como cita-

do em Frayze-Pereira, 2005, p. 65), o extraordinário desse ensaio “é que a interpretação da obra-prima é feita à maneira de uma interpretação de sonho, a partir do detalhe”, de maneira propriamente analítica, ou seja, a partir de uma escuta psicanalítica da obra.

Segundo Thévoz (s/d), para extrairmos de Freud suas possíveis contribuições para o campo das pesquisas sobre arte, é necessário uma leitura propriamente freudiana de suas declarações categóricas e reacionárias sobre a arte.

Em 1921, André Breton visitou Freud em Viena; a recepção não foi calorosa. Em 1924 publicou a certidão de nascimento do movimento surrealista, o primeiro Manifesto do Surrealismo que traz a seguinte definição de homem: “O homem, esse sonhador definitivo” (Breton, 2001, p. 15). Em 1932, Freud enviou uma carta para Breton e nela dizia não ter entendido a proposta dos surrealistas, que não havia se

esforçado a compreender e que estava afastado da arte. Em 1938, afirmou que os surrealistas eram “loucos integrais”. Apesar do distanciamento de Freud em relação à arte moderna, foram os surrealistas, sobretudo, Breton, que reconheceram, em território francês, a importância de Freud. A descoberta do inconsciente por Freud é tida como um evento de absoluta importância para o projeto surrealista que visava devolver ao homem tudo o que a razão nos fez perder. Breton acrescenta que não há nenhum meio designado, a priori, para levar a cabo este empreendimento, que pode ser considerado tanto da alçada dos poetas quanto dos homens de ciência. E é este o desafio a que se propõe o surrealismo: estar disponível para qualquer manifestação do inconsciente, durante o sono e também durante a vigília; submetê-lo a um exame metódico e buscar nele resoluções para problemas fundamentais da vida. Enfim,

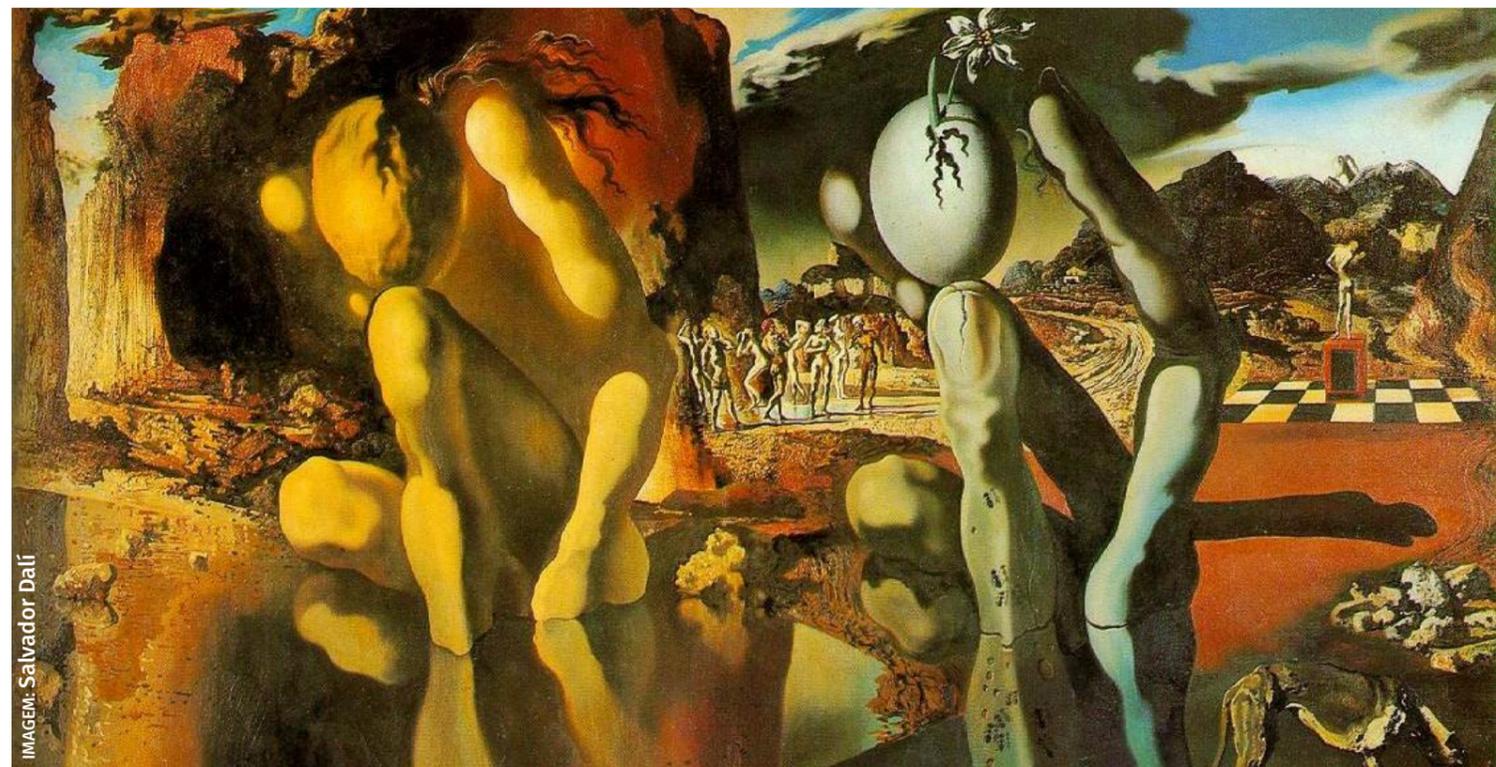


IMAGEM: Salvador Dalí

aproximar o inconsciente do consciente, o sonho da realidade, o real e o imaginário afim de “reduzir esses [...] estados aparentemente contraditórios [...] a uma espécie de realidade absoluta, de sobre-realidade” (Breton, 2001, p.28). Todavia, Freud não compartilhava da crença na possibilidade de uma junção feliz entre os dois opostos, muito pelo contrário: ele a denuncia como uma das ilusões caras à civilização. Os surrealistas procuravam, no exercício de seu papel libertador e de-sopressor, dar vazão aos desejos inconscientes por meio da criação artística. No entanto, a importância da arte para Freud residiria, sobretudo, no processo sublimatório na qual a arte está implicada, ou seja, residiria na possibilidade de o homem sacrificar seus desejos sexuais em prol da afirmação de pertencimento a sua cultura.

O afastamento de Freud da produção artística de sua época impediu-o de perceber que a função representativa da arte é uma de suas possibilidades, porém não é a única; conseqüentemente, impediu-o de rever o seu “conceito” de sublimação. Sua cegueira em relação à produção das vanguardas artísticas também impediu-o de perceber que os surrealistas, embora propusessem uma aventura na contramão dos seus argumentos, reconheceram, imediatamente, a importância de sua descoberta a ponto de colocá-lo, ao lado de Marx, como um dos pilares do movimento. Os surrealistas não só foram divulgadores da psicanálise em território francês, “onde as resistências do meio médico e uma germanofobia disseminada levantavam barreiras à entrada do freudismo” (Rivera, 2002, p. 9), como a elevaram a um outro patamar. Sob a influência d’A interpretação dos sonhos, de Freud, Breton, em *Les vases communicants*, analisa dois de seus próprios sonhos e, como explica Willer (2008, p. 335), “tenta dar um passo além ao mostrar, através do que chama de ‘psicanálise da realidade’, como esses sonhos não apenas reaproveitam

o que houve, aquilo que Freud denominou de ‘restos do cotidiano’, mas se projetam no mundo da vigília”. Breton pretendia dar um fundamento materialista ao sonho e equipará-lo à vigília; defendia ser o desejo o responsável por fazer a realidade e a consciência se subordinarem ao sonho. Todavia, para Freud, realidade psíquica e realidade material não se confundem; ele tomava a proposta surrealista como irresponsável e absurda. Freud foi, então, acusado por Breton de dualista e a psicanálise, de instituir uma nova forma de confissão, portanto, de controle, adequada ao mundo burguês. Podemos discordar (ou não) dos argumentos de Breton, mas é preciso reconhecer que, mesmo na contramão do pensamento freudiano, ele lançou o inconsciente a um patamar jamais reivindicado por Freud, ao mesmo tempo que criticou o materialismo:

Se, por um lado [Breton], faz crítica à psicanálise freudiana ao questionar seu dualismo, de outro procede à freudização do marxismo, ao colocar não só o comportamento humano, mas o mundo todo sob a regência de Eros

(Willer, 2008, p. 339).

Apesar das acusações de Breton à Freud e vice-versa, não seria possível o advento do surrealismo sem a descoberta de Freud. A interpretação dos sonhos foi fundamental na constituição do seu projeto libertário surrealista. A associação livre, método fundamental da psicanálise, que permite ao sujeito do inconsciente vir à tona, foi praticado de formas diversas pelos surrealistas: por meio de jogos, como o cadáver esquisito, por meio da escrita automática e está implícita na própria definição do movimento:

SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico em estado puro mediante o qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito ou por qualquer outro meio, o funcionamento do pensamento. Ditado do pensamento, suspenso qualquer controle exercido pela razão, alheio a qualquer preocupação estética ou moral

(Breton, 2001, p. 40).

Se Breton e Freud divergem, o surrealismo e psicanálise convergem em direção de um mesmo interesse: o “da construção de uma linguagem referida à produção singular do sujeito e da sua apresentação (Darstellung) que transborda em expressão do dizer das imagens inconscientes” (França, 2008, p. 97). Nessa relação entre a imagem e a palavra, com seu caráter de estrutura significativa, o “surrealismo, em todas as

suas manifestações, valoriza o saber psicanalítico” e, assim como a psicanálise, “se põem a serviço de uma prática-poética que toca [...] numa estranha verdade [...] desconhecida e inacessível” (França, 2008, p.103).

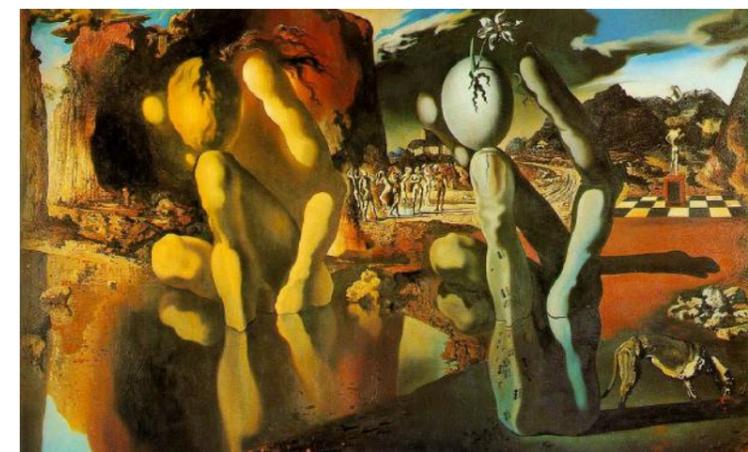
A relação de Lacan com a arte moderna e com o surrealismo foi bem outra. Colecionador, possuía obras de Picasso, André Masson, a polêmica tela de Gustave Courbet, *A origem do mundo* (1866), entre outras. Na década de 1920, Lacan e muitos surrealistas frequentavam a mesma livraria em Paris. Lacan parece ter sido seduzido pela vida “louca”, porém conduzida metodicamente pelos surrealistas a fim de extrair dela conhecimento. Segundo Rivera (2002, p. 24), ele:

[...] conheceu André Breton e o também poeta Philippe Soupault antes de começar a ler Freud. Elisabeth Roudinesco, a respeitada psicanalista e historiadora da psicanálise francesa, chega a considerar a teoria lacaniana como uma síntese, em partes iguais, de três grandes tendências: o freudismo, a psiquiatria e o surrealismo.

Salvador Dalí publicou, em 1930, na revista *O Surrealismo a serviço da revolução* seu texto *O asno podre*. Nele o artista apresenta seu método paranoico-crítico e discorre sobre a presença de simulacros nas imagens duplas ou múltiplas, imagens mentais produzidas pelo pensamento paranoico. O método de Dalí implica a busca do “irracional concreto”, aquele que se apoia num sistema de razões, a razão paranoica. O “irracional concreto” não seria o mesmo dos estados delirantes do sonho e do auto-

matismo porque não está em antinomia com a consciência, mas ao contrário, ela é uma espécie de “hiperconsciência”. O pintor surrealista enfatiza que a força criativa está na imagem, não no significante, e insiste na capacidade do paranoico mudar a forma de um objeto tomado na realidade criando novos simulacros. Essa capacidade não é da ordem da alucinação porque são imagens que guardam a imagem do desejo de coisas (SANTOS, 2017). Sobre sua célebre pintura, *Metamorfose de Narciso* (1937), fruto do seu método paranoico-crítico, Dalí (1930 como citado em Stigger, 2014, p. 119) explana:

Se se contempla durante algum tempo [...] a figura hipnoticamente imóvel de Narciso, esta desaparece gradualmente, até tornar-se invisível. A metamorfose do mito tem lugar nesse momento preciso, [...] [a] imagem de Narciso se transforma subitamente na imagem de uma mão que surge do seu próprio reflexo. Essa sustêm [...] o bulbo de onde nasce o novo Narciso [...].



Dalí, Salvador, *Metamorfose de Narciso*, 1937

Esse novo Narciso, afirma Dalí no poema homônimo, “será a flor/no novo Narciso/Gala”, meu narciso” (1930 como citado em Stigger, 2014, p. 119).

Lacan, impressionado, marcou um encontro com o artista. O encontro entre essas duas personalidades tão distantes, portanto, tão surreal, somado às leituras de Spinoza e suas observações clínicas sobre dois romances escritos por “Aimée” – uma interna do hospital psiquiátrico Sainte-Anne em Paris, renderam a Lacan uma tese: Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, publicada em 1938:

Tese de Lacan: existem relações, e estas relações são de compreensão.

- 1) A psicose paranoica é incluída na personalidade como uma de suas manifestações possíveis. Ela é uma ‘complexão’ particular de afetos formando um sistema (um delírio) onde um desejo humano se significa, mas sob uma forma que foge do senso comum.
- 2) Tendo todavia sentido, ela pode ser compreendida por uma outra personalidade (Grosrichard, 1987, p. 164).

A tese de Lacan vai ao encontro do conhecimento produzido pelo pintor espanhol. De maneira metafórica, podemos dizer que sua tese consiste em apresentar a psicose paranoica como um homem em que, no lugar de sua cabeça, foi transplantado a de um animal (Grosrichard, 1987). A tese de Lacan estava em total sintonia com a noção de imagem e de belo surrealista evocada por Lautréamont em

Os cantos de Maldoror: “Belo como... o encontro fortuito de uma máquina de costura e um guarda-chuva sobre uma mesa de dissecação” (1980 como citado em Moraes, 2002, p. 40). A tese foi bem acolhida pelos surrealistas, que não hesitaram em convidá-lo a participar da revista mais importante do grupo, *Minoture*. Lacan participou do primeiro número da revista (junho de 1933) com o artigo O problema do estilo e a concepção psiquiátrica das formas paranoicas de existência e, no número seguinte (dezembro de 1933), com *Motivos do crime paranoico: o crime dos irmãos Papin*. Enquanto o meio médico e psicanalítico parisiense estava indiferente ao seu trabalho, Dalí, René Crevel e outros surrealistas publicavam resenhas entusiasmadas sobre ele.

Não tenho dúvidas de que os encontros de Lacan com as produções da arte moderna e com os surrealistas foram decisivos não só para a sua tese acerca da psicose paranoica como, também, para a elaboração da concepção lacaniana de sublimação. Para o psicanalista francês, a criação artística pode ter sua origem no processo sublimatório que possui algo além do princípio de prazer e não consiste, simplesmente, na criação em torno do vazio, mas exige que o explicito, elevando, assim, um objeto à “dignidade de Coisa”, sendo a Coisa a experiência de satisfação constante e inassimilável, própria de nossa existência.

Essa nova concepção, além de nos auxiliar a entender o caráter atemporal de algumas obras, sobretudo nos permite compreender, em parte, a singularidade da arte. A arte é aquilo que “ex-iste”, existe antes mesmo de si; é constituída pela impossível condição do ser e, portanto, não tem seu fundamento na “prosa do mundo”. Em outras palavras, a singularidade da arte se constitui no fato de ela construir algo, de forma imaginária e por meio de recursos simbólicos, não para representar o vazio, pois ele é irrepresentável, mas para explicitá-lo sem,

contudo, substituí-lo ou suprimi-lo. Se tomarmos como exemplo um quadro figurativo, o objeto nele representado está mais relacionado ao vazio da Coisa do que ao objeto natural. O reconhecimento social da obra de arte viria, justamente, da projeção/identificação desse vazio constituinte de todos nós, espectadores/leitores, com o enigmático, o incognoscível da obra de arte, que escapa até mesmo ao artista. Essa experiência única não é necessariamente prazerosa; muitos artistas, escritores e poetas expressaram o seu assombro e a sua angústia diante dela:

Mallarmé teve sobre a própria natureza da criação literária um sentimento profundamente atormentado. [...] não pode dizer que a obra pertence ao ser, que ela existe [...] o que deve dizer que ela jamais existe à maneira de uma coisa [...], é como alguma coisa ‘que não acontece como qualquer objeto que existe’ (Blanchot, 1987, p. 36)

Ela é semelhante ao que Freud descreveu como estranho, “a sensação de que há algo de obscuro, há algo de muito familiar no sujeito

refletido no objeto” (Lucero & Vorcaro, 2013, p. 31). Isso não significa que o sujeito se identifica com o objeto artístico, ao contrário, trata-se de um objeto em que o sujeito não reconhece mais sua imagem porque o que o objeto mostra é “o que resta do sujeito quando a fortaleza do eu se dissolve” (Safatle, 2006 como citado em Lucero & Vorcaro, 2013, p. 31). Nesse sentido, a presença do objeto artístico “é ‘presença da Meia-Noite’, [...] a profundidade vazia da ociosidade do ser, essa região sem saída e sem reserva” (Blanchot, 1987, p. 38).

¹Professora de História e Teorias da Arte do Departamento de Arte Visual e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Mestre em História e Doutora em Sociologia pela UNESP, pós-doutora em Literatura Brasileira pela USP e autora do livro *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio* (São Paulo, Ed. UNESP, 2009) e de artigos sobre: surrealismo, arte bruta e a prosa de Rosário Fusco.

²Embora esteja no singular, “arte” aqui se refere a todas as formas de manifestações artísticas citadas por Freud ao longo de sua obra: a pintura, a escultura e a literatura.

³Todas as traduções são de minha autoria.

⁴Gala foi sua mulher, sua empresária, sua musa e seu duplo.

Referências

- Argan, G. C. (1992). *Arte moderna. (D. Bottmann & F. Carotti, Trad.)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1988).
- Autuori, S., & Rinaldi, D. (2014). *A arte em Freud: um estudo que suporta contradições*. *Boletim Acadêmico de Psicologia*, 34 (87), 299-319.
- Blanchot, M. (1987). *O espaço literário. (A. Cabral, Trad.)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1955).
- Breton, A. (2001) *Manifestos do Surrealismo. (S. Pachá, Trad.)*. Rio de Janeiro: Nau Editora. (Obra original publicada em 1924)
- França, M. I. (2008). *Fascinação: o olhar e o objeto no surrealismo e na psicanálise*. In: Guinsburg, J. & Leirner, S. (Orgs.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva.
- Frayze-pereira, J. A. (2005). *Arte, dor*. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial.
- Grosrichard, A. (1987). *D’Lacan, «Minotaure», surréalistes rencontres*. In: GOERG, Charles et al. *Regards sur Minotaure*. Genève: Musée d’art et d’histoire.
- Lucero, A. & Vorcaro, A. (2013). *Do vazio ao objeto: Das Ding e a sublimação em Jacques Lacan*. *Agora*, 16, 25-39. Recuperado em 7 setembro, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v16nspe/03>
- Maldiney, H. (2003). *Art et existence*. Paris: Klincksieck.
- Moraes, E. R. (2002). *A mesa de dissecação*. In: *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras.
- Rivera, T. (2002). *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santos, L. G. dos (2017). *Surrealismo e psicanálise: o inconsciente e a paranoia*. *Artefilosofia*, 23, 178-191. Recuperado em 5 setembro, 2018, de <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/viewFile/1271/1057>.
- Schapiro, M. (1996). *As maçãs de Cézanne: um estudo sobre o significado da natureza-morta*. In: *A arte moderna: séculos XIX e XX. (L. R. M. Gonçalves, Trad.)*. São Paulo, Edusp. (Obra original publicada em 1979).
- Stigger, V. (2014). *Os anjos de Narciso*. In: *Salvador Dalí*. São Paulo, Instituto Tomie Otake.
- Thévoz, M. (s/d). *Freud et l’art*. In: *Art, floie, graffiti, LSD, etc*. Paris: Editions de l’Aire.
- Torezan, Z. F. (2012). *Sublimação, ato criativo e sujeito na psicanálise*. Londrina/PR, Eduel.
- Willer, C. J. (2008). *Magia, poesia e realidade: o acaso objetivo em André Breton*. In: Guinsburg, J. & Leirner, S. (Orgs.). *O Surrealismo*. São Paulo: Perspectiva.

Entre vista

Entrevista com Aurélio Souza Sobre o ato analítico

A generosa e efetiva colaboração do psicanalista Aurélio Souza com a ALPL é, desde a fundação da instituição, um fato de extrema relevância. Assim, neste primeiro número da Revista ALPL, Aurélio não podia faltar: ele é nosso entrevistado sobre o tema do ato analítico, eixo de trabalho de 2018 da ALPL.

Revista ALPL: No Seminário “O ato analítico”, Lacan trabalha o conceito de ato analítico de forma articulada ao final de análise e à passagem à analista. Estas formulações o levam ao desenvolvimento do procedimento do passe. Qual a sua leitura sobre essas concepções de Lacan a respeito do ato e da passagem à analista?

Aurélio Souza: Para responder a estas questões, vou alterar um pouco a ordem que você colocou, falando primeiro sobre o “final da análise” e à “produção do analista”. Em relação à essa primeira questão, vou considerar, de início, a diferença entre o “término de uma análise” e o “final de análise”.

Ao comentar sobre o “término de uma análise”, trata-se de uma condição que estará sempre implicada a um fato temporal e, dessa maneira, relacionada a uma interrupção, ou a uma saída da análise, que podem ser determinadas por diferentes motivos e a qualquer momento. Quanto, ao “final da análise”, corresponde à finalização de um trabalho, de um processo, ou mesmo, à resolução de uma “equação”, uma expressão utilizada por Lacan, que se inscreve desde uma demanda inicial de análise, dirigida a um analista, e que o convoca a operar, de uma maneira prudente e tolerante, sem prometer, ao demandante da análise, felicidade ou uma cura de seus sintomas. Uma análise, portanto, não corresponde a uma questão terapêutica, mas a uma condição que irá possibilitar um tipo de Saber, que se constrói através de diferentes “fixções” que se relacionam com o Gozo e o desejo, um desejo sempre inconsciente e que, ainda, no final da análise, tenha-se a produção de um “Sujeito advertido”. Já no seminário sobre o “Ato Analítico”, além de diversas questões levantadas por Lacan, sobre esse tema, ele afirmava que o resultado final de uma análise produz, também, uma modalidade necessária, embora não suficiente, para a passagem de analisante a analista.

Com efeito, se no curso de uma análise, o analisante descobre que quer ser analista, ou mesmo que já existe uma vontade de ser analista, para que possa levar adiante seu projeto, ele deverá significar, no curso da análise, uma função identificada como “desejo do analista” e procurar desenvolver um tipo de “relação alegre com o saber inconsciente”, que ele próprio inventa. Por isso mesmo, deve-se abandonar a noção do inconsciente, como algo das origens, da ontologia, ou ainda, como uma condição que guarde uma realidade prévia para o Sujeito, para concebê-lo como “um saber que se estrutura como uma linguagem”. Por isso mesmo, o inconsciente não deverá ser investigado a partir de seus conteúdos, como muitas vezes tem sido concebido,

em outras áreas do conhecimento, nem mesmo como um saber epistemológico, mas como algo a ser inferido e avaliado, no curso de Análise em Intensão.

Retornando ao comentário inicial, o analisante quando chega ao “final da análise”, ele, ainda, não é analisado, pois não se trata de uma simples passagem, para desempenhar essa função, nem que ocorram situações de um “ato declaratório” para isso. Como você lembrou, no seminário sobre o Ato Analítico (sem. XV), Lacan já afirmava que essa passagem de analisante a analista, não ocorre através de qualquer processo dedutivo, nem mesmo vai depender de alguém, ou de alguma Instituição que possam tomar a responsabilidade, para garantir que um analisante atue como analista e faça um desempenho dessa função.

Assim, para participar deste campo do saber analítico, desempenhando uma prática, com a função de analisado, embora uma análise possibilite essa modalidade necessária e, mesmo, possível para se tornar analista, ainda assim, não é uma condição suficiente para desempenhá-la. Portanto, para dar continuidade a seu projeto, o analisante deverá desenvolver uma transferência de trabalho, fora da análise, obedecendo à essa proposição, sugerida por Lacan, em que ele possa dar um “salto”, ou até mesmo, fazer uma “passagem-ao-ato esclarecida”, buscando uma Instituição, uma Escola, ou um agrupamento de analistas, para que estas diferentes “comunidades de experiências analíticas” possam se constituir num espaço, onde por sua própria conta, mas, sobretudo “entre outros”, venha depositar algo do que ocorreu no curso de sua análise, ou do que se realiza em sua prática, quando ele já a desenvolve. Assim, que possa compartilhar no social, o saber que existe no Real, como uma teoria, como uma doutrina e, ainda, “fazer provas de sua capacidade”, através de escritos que venham dar suporte à sua fala. Em torno desta questão, Lacan evocou, ainda, em seus últimos seminários, que se levasse em conta a importância da letra ou da carta (“lettre”), como uma maneira de adesão ao projeto de se fazer analista; algo que pudesse fazer uma substituição à noção do Passe, que embora tenha sido uma ideia acolhida e que existe, ainda hoje, em diversas Instituições e Escolas de Psicanálise, não é excessivo se considerar, que ela fracassou em seus objetivos. Com efeito, a solução proposta por Lacan, para substituir o Passe, foi que se evitasse a “debilidade”, daquele que se enfeita na exibição de uma “formação personalizada” e, também,

A prática da análise, portanto, constitui-se num “discurso sem palavras” e se torna uma prática de leitura

vou acrescentar, que traga títulos de uma pós-graduação acadêmica, ou ainda, através de cursos que procuram se encarregar da “formação de psicanalistas”, com ensinamentos de curta duração. Nada disso possibilita, de uma maneira rigorosa, essa passagem de analisante à analista.

Revista ALPL: Qual a diferença entre o ato médico e o ato psicanalítico?

Aurélio Souza: Esta é uma pergunta importante, pois coloca em questão a clivagem que existe entre a Psicanálise e a Ordem Médica, ou mesmo com as Ciências e a Academia. Desde Freud e, sobretudo, com Lacan, a Psicanálise tem sido fundamentada a partir de um anti-anatomismo essencial e, assim, quando se considera um “ato médico”, trata-se de algo que se afasta da prática analítica, pois obedece a uma lógica instituída por um saber médico, científico e acadêmico, que na atualidade se constrói, inclusive, a partir de uma implicação com a oferta dos medicamentos. Assim, um “ato médico” pode ser considerado como uma condição que vai estabelecer um diagnóstico, uma terapêutica e, mesmo, um prognóstico, de diferentes patologias, que afetam o corpo e a mente, comprometendo o Humano.

Em contrapartida, quando se fala do “ato analítico”, ele só pode ser considerado e avaliado, a partir de uma Análise em Intenção, quando se considera a presença de um Ser-de-linguagem-e-de-sexo, isto é, de um Sujeito dividido que participa de um dispositivo de discurso, construído sob transferência, entre o analista e o analisante. O “ato analítico”, portanto, é algo que ocorre de uma maneira pontual e que, num primeiro momento do ensino de Lacan, mantinha uma prevalência do Simbólico, sendo concebido, inclusive, como um “ato significativo”, que estava implicado à noção de repetição. Embora essa noção de repetição possa até mesmo representar o Sujeito, ela não possibilita que ele possa se reconhecer neste “ato” que o funda, pois, cada “ato”, mesmo que possa representá-lo, sempre o modifica.

Mais tarde, quando Lacan elaborou a noção de Discurso e, ainda, quando introduziu a topologia da cadeia borromeana, na Psicanálise, ele passou a considerar que o “ato analítico” não se fundamenta a partir de coisas importantes ou sérias que o Sujeito possa falar, pois quando ele é convocado a participar da análise, sustentado por um analisante, submetido a uma associação automática e à transferência, ele tem suspenso em sua fala, qualquer noção de valor ou de verdade, no que é dito; assim, o “Discurso do Analista”, concebido através de uma topologia construída por lugares e letras, o que se torna essencial, não é o que se diz, nem mesmo o que se vê, ou o que se escuta, mas aquilo que se atualiza num Dizer, à medida que “ultrapassa em muito a palavra”. A prática da análise, portanto, constitui-se num “discurso sem palavras” e se torna uma prática de leitura, onde em todo “ato”, deve-se

procurar identificar qual o sentido que é produzido na análise, com um valor do Imaginário, um valor do Simbólico e, sobretudo, um valor do Real.

Revista ALPL: Lacan propõe que o ato analítico deve produzir algo novo e está definido por três operadores: alienação, verdade e transferência. Gostaríamos que comentasse esta formulação.

Aurélio Souza: Para comentar sobre esta questão, vou considerar, de início, que o “ato”, na análise, não é do analista, mas trata-se de uma condição que pode decorrer de uma intervenção do analista. Por isso mesmo, quando um “ato” se mostra, numa análise, é algo que se realiza sempre sobre transferência e que vai estar implicado nessa relação discursiva entre o analista e o analisante. Em relação à alienação, ela contempla a implicação do Sujeito à linguagem e, mesmo, à topologia do significante através destas duas operações, de “alienação” e “separação, que Lacan, no início de seu ensino, formalizou como responsáveis pela própria constituição do Sujeito. Essa condição simbólica da alienação corresponde a esse processo inaugural, em que esse somatório de Lalingua promove, constituindo e incorporando o Sujeito, e, ainda, dando suporte à definição do “inconsciente estruturado como uma linguagem”. Essa condição linguageira e, mais tarde, enriquecida a partir da cadeia borromeana, ela vai determinar que o “ato”, mesmo que possa sempre representar o Sujeito, por uma condição lógica e mesmo topológica, ele não se identifica, de início, e nem mesmo pode se reconhecer, neste “ato” que o funda. Quanto à verdade, é uma noção a se considerar com alguma sutileza. Em geral, ela tende a ser identificada como uma adequação entre o “pensamento e a Coisa” e tendo o “saber”, como algo a seu serviço; a verdade tende a dar fundamento às crenças comuns que são elaboradas sobre os objetos e os elementos da natureza, que habitam nas diferentes realidades do Sujeito. A partir de um determinado momento de nossa Cultura, mesmo que não mais se recorresse às religiões e à magia, para assegurar a eficácia de uma “verdade” revelada, Descartes, desobedeceu essa condição e manteve um monopólio de uma garantia atribuída a Deus, para se elaborar o que ele nomeou de um “Saber autônomo”, que se apresentava diferente das teorias do conhecimento até então reveladas. Com o desenvolvimento das Ciências, a “verdade” passou a ser formalizada através de axiomas, isto

quando um “ato” se mostra, numa análise, é algo que se realiza sempre sobre transferência e que vai estar implicado nessa relação discursiva entre o analista e o analisante

é, como proposições gerais que eram consideradas como “verdades evidentes”, por elas mesmas. Isso serviu ao discurso científico para produzir uma clivagem entre a “verdade” e o “saber”, que passaram a ocupar posições antinômicas, com uma disjunção, que não é excessivo se considerar, que fez eco à invenção da Psicanálise.

A partir dessa clivagem entre a “verdade” e o “saber”, Freud instituiu um corte entre o pensamento e a “Coisa” (“Das Ding”), nos fundamentos que propôs para a Psicanálise. Mais tarde, Lacan, quando procurou fazer uma leitura do Imaginário dos textos de Freud, foi adiante sobre esta questão. Assim, ao ter extraído os fundamentos da Psicanálise, da linguística estruturalista, propôs uma equivalência entre o “Discurso da psicanálise” e o “Discurso da Ciência”; assim, Lacan considerou que o “sujeito da ciência”, que estaria presente no “discurso do Mestre”, é o mesmo responsável pela prática analítica. Todavia, logo em seguida, ele considerou que a “verdade” e “saber” passavam a ocupar posições antinômicas, instituindo um tipo de discordância, uma disjunção que veio fazer eco, para novas formalizações da Psicanálise e, sobretudo, para uma outra concepção do Sujeito, como uma função divergente do enunciado cartesiano; assim, ele afirmava que “aí, onde eu penso, eu não sou, ... aí, onde eu sou, eu não penso”. Dessa maneira, o Sujeito, na Psicanálise, tornava-se um Sujeito “falado” e “pensado”, que só poderia dizer a “verdade”, de uma maneira limitada, como uma “meia-verdade”, que vinha confirmar a incompletude da estrutura e limitando o sentido de qualquer coisa que o analisante, sob a função de Sujeito, viesse a falar, no curso de uma análise.

Revista ALPL: Você considera que o conceito de ato analítico e de final de análise, propostos por Lacan neste Seminário de 1967, mudaram após os desenvolvimentos feitos nos anos seguintes? Nos referimos tanto ao trabalho de Lacan com a lógica, quanto com a topologia da cadeia borromeana.

Aurélio Souza: Vou afirmar que Lacan modificou bastante os fundamentos da prática e da teoria analítica, no curso de seu ensino. Para dar um encaminhamento a estas questões que você formulou, vou considerar um período que contempla os Seminários “De um Outro ao outro” e “A Psicanálise pelo avesso” (Sems. XVI e XVII). Nessa ocasião, ao visitar a matemática e a lógica, aproximou-se do axioma do “Par Ordenado”, para

conceitualizar e desenvolver uma nova concepção de estrutura, na Psicanálise. Considerou que a cadeia de significantes, que contemplava uma condição simbólica, não mais estabelecia uma simples relação de oposição entre eles, mas de que a própria relação entre dois significantes, passava a adquirir o valor de um significante. Assim, escrevendo-se dois conjuntos, {a} e {b}, para colocá-los como um Par Ordenado, o sub conjunto {a} vai estabelecer uma relação, não mais com o sub conjunto {b}, mas com a própria relação do primeiro com o segundo, {a, b}. Dessa maneira, quando se procura escrever essa conexão do significante que vai ocupar o lugar do Sujeito (S), com o “Outro significante”, denotado por A maiúsculo (A) - $S \rightarrow A$ - através do axioma do Par Ordenado, deve-se obedecer à proposição de que enquanto o primeiro subconjunto da conexão é {S}, o segundo subconjunto deixa de ser (A), para se constituir na própria conexão $\{S \rightarrow A\}$; uma condição, portanto, que se escreve como $\{S\} \rightarrow \{S \rightarrow A\}$, obedecendo, ainda, a essa proposição lógica, de que o primeiro subconjunto, {S}, está incluído no segundo subconjunto, $\{S \rightarrow A\}$.

Lacan para avançar, ainda, com esse axioma do Par Ordenado, considerou nessa “coexistência” de significantes, uma condição em que o “Outro significante” (A), poderia ir sendo substituído, de uma maneira contínua, pela própria conexão que ele representa ($S \rightarrow A$). Dessa maneira, a escritura anterior passaria a ser mostrada como $-S \rightarrow \{S \rightarrow \{S \rightarrow \{S \rightarrow \dots A\}\}\}$, guardando essa condição lógica, de que esse deslocamento que tende para o infinito e nunca chegará a seu final, formaliza a existência de “buraco”, no lugar do “Outro significante” (A), que passava a ser denotado pelo “pequeno (a)”. Portanto, como um corolário dessa proposição lógica, o “grande Outro (A) toma a forma de pequeno (a)”, ou melhor, ele se mostra “em-forma de pequeno (a)”. Uma condição, portanto, que altera a escritura anterior para $S \rightarrow \{S \rightarrow \{S \rightarrow \{S \rightarrow \dots a\}\}\}$.

Com efeito, a partir dessa nova escritura, Lacan procurou tirar outras consequências, afirmando que “o grande Outro não existe”, desde quando adquire o estatuto de “pequeno (a)”. Assim, deixava de ser uma questão importante, se o Outro é completo ou se falta um significante em sua estrutura, mas de que esse “grande Outro em-forma de (a)”, passaria a se fundamentar na

o Sujeito, na Psicanálise, tornava-se um Sujeito “falado” e “pensado”, que só poderia dizer a “verdade”, de uma maneira limitada, como uma “meia-verdade”

topologia de um “dizer matemático”, que se tornava equivalente à própria noção de estrutura, com uma “dimensão” do Real. Em segundo lugar, a escritura desta coexistência de significantes adquire, também, o estatuto de uma outra “forma especializada de Saber”, que vem mostrar através de um deslocamento contínuo da cadeia de significantes, uma modalidade impossível de que este Saber possa ser “todo” apreendido, por mais longe que se vá, nesse jogo lógico e linguageiro.

Nesse lugar impossível do Real, que adquire a função de causa material do Sujeito, os significantes que se repetem, vêm mapear o “ato” de um Dizer que institui, dá contornos e consistência à própria noção topológica do “buraco”, como a estrutura da Psicanálise. Dessa maneira, o “ato”, na Psicanálise, passava a ser concebido a partir dessa tipologia, como equivalente a uma “dimensão do Dizer”, implicado à noção de Discurso.

No início de seu ensino, quando propôs um “retorno à Freud”, ele tratou da prática analítica como uma “erótica”, que tinha como um princípio regulador, esse enunciado de “não ceder quanto ao desejo”; uma condição que tomava o estatuto de uma Lei e que passaria a funcionar como uma ética, para o ofício da Psicanálise. Em seguida, utilizando-se de uma homofonia, extraiu a letra “h” do significante “ét(h)ique” (“ética”) e o transformou em “étiquette”, uma “pequena etiqueta” que instituiu a prática analítica a partir de um “cerimonial”, que indicava a cada um, o analista e o analisante, seu lugar, sua função e, mais ainda, o que cada um teria que dizer e fazer, numa análise. Assim, obedecendo a essa “pequena etiqueta”, a prática analítica deixava de se constituir numa relação entre dois indivíduos, duas pessoas ou mesmo entre dois sujeitos que participassem de um espaço comum, para se constituir num tipo de “laço social”, que ele atribuiu a noção de Discurso. Mais tarde, ainda, quando incluiu a cadeia borromeana, na Psicanálise, ele produziu alterações importantes na prática e na teoria da Psicanálise, modificando a própria noção do “ato analítico” e do “final de análise”.

Partindo de uma erótica, a uma ética e passando por uma “pequena etiqueta”, Lacan avançou, considerando a importância dos adornos e das aparências, nas diferentes realidades do Sujeito, chamando atenção para o que nomeou, numa das aulas do Sem. RSI, de uma “cosmetologia, cosmeticulosa”, que colocava a Psicanálise sob a categoria de uma estética.

Ele desenvolveu essa proposição através de diversos elementos, dos quais vou considerar alguns deles. Propôs uma homotopia entre o objeto (a) e o Sujeito que, dessa maneira, passava a ocupar o “co-

Vou afirmar que Lacan modificou bastante os fundamentos da prática e da teoria analítica, no curso de seu ensino

ração” dessa estrutura borromeana, sob a função de um artesão. Com um desdobramento dessa condição, o Sujeito não mais trabalharia a fundo perdido, mas como um artesão, tornava-se responsável para desenvolver um saber-fazer (“savoir-faire”), na análise, podendo inventar o próprio saber inconsciente que o determina e mais, ainda, com um trabalho que o tiraria da apatia, ou mesmo, de uma sonolência causada, sobretudo, pelo gozo do Corpo, que o deixa preguiçoso e “ronronando”, na ilusão do prazer, ou mesmo, “adormecido” pelas drogas, outros vícios e, também, as medicações. Nesse trabalho da análise, ao poder se desembaraçar (“savoir y faire”) dos efeitos de gozo, produzidos pelo Real, Simbólico e Imaginário, que se escrevem na própria estrutura borromeana, como gozo fálico, gozo do Outro, gozo-sentido e gozo do objeto e que se manifestam através dos sintomas, das manifestações somáticas, dos estados limites, entre outros, o Sujeito procura “se-fazer-Ser”, por suas obras, por seus adornos e, Lacan, ainda, jogando com uma polifonia, no francês, afirma que o Sujeito busca se fazer um “escabe-lo” (“escabeau”), algo que pode colocá-lo numa posição superior. Ele utiliza, ainda, outros significantes “l’hessecabeau” (incluindo o (h) para um “homem belo”), “il se croit beau” (“ele se crê belo”), determinando uma outra estatura para Sujeito, que procura se escrever, na análise, “consolidando seu Eu”, para se ver diferente do que era, de que possa se ver “belo” (“escabeau”).

Além destas questões, deve-se considerar que uma análise não responde a uma questão terapêutica, mas a uma prática, que a partir do que “ex-siste de Real”, no inconsciente, isso passa a se constituir não só na própria mestria da psicanálise,

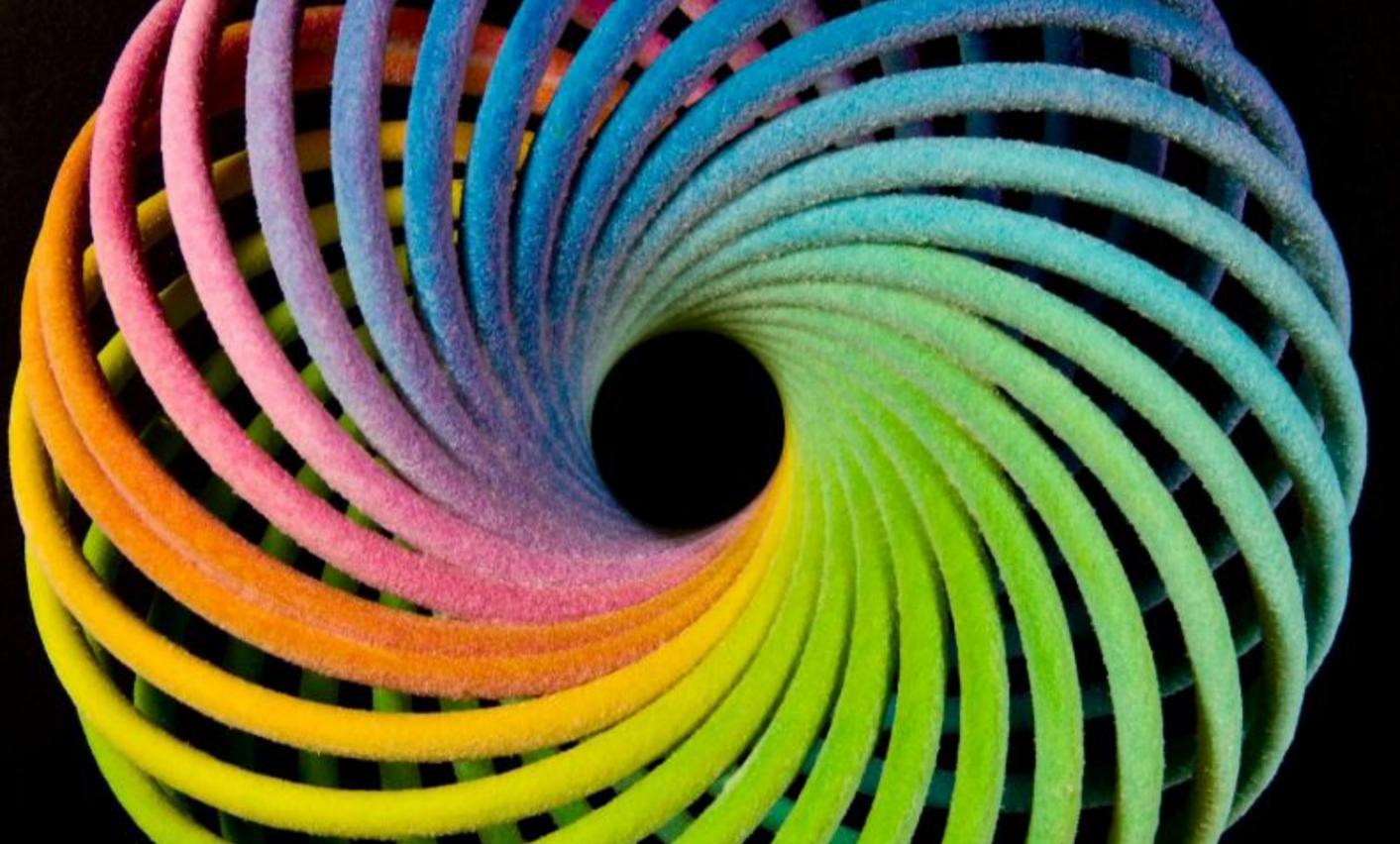
como se trata de uma condição, que vai entregar ao Sujeito sua própria loucura. Aqui, não se trata do reconhecimento de uma patologia, mas de que se possibilite ao Sujeito, o objeto (a) que lhe cabe, sob a forma de um “não sentido” e que, assim, ele possa ir fundando seu “estilo”. Isso não corresponde a uma maneira de falar, nem mesmo àquilo que, mais adiante, possa identificar sua forma de conduzir uma análise, desde quando isso é sempre algo que se inventa a cada momento.

Com efeito, será a partir de seu “estilo”, que ele poderá definir sua posição, seus limites e a maneira de intervir na associação automática em sua posição de analisante, produzindo um desdobramento daquilo que é dito, num “dizer”, que se torne susceptível de ser ativo, de operar e de produzir algo novo. Um “significante novo” que convoca a presença de um UM, que venha possibilitar ao analisante ressoar, ou a ler de uma outra maneira aquilo que disse e que possa produzir algo com um efeito de interpretação.

Na interface com a linguística, a noção de interpretação está muitas vezes relacionada a ação de se explicar algo, de dar uma significação clara a uma coisa obscura, de dar aos fatos, aos atos e às palavras um novo sentido, daquele que já se possui. Pode, ainda, ser considerada como a arte de interpretar o verdadeiro sentido de um texto, ou de constituir-se num esclarecimento que o analista tende a produzir, nas diversas formações do inconsciente que se realizam através da fala do analisante. Uma condição que pode mesmo ser compartilhada, como uma operação de fazer consciente o que é inconsciente, ou mesmo que guarde um sentido de “interpretar as resistências” do analisante. Lacan, no entanto, já no primeiro período de seu ensino, chamou atenção para vários tipos de intervenções verbais produzidas pelo analista, tais como explicações, gratificações, respostas à demanda, insight, confrontação, chamando-os de “dizeres esclarecedores”, que nada tinham a ver com a noção de interpretação. Mais tarde, considerou que o Sujeito, na análise, sofrendo estes efeitos de um saber que existe no Real, que o maltrata, que lhe causa horror e sofrimento, ele é intimado a ler de “outromodo” aquilo que diz, obedecendo a uma Lei, que determina e segue uma “ética do Bem-Dizer”. Aqui, não se trata de falar eloquente, bonito, ou mesmo com uma retórica adequada, desde quando, em associação automática o sujeito terá suspenso qualquer noção de valor e de verdade, naquilo que diz. O “Bem-Dizer”, portanto, corresponde a uma fala que busca as ressonâncias entre o que o sujeito diz e o gozo que afeta o corpo que o sustenta, podendo-se identificar, a cada momento, efeitos do real, do simbólico e do imaginário, que estão ligados de uma maneira especial, a partir dessa estrutura borromeana.

Uma fala, portanto, que gira em torno de algo que não se pode dizer, o “Real”, e que tende a manter o Sujeito sempre em sofrimento e culpa, convocando-o, desde cedo, no curso de sua ex-sistência, a inventar um “outro saber”, que possa diminuir seu sofrimento. Um saber sem sujeito, um saber inconsciente que não sabe sobre o gozo que afeta o corpo que o sustenta, mas que pode colocar limites através do desejo, isto é, pela própria estrutura que segue a Lei. Assim, deve-se ir construindo, no curso da análise, diferentes maneiras de se defender do Real.

Dito de outra forma, o que analisante diz, passa a fazer parte de uma escritura que vai ser utilizada pelo analista, para fazer cortes e produzir equivocações; ou ainda, através de “pequenos golpes”, ou de



pequenas manipulações que possa produzir na fala do analisante, que isso venha possibilitar algo, de que aquilo que foi dito, faça “soar” outra coisa que o sentido da fala, que faça “soar” algo diferente, na estrutura, podendo ser escrito de uma outra maneira e capaz de instituir outra condição para o sujeito, convocando-o a ler de um “outro-modo”, aquilo que foi dito. Uma condição que implica à própria noção de interpretação, que desta maneira, passa a ser uma tarefa da responsabilidade do próprio analisante, é ele que interpreta.

Com efeito, ainda, é o próprio trabalho da análise que faz o analisante sob a função Sujeito, a resolver uma “equação”, que se inscreve desde sua demanda inicial e que se conclui, com um “final de análise”, através de diferentes “fixções” de um Saber, que possa dar conta do sexo, da vida, da morte, dos enigmas de sua existência. Mais, ainda, a resolução desta “equação”, não só produz um “Sujeito advertido”, como inventa um Saber, que ao ser construído e enunciado, como um saber inconsciente, funda, cada vez, um novo “ato”, que passa a fazer parte da hystória do Sujeito e que possa tornar seu sofrimento mais suportável. Portanto, o Sujeito ao trabalhar implicado à própria função do “objeto (a)”, ele se torna equivalente ao próprio objeto, assumindo uma condição de “semblante” do objeto (a), que é próprio agente do Discurso do analista.

O “final da análise”, portanto, é uma equação que o Sujeito soluciona, adquirindo uma modalidade possível para vir a ser analista, não dependendo de qualquer Instituição, Escola, ou mesmo de uma avaliação universitária, para que possa julgar e determinar o caráter legítimo dessa sua passagem para analista. É a partir, por-

tanto, de sua própria análise, quando aprende a se desembaraçar de seu “sintoma”, condicionando a ordem do que é capaz de dizer e fazer, que o analisante sem passar por qualquer padrão standard de aprendizado, pode desempenhar, mais tarde, uma função de analista, reproduzindo os percursos pelos quais passou, em sua análise.

É através desse trabalho de análise, que o analisante sob a função Sujeito terá que significar essa condição identificada, por Lacan, como “desejo do analista” e, ainda, que possa, por ele mesmo, se autorizar como analista. Mais tarde, Lacan acrescentou, ainda, que “o analista não se autoriza senão por ele mesmo... e por alguns outros”. Essa proposição lacaniana, tem sofrido, muitas vezes, no brasileiro e em outras línguas, leituras e traduções equivocadas, quando passou a ser usada como “o analista não se autoriza senão de si mesmo”. Com efeito, ele não tratou desta questão sob esse enunciado, pois o “se autorizar de si mesmo”, ou “por si mesmo”, coloca uma condição contraditória, entre uma posição reflexiva do “si mesmo”, em oposição a uma proposição que sofre o efeito de um terceiro elemento, um “ele” impessoal e que vai ser fortalecido, pela segunda parte do enunciado, “e de alguns outros”. Dessa maneira, o analista para “se autorizar por ele mesmo”, não decorre de uma declaração egoica, com a qual ele possa se “auto-ri-(tuali)-zar”, como analista, mas de uma condição lógica, em que é preciso que “haja analista”, para que ele possa se autorizar.

Todavia, é preciso se considerar, ainda, que nem

sempre quem chega ao “final da análise”, já é analista, pois somente esta condição da análise, como uma modalidade necessária e possível, não é suficiente, para produzir um analista. Assim, para dar continuidade à sua vontade de ser analista, o analisante sob a função Sujeito, no “final da análise”, não deve procurar fazer provas de sua “normalidade”, mas de seguir a uma convocação, para ocupar um outro lugar, através de uma transferência de trabalho, construindo essa passagem a partir de uma consequência lógica, através de “um salto”, como uma metáfora concebida por Lacan, como uma “passagem-ao-ato” esclarecida, a ser continuada como membro de uma Escola, Instituição, ou de um agrupamento de analistas, para encontrar a condição “suficiente” para seu projeto.

Portanto, esta passagem de analisante a analista, não decorre através de qualquer processo dedutivo, nem mesmo vai depender de alguém, ou de qualquer Instituição que possa tomar a responsabilidade, para nomeá-lo e garantir que ele faça um bom desempenho de sua função, como analista. Assim, o que havia sido privado, em sua Análise em Intenção, deve passar ao comum e, ainda, que o singular do Saber que existe no Real, possa ser compartilhado, no social, como teoria, ou como doutrina, possibilitando ao Sujeito fazer provas de sua capacidade, no futuro, como analista

Revista ALPL: Qual a sua definição de ato analítico?

Aurélio Souza: Após os comentários anteriores, vou tomar posição e propor uma leitura sobre o ato analítico. Esta noção do “ato”, na psicanálise, não corresponde a uma manifestação de movimento, a uma descarga motora ou mesmo a um “ato reflexo”; até mesmo em relação ao “ato falho”, para que

adquirir o estatuto de um ato analítico, vai depender do que Lacan chamou de uma “pulsão do inconsciente”, ou melhor, de que esteja colocado numa Psicanálise em Intenção.

De início, o “ato” foi definido como um significante, implicado à “repetição” e como algo que funda o Sujeito. Aqui, quando me refiro à “repetição”, não se trata de uma realização, no presente, de um acontecimento do passado, nem mesmo de uma reprodução do idêntico, mas de um “ato” que vem fundar o Sujeito, celebrando, cada vez, o fracasso de seu encontro com o Real, produzindo algo que faz rupturas em sua história. Essa concepção do “ato” e da repetição não só atualiza essa noção do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, como institui o “ato”, implicado a uma pura e simples paixão, como foi sugerido por Lacan, em certo momento de seu ensino. Um tipo de paixão pelo significante, já que o Sujeito quando sofre os efeitos de um determinado evento do Real, que o afeta no pensamento ou no corpo que sustenta, ele é sempre convocado a significá-lo, a colocá-lo em palavras. Assim, a “paixão”, isso que faz o sujeito sofrer, não só é mostrado como uma realidade operatória, na análise, mas, também, vai corresponder a uma efetividade que alcança o campo da linguagem, através de ditos que se sucedem e que podem ser elevados à categoria de “ato”, como uma concepção, de início, que implica essa condição necessária de uma prevalência do Simbólico.

Lacan, no período de seu ensino, entre os seminários “De um Outro ao outro” e “A Psicanálise pelo avesso” (Sems. XVI e XVII), retomou em diversos momentos a noção do “ato”, relacionando-o com o recalque (Verdrängung) e com o desmentido (Verleugnung), assim como, voltou a interrogar a noção de estrutura. Aos poucos foi se afastando de uma predominância do

Simbólico, que havia sido priorizado até então, para dar à estrutura uma dimensão do Real, que veio a ser contemplada, de uma maneira mais eficaz, através da cadeia borromeana, que passou a ser concebida como a própria estrutura, da Psicanálise.

A cadeia borromeana corresponde a uma estrutura construída a partir de três anéis, enlaçados de uma maneira especial, em torno de um “buraco”, produzido pela própria condição da linguagem e obedecendo a uma axiomatização rigorosa, em que se qualquer um deles se separa, a cadeia borromeana se desfaz de uma maneira automática; cada um destes anéis é representante do Imaginário, do Real e do Simbólico. Ao se convencionar para estes anéis, a presença de “cruzamentos” e “arcos”, a cadeia borromeana perde a categoria de uma ilustração, de um modelo, ou mesmo, de um desenho, para ser concebida como uma escritura, em que um primeiro anel (o representante do Simbólico) é sobreposto por um segundo (o do Real), tocando-o em dois pontos, e o terceiro (do Imaginário) vem ligá-los, passando por cima do que está por cima e por baixo do que está por baixo, sem que nenhum deles penetre no buraco dos outros dois; aqui, pode-se ainda inferir que essa estrutura borromeana, após ter sido concluída, não se pode

O “Bem-Dizer”, portanto, corresponde a uma fala que busca as ressonâncias entre o que o sujeito diz e o gozo que afeta o corpo que o sustenta

mais identificar qual é o primeiro ou o terceiro anel, pois eles têm uma mesma posição no espaço, eles apresentam uma isotopia.

A partir da importância que a cadeia borromeana adquiriu na Psicanálise, Lacan sugeriu que a prática analítica não deveria visar só o inconsciente, mas, também, se ocupar desses “caroços do Real”, de onde brota o pensamento. Assim, diante desse Saber do Real, que emerge repetidas vezes, no curso de uma análise, o analisante sob a função de Sujeito deve usar de sua “arte” e de sua “poiesis”, para instituir limites aos diferentes tipos de gozo que o afeta através do Imaginário, do Simbólico e do Real, de uma maneira contínua.

Além destas questões colocadas, Lacan vai, ainda, considerar que embora o Sujeito esteja implicado numa condição topológica, ele é ao mesmo tempo hys-tórico. Mais uma vez, jogando com essa homofonia, não é excessivo se considerar que o “ato analítico”, a partir da topologia da cadeia borromeana, na Psicanálise, não mais trata de buscar a verdade, que se sustenta de uma ética apofântica, revelada numa vertente simbólica, mas que se deve buscá-la como uma “variedade da verdade” (“varité”), outro neologismo inventado por Lacan, que se realiza em unidades de espaço-tempo e que seja singular a cada um. Assim, a partir da importância que os sons passam a ter na análise, promove-se “significações aproximadas”, já que não se sabe o que se vai produzir, como mais-gozar, numa análise.

Assim, a partir do “canto” do que se fala, algo que se desloca da tonalidade à modulação da voz, o sentido ressoa no Imaginário, no Simbólico e, sobretudo, no Real, através das letras e dos significantes, não só produzindo efeitos no corpo, como também no pensamento. Isso é determinado, na análise, pelos “pequenos golpes”, ou pequenas intervenções que analista produz no discurso do analisante, fazendo soar em “ato”, outra coisa que o sentido da fala. Algo que convoca o analisante a produzir novas leituras, em relação ao que diz e que vai consoar com o que é do inconsciente, que ele inventa; uma condição que passa a produzir diferentes “efeitos de sentido”, do Imaginário, do Real e do Simbólico, para mantê-lo acordado e poder levar sua análise até o final.

Dito de outra maneira, o analista deve fazer soar outra coisa que o sentido, que ressoa com a ajuda do significante, no que se diz. Lacan chegou a considerar que só o que ressoa, isso não vai longe, é “frouxo” (“mou”). Portanto, deve-se sempre procurar ir além do sentido, isso que tampona uma análise, considerando que se deveria buscar uma ajuda, na “escritura poética”, desde quando a poesia não pode ser reduzida somente à escritura, isso que expressa uma ressonância no corpo, pois ela é, também, um “canto”, onde da tonalidade

Isso é determinado, na análise, pelos “pequenos golpes”, ou pequenas intervenções que analista produz no discurso do analisante, fazendo soar em “ato”, outra coisa que o sentido da fala

de à modulação, opera-se um deslizamento.

Com efeito, não se deveria manter somente uma intervenção sobre a polissemia do significante, mas ir à busca de uma outra ressonância, que vai além de um efeito de sentido. Isto é, que se possa produzir um efeito de “não-sentido”, de um efeito “buraco”, que vise o Real. Ou seja, que o sujeito durante uma análise, a partir do que diz e das escansões através das quais o Sujeito vai inventando o inconsciente que o determina, ele deverá se responsabilizar, também, a inventar dizeres, até aquele que o satisfaça, procurando responder ao enigma colocado por sua condição de falante, em relação a diferentes elementos de sua existência.

Outra condição, ainda, a se considerar, é para estabelecer uma relação entre o “ato” e a ideia da criação, que aqui não corresponde simplesmente ao mito das origens. Desde o seminário da Ética que Lacan trata da “criação”, a partir da presença de um vazio, de um “buraco”, em torno do qual o significante se movimenta, para refundar, só depois, o mundo do sujeito. Trata-se de uma criação ex-nihilo, portanto, a partir do “nada” e que, de início, esteve próximo a uma concepção religiosa. No entanto, mais uma vez, na prática da análise, essa condição vai se modificando, pois é a partir dos efeitos da estrutura da linguagem, de *Lalíngua*, como Lacan a nomeou, que vai se criar o “nada”, que faz movimentar o Simbólico e, também, o Imaginário.

Assim, se no início de seu ensino, o “ato” era significante”, implicado à repetição, a essa noção que funda o sujeito e se atualiza, sempre, sobre esse fundamento do “inconsciente estruturado como uma linguagem”, logo em seguida, ele veio a se manter comprometido a um tipo de “paixão”. Vou considerar como uma “paixão pelo significante”, já que o sujeito quando sofre os efeitos de um determinado evento do Real e que o afeta, no pensamento ou no corpo que o sustenta, ele é intimado a significá-lo, a colocá-lo em palavras. Dessa maneira, a “paixão”, isso que faz o sujeito sofrer, ela não só é colocada numa realidade operatória, numa efetividade que alcança o campo da linguagem, através dos ditos expressos pelo analisante, que bus-

ca sempre um sentido, como, também, ela é elevada à categoria de “ato”, através destes próprios ditos que se sucedem e vão estar implicados ao Real. Portanto, essa concepção do “ato” implicava essa condição necessária, de uma prevalência do simbólico e de uma noção de estrutura, definida pela topologia do significante.

Ao contrário do que se poderia esperar, a partir do momento que Lacan implicou a Psicanálise à lógica, à matemática e à topologia, ele não parou de insistir nessa questão, de que o “ato analítico” não se funda a partir de coisas importantes ou sérias que o analisante diga, mas, muitas vezes, das bobagens que diz e que nomeou de “elogio à besteira”. A Ciência tem tratado de algo próximo a essa condição, através de uma noção que se desenvolveu sob a forma de uma “causalidade não linear”; algo que possibilitou a existência de outros paradigmas, como a “teoria das catástrofes”, de René Thom, ou ainda, a “teoria do caos”, de Ilya Prigogine, a partir dos quais é possível se afirmar que, algumas vezes, pequenas causas podem produzir grandes efeitos, grandes catástrofes, como o exemplo, em que a batida das asas de uma borboleta pode determinar fortes efeitos climáticos à distância.

Assim, a partir de pedaços do Real, presentificados num “espaço-tempo de base”, o Simbólico vai tecer, num tipo de função contínua, através de uma operação equivalente àquela do modelo de Kripke, dos “mundos possíveis”, uma condição de acessibilidade, quando se pode identificar, em “ato”, na análise, isso do Real que afeta o sujeito, possibilitando que ele construa “fixções”, que possam dar conta da vida, da morte, do sexo, de eventos de sua existência e, sobretudo, deste próprio “enigma do Um”, que o constitui e o inscreve, no “coração” da própria cadeia borromeana.

Trata-se de um “UM”, que não unifica, mas que mantém uma relação com a letra, com a escritura que vem instituir um “saber-fazer”, que dá apoio ao pensamento. Aqui, a escritura e a letra determinam uma condição que obriga o sujeito, como um dever ético, “a fazer algo” (“il faut le faire”), como um como um “ar-

tesão”, que inventa sua arte através de um “saber-fazer-com” (“savoir-faire-avec”) pedaços do Real; além disso, nesse trabalho com o Saber inconsciente, que ele, também, inventa, através de uma constelação de “falas impostas”, que não necessitam serem compreendidas, mas que se tornam capazes de produzirem um “significante novo”, que não está ligado à história do sujeito, à repetição e nem mesmo ao retorno do recalcado, mas a algo que se realiza com sua arte, como uma invenção, ou mesmo, como um elemento que não traz qualquer espécie de sentido, mas que se torna representante dessa consistência do Real, como um “enxame”, que o implica.

Na prática da análise, o analisante sob a função Sujeito, quando é colocado em associação automática, ele tem suspenso qualquer noção de valor ou de verdade no que diz. O próprio discurso analítico quando é concebido como uma tipologia, ou melhor, como uma topologia, não corresponde só ao que o analisante diz, nem mesmo do que pode ver, mas diz respeito àquilo que se mostra numa “dimensão” do Dizer, quando ultrapassa as palavras e procura dar conta do que se escreve. Assim, a prática analítica passa a ser concebida como um “discurso sem palavras”.

Por fim, o sujeito quando sofre os efeitos da cadeia borromeana, que tem uma dimensão do Real, mesmo que ele se mostre representado por um significante que o atualiza a cada momento, ele não pode se reconhecer como sujeito, neste “ato” que o funda, já que o ato o modifica a cada momento. Muitas vezes, comprometido pelos efeitos que o “ato” pode causar, quando suspende sua possibilidade de poder duvidar, essa condição o impulsiona a agir, a realizar ações, através de mostrações que se atualizam como “actings-out”, ou como ejeções que o expulsa da própria estrutura, produzindo “passagens-ao-ato”, entre as quais, esta bem-sucedida, que é o suicídio. Condições, no entanto, que só poderão ser investigadas e avaliadas, como um “ato analítico”, no curso de uma Análise em Intensão. Vou parar, desta vez, por aqui.

Obrigado por essa oportunidade de fazer a Psicanálise circular, mais uma vez.

Aurélio Souza é psicanalista membro fundador do Espaço Möbius - Salvador, instituição que completa 27 anos em 2018. Com ampla e extensa prática clínica, uma das marcas de seu trabalho é a clareza no trato das proposições lacanianas. Com a amabilidade que lhe é característica, Aurélio aborda, na entrevista que nos concedeu, questões fundamentais para o trabalho analítico, com rigor e profundidade, mas de forma direta e clara. Que o leitor possa desfrutar, como nós, desta rica experiência de trabalho. Mais uma vez, obrigada, Aurélio.

Zeila Torezan
Coordenação editorial

Normas de submissão e publicação

1. Os artigos submetidos para publicação na Revista ALPL devem ser inéditos, salvo traduções consideradas pertinentes e relevantes pela comissão editorial.
2. A submissão e publicação de artigos em língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol) serão aceitas. Caso o autor deseje a publicação em português, a tradução ficará a seu encargo.
3. Resenhas, entrevistas e ensaios e que estejam articuladas à proposta e objetivos desta revista, podem ser enviados para apreciação.
4. Os textos deverão seguir as normas técnicas da APA e as especificações aqui definidas:
 - 4.1. Resumo em português, inglês e francês (ou espanhol) composto de 200 a 250 palavras. Três palavras-chave separadas por ponto.
 - 4.2. Documento no formato Word for Windows; fonte Arial 12; Espaço 1,5 justificado em ambas as margens de 2 cm.
 - 4.3. Citações a partir de 4 linhas devem conter espaço simples, recuo à esquerda e à direita de 3 centímetros e fonte Arial 11.
 - 4.4. As notas devem estar no final do texto (Arial 10, espaço simples), antes das Referências Bibliográficas.
 - 4.5. As citações bibliográficas devem ser inseridas no corpo do texto, sempre de acordo com as normas da APA. O número de Referências Bibliográficas não pode exceder a 15.
 - 4.6. Os artigos devem ter um mínimo de 7 e um máximo de 10 páginas, incluindo os 3 resumos, figuras, gráficos, quadros, imagens, notas de fim de texto e referências bibliográficas. Entrevistas e ensaios devem ter de 3 a 10 páginas. Resenhas devem ter até 3 páginas.
5. Os textos devem ser enviados com a identificação, dados pessoais, e-mail e afiliação institucional em página separada, para o e-mail da Revista:

revistaalpl@gmail.com

6. O parecer favorável dos avaliadores não implica a publicação automática dos artigos. As publicações seguirão a ordem de recebimento e aceite para publicação, de acordo com a política editorial da Revista ALPL e com o volume de artigos submetidos e avaliados positivamente. Se o artigo aprovado não for publicado no prazo de um ano, o autor poderá informar sua desistência de publicação junto a esta revista.

7. Os autores de artigos publicados na Revista ALPL, conferem à redação da Revista ALPL os direitos de indexação, em redes nacionais e internacionais.

8. Dúvidas podem ser encaminhadas para o e-mail da revista.

Revista ALPL

Associação Livre - Psicanálise em Londrina

www.associacaolivrepsicanalise.com.br

